FALAR DOS MEUS AMORES INVISÍVEIS

Socorro Lira

Liraprocult

Copyright © 2020 by Socorro Lira

LIRAPROCULT EDITORIAL

EDITORA: Socorro Lira

PROJETO GRÁFICO E EDIÇÃO: Roberto Costa Guiraud – Designer

DIAGRAMAÇÃO: Equipe Edição por Demanda

REVISÃO: André Braga

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Bernardita Uhart

ARTE DA CAPA: Vanessa Juliana

FOTOGRAFIA DA AUTORA: Iza Guedes

EBOOK EM PDF

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária: Maria Isabel Schiavon Kinasz, CRB9 / 626

L768f

Lira, Socorro
Falar dos meus amores invisíveis [recurso eletrônico] / Socorro Lira; - 2.ed – Curitiba: Liraprocult Editorial 2023..
166p.

ISBN DIGITAL 978-65-999854-0-9

1. Literatura brasileira. 2. Romance. 3. Contos. I Título.

CDD B869.1 (22.ed)
CDU 869.0(81)-1

A realização desta edição deu-se em Curitiba-PR, em fevereiro de 2023.

Socorro Lira

FALAR DOS MEUS AMORES INVISÍVEIS

2ª EDIÇÃO

CURITIBA - PARANÁ

FEVEREIRO - 2023

PREFÁCIO

Maria Valéria Rezende

O que não se podia dizer...

Sim, agora é preciso falar do que não se podia dizer. Não me refiro aqui ao problema que já deu tanto assunto para filósofos. É de vidas humanas encarnadas nas nossas diferenças e na necessidade absoluta da empatia que se trata aqui.

Até há pouquíssimo tempo (até que se anunciasse um novo tempo, esse que muitos querem simplesmente varrer da história) aqueles que detinham o poder conseguiram calar ou punir quem ousava falar, sem que a comunidade humana sequer se desse conta, ou ousasse levantar-se contra a dominação dos poucos que impunham aos demais o modelo de comportamento, de linguagem, de "amor" e até mesmo de "natureza humana" que servia a seus interesses.

A arte sempre foi chamada a dizer aquilo que não se podia falar. A ficção quase sempre é o modo de dizer o que não se pode falar, de dizê-lo ou suscitar que o outro diga aquilo que ficou escondido, ou por proibido ou por nebuloso e difícil de compreender, intuído ao longo do viver,

muitas vezes no nevoeiro de nossos sentimentos e das contraditórias respostas dos outros.

É o que Socorro Lira faz aqui neste romance, em que uma mulher, Ondina, já "oficialmente" velha, fala provavelmente consigo mesma e com quem se propuser a ouvi-la, através do relato de suas experiências e de sua reflexão, fruto da maturidade alcançada por uma vida que não se entregou ao vazio. Todo o texto, mas principalmente os trechos em que a narradora abre coração e imaginação para expor a essência do que descobriu sobre o amor, deixa transparecer a poeta e compositora de enorme talento que a autora já se revelou há muito tempo.

Sim, é preciso falar de toda experiência humana, pois só assim, no diálogo com ela, nos humanizamos passo a passo, e isso se tornou cada vez mais urgente, agonicamente urgente!

Obrigada, Socorro Lira, por nos deixar ouvir, em novos tons, a tua lira.

PREÂMBULO

É um privilégio ter vocês aqui, agora. Será sonho? Não, não é sonho só.

Quando era garota tinha planos para o meu coração. Eu o desejava como uma vila com muitas casinhas de frentes coloridas. Uma azul, outra vermelha, outra amarela, outra lilás. Como numa dessas cidades chamadas coloniais do interior do país. Para cada um dos amores, uma casa. Era assim que eu queria arrumar o amor dentro de mim. A Vila dos Meus Amores, assim queria chamar o lugar misterioso e agitado que viria a ser meu coração. E durante um bom tempo coloquei meu plano em exercício. De alguma maneira eu o realizei, pois consegui, mesmo tendo um só e modesto coração, reunir, numa espécie de linha do tempo da minha vida, um bom número de pessoas que por mim passaram rabiscando paredes, obstruindo vias, liberando fluxos, marcando espaço no meu coração. Mas o projeto de um coração super-habitado, na prática, foi se mostrando inviável. Meu peito ficou apertado demais à medida que era povoado. Fui perdendo a flexibilidade para lidar com os conflitos que surgiam. Não conseguia dar conta das demandas de um território dividido. Não havia regulamento que bastasse, meu coração não o conhecia; ou não reconhecia nenhum desses preceitos que impõem qualquer coisa quando a matéria em questão é a lei do desejo. As crenças, por mais que me circundassem, não davam conta de sufocar os alaridos, que vinham muitas vezes sem voz e se apresentavam como podiam: num tombo, numa batida, num copo cheio, numa garrafa vazia, num sufocamento, numa crise de asma.

Logo vi que não era tão simples levar adiante as relações abertas. Tinha muita brecha, por onde entravam e saiam intrusas, intrusos. Meu peito vivia sacudido por erupções, furacões e tornados sentimentais.

Lembro-me de quando Lúcia me perguntava sobre até onde e quando eu aguentaria amar assim aos pedaços. Ela praticamente estava a me dizer que não ficaria por muito tempo naquele lugar. Eu, que não entendia a mensagem, segui do meu jeito até que ela, Lúcia, me entregou as chaves da sua casinha colorida na Vila dos Meus Amores e... voou. Perdi uma importante inquilina. Só aí percebi que não era fácil isso de ter muita gente num só lugar ao mesmo tempo. Tampouco eu queria um condomínio fechado, desses cercados de muros intransponíveis, com cercas elétricas ou cacos de vidro perfurocortantes.

De alguma maneira vocês continuam a morar em mim, através de minhas lembranças. Mesmo quem passou rapidamente deixou seu rastro nas ruas da minha memória. Saudade? Não sei. Algo assim como reconhecimento. Reconheço que sem vocês eu não seria a mesma. Vocês me fizeram quem sou.

Isto aqui é uma reunião. Um encontro de pessoas que, de alguma maneira, cruzaram um mesmo caminho, o meu. Na vida teci uma rede de caminhos cruzados, algo como um labirinto. Por sorte me lembrei de desenovelar a linha e marcar a passagem de volta. Quantos metros tem um carretel de linha! Não me perdi, não. E, por sorte, se perdi, perdi pouco do que era essencial. Guardei o melhor do que vi e vivi. Vejam como tudo está aqui! Vejam como estamos todas aqui reunidas. Se ainda não se conhecem entre si, apresento-lhes umas às outras. Percebo que algumas vieram acompanhadas, sim? Boas-vindas a quem as acompanha em nossa festa.

Um livro, uma reunião, uma festa.

Se alguém não se reencontrar nestas páginas, por favor, não

fique triste. Veja que tem histórias de personagens cujos nomes deixei em segredo. É que, de tão misteriosas que eram, eu as mantive assim, no mistério. Pois essa é a sua, é para você.

E, se por desventura uma andante das páginas passadas se notar parcialmente revelada sem o querer, esteja ela certa de que contei somente a minha parte. Falei principalmente de mim. Falei tudo o que não pude falar na hora, naquela nossa hora, em circunstâncias adversas. Ouvi alguém dizer que antes da hora não é hora, depois da hora não é hora, só é hora na hora. Quem sabe chegou a minha, o meu tempo de falar, de poder falar, de deixar falar minha língua presa e soltar o verbo represado em minha boca silente anos a fio.

O papel tem a benevolência da escuta. E eu precisava falar.

Falar de mim e de nós me fez tanto bem, que chego aliviada ao fim do trajeto. Chego sem peso. Leve. O que me pesava às costas larguei ao longo do caminho. O que me sustentava, trouxe comigo e levarei sempre. É como se tivesse mergulhado de um lado e chegado à outra margem do rio numa única respiração. Difícil, mas revigorante. O lugar tranquilo do qual agora podem desfrutar é um coração lustrado pelo tempo. Meu coração foi amaciado no amor e na dor também. Mas tudo se esgota quando a gente quer, de modo que neste ambiente preferi guardar apenas o bem do amor.

Minha visão adolescente de uma Vila dos Meus Amores se concretiza nas ruelas deste lugar por onde agora passeiam meus olhos e minhas melhores lembranças. Que linda noite! Que belo momento vivo agora! Mal posso acreditar que, depois de atravessar penedos, cheguei aqui com pequenos arranhões, somente. As feridas mais fundas cicatrizaram enquanto caminhava. Sobraram leves sombras, marcas ligeiras, e já não me doem. Curiosamente não sinto mais a dor de antes.

Como quem paga promessa em local sagrado, daqui da altura dos meus anos, aproveito para agradecer a quem não me levou a sério por entender que eu estava vivendo e aprendendo, a quem

me recebeu apesar da minha confusão, a quem me teve compaixão em vez de desprezo na hora em que precisei, a quem me dedicou paixão e amor por me considerar merecedora, a quem amou meu louco amor, também sincero.

Quem diria que eu chegaria inteira a este lugar? Pois cheguei!

E, se as convido a sentar comigo à mesa, é porque são bem-vindas. Mais uma vez, bem-vindas.

Deixemos para trás, do passado, o que não interessa mais e o que dá para prescindir. Nos momentos de dificuldade, foi ao melhor de nós que me agarrei. Foi no que acertamos que me segurei e baseei os passos seguintes.

Foi da seiva do amor que inventamos que não morri de fome. Terá faltado alguém? Sim, creio que sim.

Então, que esteja em paz onde estiver. Esta noite é de alegria e comemoração e não há espaço para nostalgia.

Brindemos à nossa saúde!

Falei demais?

Desculpem. É que eu tinha gana de falar. Perdoem-me se só pude falar agora.

Só tive vontade de falar agora. Importante é que falei.

Aprendi a falar inclusive do menos sensato, do menos direito, do menos bonito. Falei ao papel e ele seguirá falando de mim e de nós.

Falar cura.

∞∞∞

> [...] Assim, para quem ama, o amor, por muito tempo e pela vida afora, é solidão, isolamento cada vez mais intenso e profundo. [...] O amor é uma ocasião sublime

> para o indivíduo amadurecer, tornar-se algo em si mesmo, tornar-se um mundo para si, por causa de um outro ser; é uma grande e ilimitada exigência que se lhe faz, uma escolha e um chamado para longe.[1]

Lembrei-me das palavras de Rilke e elas me deram perspectiva.

Minha solidão doía tanto a ponto de dilacerar a serenidade conseguida em momentos de reflexão profunda sobre o amor e a (minha) vida. Eu pensava que meu bem-estar pertencia a outra pessoa. Procurava fora pelo que precisava dentro. Ledo engano buscar felicidade em coisas ou em pessoas. Injusto esperar tanto de alguém. Mas eu não sabia. É preciso dizer, a crianças e jovens em formação, onde pode residir a felicidade. Pode-se até não dizer onde ela, a felicidade, reside. Mas onde não reside, sim, isso é preciso indicar a alguém que está aprendendo a viver. Não criar ilusão desnecessária ao coração jovem já é um cuidado. Antes, prepará-lo para o confronto inevitável com a existência. Pode doer.

A força do redemoinho está no centro. E disso eu não sabia. Gravitei no entorno inutilmente, até aprender que a força está dentro.

> Superar a ansiedade de uma luta interna;
> superar a angústia de esperar na incerteza;
> superar o desejo de me confundir
> e de me fundir com aquela alma irmã.
> "[...] Porque me abandonaste?"[2]
> Como não odiar diante da minha dor?

Amando-me mais do que a qualquer outra coisa ou pessoa. E amando de alguma maneira essa pessoa pelo benefício de despertar em mim o meu amor, o meu melhor. Amando-me com compaixão pela minha covardia e com paixão pela ousadia de amar sempre que o fascínio tomar conta de mim. Apesar do longo, solitário e sinuoso percurso, percebia-me mais perspicaz, hábil e enternecida.

Aos poucos me ia arredondando com as pedras do rio inteiro que sou. Minhas arestas iam-se polindo no atrito com as arestas de outras pedras na medida em que desciam, rio abaixo, os anos. O coração esbarrava em outros e, na fricção, tomava forma mais brilhante. Ele tinha que não apenas esguichar sangue, mas precisava irradiar luz capaz de me salvar da escuridão da alma que farejava as mais sutis entranhas... Que subia a mais alta montanha até cair no mar, de onde sairia limpa para seguir em frente. Porque não havia razão para não continuar.

O meu amor por você é para mim.

Com a idade que tenho percebo que muita coisa mudou. Meus amigos e minhas amigas jovens me contam de seus amores agora visíveis e falam com dignidade, com orgulho e desenvoltura, com luz nos olhos e o olhar altivo. Observo, exultante, as duas jovens, Y e B, que frequentam esta casa. Vejo-me nelas. Elas são eu há quatro décadas no que diz respeito à ousadia de enfrentar e de romper. Mas elas podem mais, pois já nasceram livres para o amor. Andam de mãos dadas à luz do dia e não escondem nada de ninguém. E não têm vergonha do amor confessado. Fizeram suas famílias entenderem que são felizes juntas. Elas são lindas. Duas lindas mulheres juntas porque se querem e se amam até onde o amor valer. E isso é tudo. Escolhe-se ver corpos físicos condicionados ou consciências libertadas.

–Sim, nossas famílias sabem, porque fizemos que elas soubessem. Às vezes fingem que não sabem, porque fingir pode ser mais divertido. Vejam os atores! – diz Y.

Essa carta não termina nunca, meu caro jovem poeta!
Outras vidas escreverão, nela, suas histórias.
Em algumas delas o amor se atirou pela janela,
noutras se retirou;
noutras se redimiu, noutras se condenou;

> noutras se escondeu, noutras se precipitou;
> noutras aconteceu de rejuvenescer;
> noutras se reconheceu e se cumpriu.
> Em todas, sempre amor.

Aquecendo ou aquecido, doado ou recebido, minha cara amiga, sempre amor.

Sem culpa de nada vamos pela vida, e por nosso caminho passam outros. Nunca houve nem haverá erro em cruzar caminhos e mudar destinos. Sempre será permitido experimentar até descobrir-se e descobrir qual deles melhor nos levará ao nosso lugar de descanso, onde depositaremos nosso coração nômade, peregrino de longa e bem ou mal passada experiência.

Em minha extensa jornada afetiva, desde muito jovem eu rezava uma oração ao meu coração perturbado. Eu pedia a ele que tivesse calma. Dizia-lhe que nem tudo é peia, nem tudo é palma. E que um dia nós, eu e meu coração, haveríamos de entender alguma coisa que fosse, mesmo que só um pouquinho, dos labirintos sentimentais com os quais nos debatemos durante toda uma vida intensa e tensa compartilhada entre eu, meu coração e meus amores invisíveis.

∞∞∞

> [...] pertencia a uma resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito.[3]

De profissão, sou auxiliar de escritório, datilógrafa e assistente social. Durante muito tempo trabalhei como secretária numa empresa do ramo da eletrônica na cidade-sede do município onde nasci. Cidade de médio porte, no interior, onde as pessoas mais velhas mantinham hábitos rurais agora um tanto deslocados, enquanto as sedutoras novidades tecnológicas se anunciavam às novas gerações.

Tudo, então, era imitado e importado: a moda, a música, o

amor. Coisas novas também são boas. De repente, além de tudo, tínhamos um cinema e uma companhia de teatro da cidade. Alguns meninos começaram a tocar seus instrumentos. A rádio. Também ganhamos uma estação rádio AM que em horários nobres transmitia, em cadeia, o noticiário da região mais rica do país. Assim é que, de onde estávamos, ficávamos a sonhar com as maravilhas daquele mundo rico, tão distante de nós.

Ouvia-se música pelo rádio. Umas que a gente nem entendia, coisa do tipo *ailóvio bêibi*. Os meninos que começavam a tocar seus instrumentos logo se puseram a cantar assim para suas meninas. Tava na moda dançar agarradinho uma coisa chamada música internacional. Tudo o que se chamava "internacional" impunha respeito, principalmente porque não sabíamos o que aquilo era. Mas se supunha que era coisa importante, coisa de quem sabia mais do que nós dali, daquele nosso lugar sereno.

Houve uma migração em massa do solo árido para as terras férteis do sul. Primeiro o êxodo do campo para a cidade, depois para as grandes cidades em busca de dinheiro e melhor condição de vida. Enriquecer. Era a isso que se chamava vencer na vida. Ter sucesso era ganhar bastante dinheiro, ter casa bonita e carro, muita fartura de gente a bajular o sujeito vencedor. E foi assim que a palavra sucesso perdeu seu sentido.

Em qualquer área, em qualquer ofício, o mais importante era subir na vida. A escalada, quase sempre penosa, mas cabrito bom não berra. O sujeito disposto que trabalhava feito um animal de carga na construção civil ou nas grandes fazendas de monocultura das regiões ricas era "antes de tudo, um forte!" – assim sentenciou um ilustre jornalista de alta casta, depois de nos classificar de povo feio e raquítico, pobre coitado, a parte desnutrida da nação, entre outros adjetivos, no clássico *Os Servos*.

Mas o tão acalantado sonho de enriquecer a custa de muito trabalho honesto raramente se concretizava. Gente que trabalha

muito não tem tempo de ganhar dinheiro, reza o dito popular.

Nasci justamente naquela região, mas poderia ter nascido em outro lugar. Qualquer parte da Terra poderia ser meu lugar. Um lugar sem nome, também poderia ser. Desconfio de que sou de lugar nenhum. Ou de todos ao mesmo tempo. É que me vejo nômade, desenraizada, completamente desamarrada no mundo. Minha história de vida se parece com outras histórias de vida, é verdade. Vida comum, minha vida é comum, começa do mesmo jeito que muitas vidas começam, para terminarem exatamente do jeito que devem terminar.

No entanto, às vezes não! Por vezes uma história começa sem fim. É possível uma história sem fim? Ou o fim estar por fazer?

Particularmente, penso que meu pacote veio incompleto, meu fim estava por inventar. Sou uma mulher como outra qualquer do planeta. Maria como outras Marias dotadas de potencialidades também e que podem se reinventar.

Eu era secretária e cuidava de anotar as coisas da empresa onde trabalhava, isso fazia parte do ofício. Gostava tanto da ideia de fixar imaginações em papel, que fiz um bom curso de datilografia e me tornei ótima na função. No trabalho sempre mantive meu serviço em ordem. Entretanto, cada tempinho livre de que eu dispunha aproveitava para escrever coisas importantes para mim, as minhas coisas, uma espécie de diário de folhas soltas. Eu usava rascunho. Uma e outra folha de papel que se perdia do serviço eu as usava para os meus escritos. Foi assim que juntei um bom número de páginas escritas e algumas delas estão reunidas aqui. Nunca tive a pretensão de publicar minhas histórias, não, pois desconfio que sejam algo bastante comum, além de pessoal, e isso não interessaria às pessoas, imaginava. Mas agora que não tenho pressa de nada e me preparo para viver bem meus próximos anos de vida, agrada-me a fantasia de contar, para quem quiser saber, quem foi e como viveu Ondina Maria do Prado.

Eu me chamo Ondina.

Como eu disse, de profissão, por muito tempo fui secretária e datilógrafa. Depois me formei em Serviço Social, na faculdade. A essa altura eu morava sozinha numa casa da Rua Glória, com meus gatos. E tinha um cachorro também. Na varanda, algumas plantas. Roseiras, principalmente roseiras, sempre gostei de rosas. Eram vermelhas, amarelas e brancas, mas me afeiçoava mais às de cor vermelha, têm uma beleza misteriosa.

Aprendi isso das rosas vermelhas.

Desde cedo evitei coisas que me poderiam privar do que eu estabeleci como propósito para minha vida. Metas simples, é fato, mas importantes para mim. Ainda menina sonhava com liberdade, a liberdade que não está fora, que não está apenas nos pés nem nos passos, mas, sobretudo, dentro, no interior da gente. Eu imaginava uma vida que fosse a mais aproximada possível do que eu desejava para mim, do que queria mesmo ser, coerente com a minha compreensão do mundo. Eu quis ser livre tanto quanto é possível sê-lo. Fiz escolhas que me custariam muito. Renunciei a outras tantas coisas que não me fizeram falta.

Agora sou uma velha de sessenta e cinco anos. Digo uma velha, sim, como não? Gosto de ter vivido meus bons sessenta e cinco anos, sem contar os que ainda terei pela frente. Meus cabelos brancos não negam que enfeitam a testa de uma mulher da minha idade – eles me denunciam, logo não vou fazer disso um mistério. Uma vida bem vivida é para ser lembrada. As marcas do tempo em meu rosto testemunham sobre mim.

Recebo jovens em minha casa. Tenho amigos e amigas jovens que me visitam. Vêm aqui para conversar e ouvir música. Vêm ouvir minhas histórias e contar as suas também – algumas engraçadas, outras trágicas, outras nem tanto, nem tão pouco. Histórias, simplesmente histórias.

Uma vida se faz de muitos momentos. É como uma sucessão de contas do rosário. Minha vida é um rosário. Lembro-me do rosário azul e branco de minha avó Sofia. Não que eu seja religiosa daquelas que rezam terço e rosário. É que a ideia de contas... Cada continha posta numa linha, uma a uma, é como se fosse cada dia, cada situação, cada acontecimento enfileirado ao longo de anos e anos de uma vida toda.

Pedacinhos de vida, pedacinhos de tudo, pedacinhos de felicidade.

Das histórias contadas ao redor da fogueira à juventude que me visita, tirei algumas para compor este livro, que não tem lá grandes pretensões, mas a leve intenção de travar uma conversa franca com quem se propuser a me acompanhar nesta breve jornada de contadora de causos. Conversa de natureza íntima, como se dá entre pessoas que aos poucos vão se conhecendo a ponto de não haver mais segredo de uma para a outra. Aqui, um pequeno caminho de algumas páginas feitas de impressões dessa mulher, com o olhar dela mesma sobre a própria vida. Essa mulher que, enquanto viver, procurará por si e por seu lugar no mundo.

∞∞∞

MULHERES DE SANGUE

Sofia, a avó. Tinha olhos verdes, estatura mediana, pele branca queimada de sol. Era uma mulher forte. Teve duas filhas e seis filhos e um único homem em toda a vida, até onde se sabe. Este a deixou por outra mulher ainda cedo, ficando ela com a difícil tarefa de criar e educar, sozinha, a prole. Ou pelo menos de não deixá-la morrer de fome e de doença de pobre como a desnutrição, coisa muito frequente na região onde vivia.

Sofia tinha um pequeno sítio, uma posse de poucos hectares de terra sem escritura de onde tirava o sustento para a numerosa família, juntando os netos e netas que vinham de casamentos mal fadados das filhas e dos filhos, até não caber mais na grande casa de taipa onde se enfileiravam as redes de dormir. E onde, na cozinha, cochilava o velho fogão de trempe com o feijão que servia toda a gente. Chamava-se trempe as três pedras arrumadas em formato de triângulo, no chão, onde se acendia o fogo e se apoiava a grande panela de barro.

Era do suor de Sofia que todo mundo comia.

Sofia morreu doida. É assim que se chama a perda de memória pelo avanço da idade, no interior: doidice, doença de velha, caduquice.

Ah, Sofia, para que nasceu?

Que pergunta infame!

Tudo continua, começa e não termina em você, mulher! Teria mesmo que ser punida por ter vindo a este mundo. Teria mesmo que receber a punição mais severa: a pena de uma vida dura, de uma larga vida literalmente ao sol. Uma vida de deveres e de obrigações. De sol quente e terra árida – como era seco tudo ali! Conheceu bem as obrigações e os deveres. Prazer? Ah, o prazer... Quais foram os seus contentamentos, mulher?

Pelo grande terreiro da casa de Sofia passavam cantadores, violeiros e seresteiros. Clementina, sua filha mais velha e minha mãe, falava de um tocador de viola cego e aleijado. Quem sabe a vida lhe sorriu em algum momento de distração, Sofia! Quem sabe, ó querida Sofia, o destino se descuidou e você gozou de um lampejo qualquer de gosto na vida... Vida esta que você sentia amarga e que queria adoçar com a última colher de açúcar do fundo da lata. Seu café era tão doce que mais parecia mel.

– *De amargo já basta a vida.*

Sua voz permanece vibrante em minha memória dizendo isso quando nos visitava em nossa casa, a que ficava no meio do caminho que dava para a casa de Inocência, a rezadeira que nos curava os quebrantos e todos os males.

Entendi minha avó: amargo só em última hipótese. Só se não tiver rapadura, só não havendo jeito algum.

Já perto de morrer, andava o dia inteiro dentro do pequeno sítio, sol a pino, a procura de uma passagem na cerca de arame farpado trançado com garrancho de jurema preta; uma passagem que fosse para ir até a bodega de Severa, a severa bodegueira que, certo dia, aborrecida com as queixas de cegueira da velha Sofia, pôs *durex* em seus olhos mantendo-os dolorosamente arregalados até que alguém, caridosamente, tirasse aquele empecilho da vista de minha avó.

– Severa botou um remédio nas minhas vista, mas em vez de eu ver melhor fez foi secar meus 'ói' que nem cacimba no fim.

Ela se queixava de vista curta, o avanço da idade lhe tirou também a visão. O mundo já não era o mesmo, a seu ver. Pois Severa lhe abriu os olhos com fita adesiva, um modo de castigá-la ainda mais, como se já não bastasse a vida que tinha. Pobre Sofia. Sofia rima com sofria.

Morreu em casa de Úrsula, sua filha mais nova e minha tia, de quem eu nunca gostei muito.

De Sofia nasceram Clementina, a filha mais velha e minha mãe, e Úrsula, a tia que traria a terrível sina de ser mãe sozinha. Diziam que era puta, talvez por isso eu não gostasse dela. Embora não entendesse bem o que era ser uma puta, aquilo me soava coisa ruim pelo que ouvia as pessoas adultas comentarem. De puto eu nunca ouvi dizer.

Lembro-me do velório da minha avó. Foi um acontecimento como todos os outros velórios que havia ali. O povo se reunia para beber o defunto e passar a noite velando-o entre café, cachaça e muita piada engraçada. Choro, bem pouco. A morte acontecia com certa dignidade. Normalmente em casa, com a assistência da família e da vizinhança. Seja na própria casa ou na de uma parenta. Sofia morreu em casa de Úrsula, foi assim. Morrer ali era natural e esperado. Ninguém praguejava nem berrava desesperadamente, não. Como se entendessem a morte como uma parada inevitável. Riso, muito riso e descontração pelo grande terreiro. Enquanto umas mulheres faziam, lá dentro, as despedidas com terços e incelências.

Uma menina que nasce ali já nasce com destino traçado e, mais fortemente, se nascer numa família muito pobre. Sua sina é, em geral, o casamento precoce e um bom número de crianças para criar, se der sorte, com um companheiro. Muitas vezes são deixadas, estrada afora, com a responsabilidade de alimentar e cuidar das crias

que vão juntando ao longo da vida, dos vários homens que encontram pelo caminho. É muito importante uma mulher dali arranjar um dono que lhe dê um nome, uma procedência, uma credencial de mulher direita. E, se assim não for, é porque se mudou algo no curso da história; ou alguém arrancou a folha no livro da predestinação; ou deus piscou os olhos e não a viu nascer... Ou outra coisa qualquer aconteceu.

Mas a Maria em questão,
Vinda daquele sertão
Não sabe, não sabe não,
Para que lado é seu norte
–
Se "pruculá" ou "pruqui"...
Veio pra matar a morte?
Pra enredar outro mote?
Ou foi pra quebrar o pote –
o que entorta a cabeça
das mais Marias de ali?

Clementina, a que seria minha mãe, casou-se ainda cedo, fugida, com um rapaz da vizinhança.

– *Era um bom homem, foi bom marido pra mim. Trabalhador, não deixava faltar nada em casa.*

Sem nunca o ter visto, gosto dele por isso, acho que Clementina foi até feliz.

Casou-se fugida, não se sabe de que nem para quê, pois não havia muitos meios de se escapar de um casamento. Fugir apressava as coisas, era isso.

Era assim que aconteciam alguns casamentos no interior: o

rapaz roubava a moça e, "não tendo mais jeito", restava à família, depois de muito resmungar e maldizer, aceitar a união sacramentada pelo vigário da paróquia mais próxima. Foi assim que Clementina se casou, com seus mais ou menos dezesseis anos de idade, ficando viúva logo cedo e com um rebanho de gente a tiracolo. Dos filhos homens, uns viraram agricultores, outros comerciantes e outros bebedores profissionais.

Nasci do segundo casamento de minha mãe. Meu pai era um homem honesto e trabalhador. Essa mulher, a primeira filha da velha Sofia, como a chamavam, tinha muita força, tinha fibra de sobra. Ela vinha de uma linhagem de mulheres sábias. Descendia de uma tribo que fora praticamente dizimada quando da tomada dos territórios. Na aldeia, suas ancestrais protagonizavam o tipo de organização matrilinear. Mulheres e homens tinham funções semelhantes e a liderança era concedida pelo merecimento que cada pessoa adquiria perante seus irmãos e irmãs. Era pelo conhecimento que detinha e pelo serviço que prestava a sua comunidade que alguém se tornava um mestre ou uma mestra – um *griot* ou uma *griotte* a serviço de quem precisasse. Não era pela força, jamais pela imposição da força física. Clementina era, sim, herdeira longínqua desses princípios que, de pouco em pouco, foram se perdendo ao longo dos séculos. Esse tipo de saber era de longe e dali mesmo; vinha de muito tempo. Era simples e não custava nada, estava ao alcance de quem o quisesse. Foi com minha mãe que aprendi noções de justiça, de ética, de política e de cidadania. Tais ensinamentos começavam cedo, em tenra idade. As crianças nem percebiam e já estavam aprendendo coisas importantes para a vida.

Na tribo não precisava frequentar escola para se ter ciência, não. Havia um conhecimento que só se aprendia no grupo onde a criança que nascia e se desenvolvia. Era um conhecimento prático, aplicado ao cotidiano para não se perder, já que não estava escrito em livros. Era um tipo de saber depositado na memória e exercitado cotidianamente para ser lembrado e vivenciado.

Para o tipo de saber que se aprende em escolas tem os livros. Nesse caso não importa tanto se o conhecimento é praticado no dia a dia porque estará guardado na estante. Se for preciso, lança-se mão dele na prateleira de uma biblioteca ou de uma livraria. O saber de Clementina e de suas ancestrais, não. Porque não estava depositado em lugar físico. Elementar, era repetido todos os dias, como um ritual, para não se perder da memória.

Aprendi com minha mãe sobre ervas que curam, sobre rezas que afastam mau-olhado, sobre como as fases da lua interferem no plantio e na colheita – e no juízo das pessoas, alterando humores –, sobre como os bichos se comportam na natureza e muitas outras coisas. Incontáveis lições sutis, sem hora marcada nem lugar predefinido. A sombra das árvores servia bem de espaço de aprender. Ela me dava dicas para longo prazo. Tinha coisas que eu não entendia de momento. Algumas delas eu só entenderia tempos depois.

Minha mãe, Clementina, me passava instruções. Contava-me com orgulho as histórias de nossas antepassadas para eu aprender o que precisava saber. E a escola complementou. Foi na escola que aprendi dos professores e das professoras, dos livros, dos autores e das autoras. Sou agradecida às pessoas que me ensinaram coisas muito importantes na escola. Devo-lhes minha profissão e, finalmente, meu sossego de trabalhadora aposentada. Aposentei-me com um salário que me permitirá viver tranquilamente meus anos vindouros. Mais do que preciso, menos do que mereço. O suficiente. Na vida escolar passei por todas as séries: primeira, segunda, terceira, quarta... Até chegar ao final de uma importante etapa, quando me formei em Serviço Social. Na escola me graduei. Nela aprendi a tabuada e outras coisas da Matemática. Aprendi sobre Ciências Naturais, História e Geografia. Sobre a Filosofia da História e História da Filosofia. Aprendi sobre parte da história da humanidade de que se tem conhecimento. Ensinaram-me sobre as artes e a música eme encantei. Estimularam-me a questionar todo esse conhecimento e eu o questionei.

Quanto ao oficio de datilógrafa, aprendi ainda mais cedo, quando cheguei à cidade. Era um curso técnico importante na época.

Sou a sexta filha de Clementina. Tenho duas irmãs: Carmem, que veio antes, e Catarina, que veio depois de mim.

Carmem é a mais velha. Branca, de olhos quase verdes, era linda quando mocinha. Todo mundo gostava dela e dizia parecer uma flor singela que, nascendo onde nasceu, não teria força bastante para desabrochar com o vigor que teria em terrenos mais férteis. Ou seja, "não tinha futuro, não". Ela, Carminha, como a chamávamos, com aquela beleza toda e segundo as alcoviteiras do lugar, merecia era um bom casamento, com um rapaz trabalhador que viesse a tomar conta dela. E que isso não demorasse para que não acontecesse a desgraça de alguém bulir com ela antes de casar. Essa ideia de alguém bulir com uma menina moça aterrorizava a cabeça das mães e das filhas. Era como se mexer com a filha alheia fosse, de certo modo, um ato até encorajado aos homens. Uma quase autorização para impor suas vontades com força. As mulheres é que deviam "se cuidar" para não acontecer tal desgraça.

O número de investidas violentas contra mulheres era e ainda é altíssimo. Sendo que, na maioria das vezes, elas ficam caladas por vergonha ou medo de serem desacreditadas e mal faladas. Em tempos mais remotos a lei era: buliu, casou. Não casou, pai ou irmão da moça matou.

A menina branca de olhos quase verdes logo cedo tratou de arranjar um noivado com o filho de criação – um encostado – do patrão, dono da fazenda onde morávamos de favor por muita bondade daquele a quem devíamos reverenciar e servir nos trabalhos da roça e do gado. Ele [O Dono da fazenda] era respeitado, obrigatoriamente, por todo mundo. Nós lhe devíamos isso. Quanto ao

casamento de Carmem, sabíamos que aquele não era um bom negócio, mas ela quis fazê-lo assim mesmo. Não ouvia a uma só alma boa que a advertia da conduta do futuro marido, o filho adotivo do patrão. Cegou de paixão.

O maior defeito do noivo, segundo as más línguas, era a preguiça. Era um rapaz preguiçoso. O resto – a cachaça e a violência com que a tratava – era hábito normal em um casamento, porque "os homens são assim mesmo". E as mulheres também. Condição *sine qua non* e não há que questionar, não.

Carmem saiu da casa da nossa mãe em busca de uma vida melhor, à procura de uma liberdade a ser conquistada ao lado desse homem seu marido. Vimos seu sonho virar pelo avesso, pena. Liberdade: eis uma esperança que alimenta grande parte das mulheres que se casam cedo e que, não raramente, é frustrada.

Teve três filhos e uma filha que cresceram à imagem e semelhança do pai.

Lamentável sina de mãe que não pode deixar de sê-lo. Uma vez mãe, não tem mais jeito. Não foi por falta de aviso, não. Mas de que adianta isso agora? Depois de anos de casamento o marido a abandonou, sem prejuízo, pois já lhe acrescentava pouco. Como dizia ela, bem fazia aquele traste em ficar longe. Agora, com uma boca a menos dentro de casa, seguiu adiante com a responsabilidade de alimentar e cuidar das crias. Educar é coisa mais delicada. E a história se repetia.

Tempos depois, Carmem adoeceu de tanto sofrimento. As humilhações, os enxovalhos, as decepções, a ardorosa jornada de trabalho. Tudo isso somado a levaria ao esgotamento físico e mental crônicos. Por sorte teve uma filha que cuidaria dela, junto com minha mãe e minha irmã mais nova. Como sempre, as mulheres se ajudavam. A mãe cuidava da filha, que cuidava da irmã, que cuidava da mãe. Já os homens da família, nesse sentido, serviam bem pouco. Sempre foram servidos e acostumados a receber cuidados. Cuidar é coisa de mulher.

As mães são fiéis reprodutoras dos velhos modelos e, sem muito esforço, acabam por recriar os velhos sistemas familiares. Entre eles estavam os deveres matrimonias, dos quais uma mulher casada não deveria se esquivar. Assim, a menina já cresce sabendo que tem obrigações a cumprir. Ou a negar. Aquele modelo antigo de organização social matrilinear praticamente se perdeu no tempo.

Carmem, em um de seus acessos de loucura, mordeu o filho mais velho, que a pegou pelos cabelos e a jogou no chão.

– Ingrato! Nem se importou com os seios murchos que o alimentaram, com aquela coisinha seca, tão magra e indefesa que o alimentou a vida toda, que cuidou da gripe dele, que segurou a barra dele desde que nasceu.

– *Ela não merecia* – cravou a vizinha do lado.

Carmem adoeceu de desgosto. Desligou-se, rompeu com a vida que tinha. É um mecanismo extremado de defesa do organismo debilitado pelo cansaço da luta diária, pela tristeza do abandono e pela dura certeza de que nem tão cedo terá descanso. Só fugindo teria algum sossego, um alívio temporário, ao menos. Só adoecendo para receber um mínimo de cuidado que jamais teve. Com Carmem foi assim.

Carminha doeu, doeu tanto que nunca mais sarou.

Minha outra irmã é **Catarina**, uma menina alvinha que já veio depois de mim. Era uma criança linda, doce e bruta também. Uma pedra a ser trabalhada lentamente pela natureza, estivesse ela num sistema natural. A cultura, esta sim trataria de domá-la.

Quando novinha quase morreu de desnutrição. Mas Carmem, nossa irmã mais velha, pegou aquela coisinha de nada em seus braços e andou doze quilômetros a pé, desde o sítio onde

então morávamos até a cidade, para salvá-la da morte. Eu a acompanhei nessa jornada de sol no meio do céu e estrada de chão. Quando raramente passava um carro, cobria-nos daquela poeira amarelada e densa. Naquele tempo não havia muitos automóveis como hoje, quando as linhas de montagem dão cria numa velocidade estonteante a esses seres de lata que empestam a Terra.

Eu levava uma bolsa com cueiros enquanto Carmem, um pouco mais resistente do que eu, carregava nos braços aquela pequena pra lá de fragilizada.

– *Vaso ruim não quebra* – dizia Carmem, para se convencer de que seu esforço valeria a pena e que a falta de tudo não tragaria a caçula do clã da velha Sofia.

Catarina escapou da morte. Desaprendeu a andar e a falar por algum tempo, mas depois começou a dar novos passinhos, uma grande vitória da teimosia.

Depois de ver a morte de perto, Catarina cresceu, ficou adolescente, virou uma garotinha terrível. Culpa da nossa mãe? Não, já não dava para cobrar isso de Clementina, que a essa altura da vida estava desculpada de qualquer coisa. Fez muito por nós. Era só uma menina sendo menina. Era só uma força em busca de espaço para se expandir. Mas não havia espaço para isso.

Fato é que sobreviveu para cumprir sua sina.

Casou-se jovem, com um marceneiro que mais tarde virou agricultor e depois caçador e depois pescador, entre muitas dessas profissões que terminam em dor. Tiveram duas lindas meninas. Que será delas?

Catarina também não se profissionalizou e, embora sofresse com a rudeza do marido, teve que aturá-lo por muito tempo, resignadamente, até a separação. Uma vizinha de bairro a libertou daquele homem juntando-se com ele. É curioso como o exemplo alheio não

serve pra gente. Pois a tal vizinha, que conhecia as agruras de Catarina com a cachaça de Justino, tratou de se engraçar dele, do meu ex-cunhado Justino, agora ex-marido de minha irmã Catarina, agora uma mulher largada.

A vida chega a ser ruim demais para uma mulher "separada" naquela realidade onde, em geral, não se respeita mulher por ser ela, ela mesma. Se é respeitada é por causa do pai, do irmão mais velho ou do marido. Os julgamentos morais, bem como as agressões psicológicas, nem são consideradas como tais. As piadas, as cantadas de mau gosto, os xingamentos dirigidos às mulheres nas ruas, nas feiras, nos lugares públicos, são frequentes e vistos como normais. Podem vir da parte da vizinhança, de conhecidos, de desconhecidos e de familiares. E sem direito de resposta. Na maioria das vezes as abordagens deselegantes são engolidas a seco sob pena de uma agressão maior. Por vezes mulheres são acusadas injustamente, e até por outras mulheres, de se insinuarem para os homens:

– *Quem manda andar desse jeito?*

Catarina, minha irmã mais nova, cansava de ouvir de sua sogra e da vizinha e das amigas que – *Marido bom é o que bota comida dentro de casa.* Essa era uma maneira de culpá-la por ter sido abandonada pelo marido. Na concepção de suas carrascas, esse negócio de carinho, de cuidado, de respeito, de atenção – *É coisa de gente rica. Pobre não tem que reclamar de nada não.*

Toda vez que Catarina se lembrava das mãozadas no rosto, seus olhinhos marejavam. Tinha muita água nos olhos de Catarina.

Quando adolescente e na primeira fase da minha juventude, tive vasta vivência com as mulheres da família: avó, mãe, tias e irmãs. Eram muitas além dessas citadas, das que eu gostava e admirava às que eu evitava. Mas o relato familiar deve bastar por aqui. Porque as primas de primeiro grau mais as primas de segundo e terceiro graus vão pelo mesmo caminho. Oh! Caminho que não acaba nunca!

Até meus catorze anos vivi no campo.

Naquele tempo e ali, era comum a existência de um tipo de coronel sem patente, sujeito sem carisma e nem um mínimo de elegância. Rude, fiado no dinheiro e nas coisas que possuía. Um homem que não respeitava ninguém abaixo de sua arrogância, tampouco considerava digno quem não tinha boas oportunidades de negócio a oferecer. As pessoas que trabalhavam em suas fazendas eram tratadas como serviçais, do tipo que tira o chapéu e baixa a cabeça para falar com uma autoridade. Como se o coronel, de araque, o fosse de fato e tivesse alguma autoridade que se justificasse. Era assim.

Vivíamos na mesma casa mãe, pai, irmãos e irmãs. Avó, tios, tias, primos e primas a alguma distância. Era tão simples e tão bonito tudo aquilo! Era tão muito e tão pouco, também! Mas tínhamos harmonia. Lá a gente não ficava preocupada nem com a queda do dólar, nem com a bolsa de valores, nem com mercado financeiro. O único mercado de que se sabia era o pequeno centro comercial da cidade mais próxima, para onde se ia no dia da feira. Lá se comprava tudo o que não se produzia na roça: sal, pente, agulha, linha e elástico; compravam-se perfumes e pó de cheiro. Clementina, minha mãe, tinha lá uma discreta vaidade. Costumava comprar pó de arroz e água de colônia para bem realçar sua beleza agreste. Seus olhos verdes no meio daquele seco, no meio do nada... Ah, imagino a quantos outros olhos aquele oásis atormentou. Era bonita, de fato, a minha mãe.

As preocupações eram poucas, logo havia tempo para contemplar, para encontrar, para contar histórias, para cantar, para amar... Para além do árduo trabalho compartilhado por toda a família e pela vizinhança que se dava em amizade.

Crianças aprendiam, desde cedo, a ter responsabilidade. Brincávamos de trabalhar e trabalhávamos brincando. A fronteira entre uma tarefa tal e o universo lúdico era tênue. Por exemplo, subir num coqueiro e tirar coco para fazer doce era tarefa da criançada vadia e, ao mesmo tempo, uma farra longe dos olhos da nossa

mãe. Ela acreditava que colhíamos a fruta com uma vara comprida de marmeleiro. Nada! A bem da diversão, bom mesmo era ver quem tinha coragem de subir, sem asas, naquela altura que devia ser de oito a dez metros, pelo menos. Fazíamos competições perigosas. Eu tinha prazer em ganhar.

Aprendi a criar asas invisíveis desde cedo. Subia onde bem queria e voava.

Colher, caçar, pescar, era pura diversão e um jeito da meninada colaborar com a provisão da casa. Assim é que era.

Inventávamos muitas brincadeiras, como campeonato de aruá à beira do riacho onde as mulheres lavavam roupa no inverno. Inverno era o tempo da chuva. Eu adorava corrida de aruá. Para nós, caramujo era aruá. Cada criança escolhia seu aruá vivo – o cavalo. Enfileirávamos os bichinhos na linha de largada. O impulso para os aruás deslancharem era a água. Cada qual, ao tiro de largada, jogava água em seu aruá, e ele se movia desesperado à procura de umidade até entrar na água de novo. A pista de corrida era necessariamente uma pedra de superfície inclinada, para favorecer os atletas. Lembro com ternura e devoção, pela simplicidade e beleza disso tudo.

Aquela vida não tinha preço e era abundante. Nem sabíamos nada de outros mundos. Outro mundo para mim era o que ficava depois da morte. Não sentíamos necessidade de mais nada além do que tínhamos nas nossas vistas e do que achávamos no mercado da cidade mais perto. Até que chegou o recenseamento do instituto de pesquisa perguntando se a gente tinha isso, se tinha aquilo. E respondíamos "não" e "não". Só aí percebemos que nos faltava alguma coisa que se compra com dinheiro. Com mais dinheiro do que tínhamos normalmente. Essa foi uma descoberta definitiva para mim. O instituto de pesquisa me ajudou a ambicionar. Ficariam para trás as divertidas competições de aruá e o riachinho.

Finalmente chegou o dia de deixar a roça, a nossa casa, o

pai, irmãos e irmãs; e do mais difícil "até logo" de toda minha vida, dirigido àquela que eu amava tanto, minha mãe, minha modelo. Como sofre uma mãe ao ver sua filha sair de casa sem a proteção da sua asa! E voar, ganhar o mundo ou perder-se no mundo! Somente depois pude imaginar a dor que ela sentiu, só com bastante esforço consegui imaginar o sofrimento daquela que cuidava tão bem de mim. Causei-lhe grande dor, mas era preciso. Nós duas sabíamos que eu precisava ir.

– Vá, filha, que aqui não tem futuro, não. Seu eu pudesse bem que ia mais você.

Depois de uma pausa e o olhar sobre a amplidão

– Isso aqui não vai pra lugar nenhum. É *melhor você ir antes que perca o carro da feira.*

– Vou, mãe. Mas um dia vou cuidar da senhora.

Lá me fui viver na cidade. E depois numa outra cidade grande. E depois numa outra ainda maior. Até que cheguei aqui. Parti muitas vezes e sem perspectiva de voltar. Embora sentisse saudade, não sei se queria voltar ao lugar de antes, ao local físico, não sei se queria isso. Talvez voltar para outro lugar meu, depois de décadas de digressão, sim. A natureza é cíclica, a história também dá voltas. Todo corpo procura seu lugar de pouso. Este aqui, agora, é meu lugar de repouso. Voltei para mim.

Certa vez retornei ao sítio onde nasci. Revi a paisagem, os caminhos, pisei as velhas paredes agora no chão, minhas ruínas. Escombros. Era possível achar vestígios da nossa estada por ali. Retalhos de pano velho – um vermelho, de algodão, outro de malha preta. Um braço de boneca de plástico, resquício de um presente que ganhei.

O plástico é um lixo deveras perigoso, não se acaba nunca, segue impassível pelos anos. Quem me dera ter uma memória assim resistente!

Quanta coisa se passou que já não lembro mais!

O velho pilão da minha mãe, onde ela pilava arroz e milho, e outros pequenos objetos. E minhas lembranças. As lembranças que me vinham naquele momento me oprimiam o peito, apertando meu espírito contra as paredes do tempo. Cheguei a gritar. Naquele instante minha cara bateu na muralha do tempo.

Entendi que voltar pode ser para outros lugares, lugares desconhecidos até.

Eu estava ali, diante de mim anos atrás, das lembranças que me oprimiam. Gritei. Meu irmão que me acompanhava me ouviu aos gritos e pensou que uma cobra ou um inseto me tivesse mordido. Nada. Eu era presa da minha história, do passado agarrado à memória em rebuliço. Retornar àquele lugar agora inóspito foi como pagar uma promessa. Fui lá, a um meu lugar sagrado. Foi lá que respirei, que chorei, que senti o mundo pela primeira vez. Daí em diante a vida foi uma grande diáspora, um longo caminhar por fora e por dentro.

Meu apego é desapegado.

Asas, avoem!

Francisca frequenta esta casa desde que cheguei aqui. Hoje é minha companhia mais constante e já não saberia viver sem ela. Ou terei que aprender a viver sem Francisca, se ela resolver me deixar. Nasceu e cresceu aqui. Logo ali pertinho está sua primeira casa, logo ali também começa a cidade. Seus filhos e filhas cresceram, deram rumo às suas vidas, mas sempre vêm visitá-la. Ela é viúva. Nunca se ausentou daqui e diz que adora esse pedaço, um pedacinho de si. Não se escolarizou e toda a sua vida foi dedicada à família e ao trabalho, por vezes pesado e mal pago. Pra lá de meia idade como eu, tem lutado para se aposentar. Mas disse que continuará

a trabalhar mesmo depois que conseguir o benefício do governo. Francisca é minha amiga, anjo guardião da minha paz, minha terapeuta. Conhece de tudo que é erva medicinal. Sabe tudo das raízes e das folhas. De reza que cura ela sabe. Ela sabe curar pelas forças da palavra e da natureza e ajuda com muito gosto a quem precisa dos seus cuidados. Em outros tempos teria ardido na fogueira acusada de saber demais. É uma pensadora que aprendeu encarando a vida de frente. De vez em quando me toma para conversa que dura horas, na mesa da cozinha, regada a café fresquinho. Meus amigos e minhas amigas jovens se divertem com as histórias de Francisca e ela leva jeito com essa meninada. Fala sobre muitas coisas, como política, religião, um pouco da vida dos outros – *Pois da minha eu já sei* – diz, com uma larga e gostosa risada na cara. Mas, no fundo, é principalmente de si que prefere falar.

– Outro dia, de tardezinha, tava eu sentada na frente do barraco conversando com as amigas que me contavam uns causos, uns de verdade e outros inventados, e no meio tava Iracy que gosta mesmo é de contar piada. Tava também alguns homens, os maridos, dentre eles o invocado do Zé Antônio, casado com Ana Bela. Aí, a maluca da Iracy contou uma piada dessas que mexem com o brio deles. Zé se zangou com a brincadeira e disparou horrores! Ele disse que quem fala coisa feia dos homens é mulher mal-amada, dessas que têm raiva de homem. "Discordo de você, Zé Antônio!", eu falei. E comprei a briga pra mim.

Transcrevo a fala de Francisca do mesmo jeitinho que ela falou.

"Não, não é falta de amor, não, Zé! É *direito de fala.*

Sabe que muitas das vezes eu, passando na rua, tive que escutar, calada, um comentário horrível? E as cantadas sujas? Você nem tem ideia de como elas me chegavam fora de hora!

E das situações que eu virava o rosto pra que entendessem que eu não estava a fim de prosa sem cabimento?

E de todas as vezes que eu tive que me encolher no canto pra,

de novo, dar meu espaço no banco do ônibus ou do trem?

E as mil piadas grosseiras, de mau gosto, que vocês fazem? Vixe! Você sabe como isso machuca a gente?"

E filosofa sobre assuntos de todas nós:

– Aquele homão brabo já estava furioso, mas eu disse mais:

"Seu Zé Antônio, marido de Bela, tu se importa com quem?

Você presta atenção nas vezes que tua mulher não teve nenhum reconhecimento?

E nos cuidados exagerados que ela tem com o companheiro que é tu mesmo? Não vê que ela não é só seu braço direito, mas também suas pernas e suas mãos pra servir almoço e janta, pra pegar a toalha ou pra lavar suas cuecas?

Você já foi mulher alguma vez pra saber como doem as palavras duras? Os xingamentos? E as comparações absurdas que rebaixam a gente? Vaca, piranha, cadela... Não, você nunca foi uma de nós, não. Se fosse não falava desse jeito.

E tem uma coisa de passar na nossa cara um tipo só de fême: bonita, magra, alta, e que fala manso... Assim, assim e assada. E riem das nossas gordurinhas, das cicatriz, das nossas estrias. E a bunda mole? Essa nem devia haver.

Tem vez que a gente é trocada por outra mais nova porque não é mais do gosto de vocês. É.

Nunca me esqueço de quando chorava sozinha enquanto esperava o meu marido chegar das farras, das cervejadas com os amigos... E como cuidava das crias, muitas das vezes sem pai perto. E penso também na nossa cabeça que só pensa em agradar os homens.

E até isso de entortar a coluna em cima dum salto alto pra aparecer bonita e atraente?

Você fica aí aperreado com uma piadinha dessas? Mas homem, já parou pra pensar como a gente sente vergonha e tristeza de ver o corpo das mulheres vendido nos açougues das revistas e dos filmes de sacanagem pra fazer os gostos e as fantasias dos machos?

E que direito a mulher tem de escolher? Se vocês decidem por nós? Não pode isso, isso pode, isso não pode... Não aprovo violência não, contra ninguém, seja homem ou seja mulher.

Mas me assombra que uma piadinha dessas magoe tanto você, Zé, a ponto de virar pra nós e dizer que é mulher mal-amada quem dá uma gargalhada às suas custas, ora! Que orgulho besta, homem! É só uma brincadeira!

Isso é muito pouco perto das humilhações que nós já passemos e ainda passamos; nadinha perto da servidão que muitas de nós vivem sem ninguém se importar. É como se ofender mulher fosse bonito, como se fosse certo. Mas não é não!"

Francisca se ressente de certas passagens da sua vida. Faltava só a gota d'água e a zanga do marido da amiga foi o bastante.

"*Falam de preservar a família e os bons costumes. Que família é? Essa que só tem avó, mãe e uma penca de criança? Só se for. Que costumes é pra preservar, que só cai nas costas das mulheres? Por que os homens não se responsabilizam?*

Homem pode tudo: trair, ir embora, deixar; vocês têm o direito de nem ligar pra nada. E o povo inda acha bonito, por certo, porque ninguém nem critica.

Eu mesma, muitas vezes tive que esconder a vergonha por detrás de um olho roxo. Noutras até fui à delegacia, dar parte. Até que deus levou quem me batia.

E os estupros? Essas violências são muitas sem que uma alma boa se importe.

Ah, sim! Seria muito maior o rosário que teria de debulhar. Mas me paro por aqui, em defesa da minha honra e do meu direito também. E pouco me importa sua opinião, viu Zé Qualquer?"

Francisca já me falava, empolgada, como se o Zé tivesse ali na nossa frente:

"Sei também que sou dessas que falam e que não se conformam e que você chama de mal-amada. E sei também que as que você diz bem-amadas continuam de boca fechada, escondidas atrás do véu da ignorância, por certo. E porque dependem de um homem pra botar comida dentro de casa, muitas das vezes. Já eu sempre trabalhei pra ter minha independência. Mas tem coisa inda pior. Tem as que riem muito e ficam felizes com os 'elogios' 'maravilhosa mãe e esposa', 'existe pra perfumar nossa vida', como se uma mulher não pudesse existir só pra ela mesma."

Respira e, como se concluísse um monólogo...

– Mas as coisas tão mudando. Não tem mais isso de um jeito só, não. Somos muitas 'MU-LHE-RES' diferentes. Por isso nem cabe mais ninguém julgar 'mal isso' ou 'bem aquilo'. A gente riu foi dele não tá entendendo nadinha. Hoje não é mais como antigamente. E todo mundo ficou de bico calado! – arrematou Francisca.

∞∞

– Eu preciso, eu quero falar. Melhor, hoje eu quero desabafar. Eu fui vítima. Se você quiser eu vou embora, não lhe vou causar vergonha. Não suporto mais esse mundo, não suporto mais a pseudopaz, a falsa harmonia das religiões, das tradições, dos costumes, não aguento mais este lugar de tanta opressão e silêncio.

Maldita omissão dos poderes que nada fazem. E ela prosseguiu: *– Maldito poder que me violenta! Fui vítima. Sou mais uma vítima da pior das violências e minha alma está destroçada. Não quero mais viver.*

Sim, meu bem, ainda é tão jovem
e conheceu a crueldade desse mundo
no grau mais detestável e imundo
Não há palavra que a isso denomine
Não sei mesmo se alcanço a sua dor, no fundo,
porque imaginar não é suficiente
Quero compreender, quero tirar da mente...
Queria preservá-la de toda essa tristeza
Não sei o que dizer, porque não há certeza
só dúvidas carrego quanto ao seu futuro
Minha alma solidária à sua alma, chora
a dor que a atormenta, sua indignação
Queria, eu, afagar, ninar seu coração
vê-la dormir de novo como antigamente
quando era pequenina e aparentemente
dormia indefesa ao colo maternal
Agora que cresceu e conheceu o mal
– a sombra que existe à margem da luz
não sei como livrá-la do peso, essa cruz
cravada em seu peito violentamente
Quero lhe dizer que tem por toda a vida
As minhas mãos miúdas quando precisar
Jamais, nessa estrada, hei de lhe deixar
Nunca a deixarei, meu bem, minha querida.

Quem violenta rouba da pessoa agredida a segurança da casa fechada, a paz do território protegido, a riqueza guardada debaixo do colchão. As mulheres são as mais atacadas, sejam elas velhas, adultas ou crianças. Não perdoo esse tipo de gatuno.

Terá uma lacuna no meu relato familiar se eu não falar da minha filha, a filha que não tive. Não fui mãe por falta de coragem de

pôr mais uma mulher no mundo. Não quis correr o risco. E se fosse homem, o meu filho? Eu poderia criar um homem, um bom homem eu queria criar. Um homem gentil e amável – tem deles por aí. Ai, eu queria um homem de verdade!

Desejei participar da educação de uma criança. Ajudar a formar uma pessoa bondosa. Indicar a alguém os caminhos que considero corretos neste mundo era uma fantasia que me causava. São desejos que temos sem saber se são nossos ou se nos deram. De todo modo, recuei quando percebi que nem bem sabia o que fazer de mim nesta vida, neste mundo que vejo tão adverso. Como poderia, eu, sem dar direito de escolha, impor a existência a uma criatura? Não, não era direito.

Eu ficava imaginando como seria carregar um barrigão pesado, depois como seria amamentar, acordar de madrugada com choro de criança. Foi aí que decidi deixar a função para mães mais dispostas – sou muito indisposta para tarefas que considero pesadas demais para mulheres de pouca fibra como eu. Ademais, já tem gente na Terra o bastante. É muita gente gastando esse planetazinho. Até o momento – agora tenho sessenta e cinco anos – tenho colaborado com ele [o planeta] de duas maneiras simples: não parindo mais gente para o usurpar e não comprando um automóvel para poluir o ar. Vou de carona na vida.

Uma filha minha se chamaria **Corina**. Gosto desse nome de origem grega. E um filho seria João. João é bom de rimar, é fácil, João é bom de ser. Soa lindo "João".

Meu filho, o que se perdeu
pelas ruas da cidade
Em pequena idade, era meu...
De mim, a outra metade
O meu filho foi tirado

do meu colo. Ainda dormia...
Dormia assim, descuidado,
se eu soubesse, cuidaria[4]

∞∞

Eu fui uma menina raquítica, dessas que dá para contar as costelas. Ninguém imaginava que eu me criaria, juravam que eu morreria antes dos nove anos, isso era como uma maldição.

– *Magrela assim? Isso não se cria não! – bradavam as línguas agourentas.*

– *Mas ela já tá com sete anos. Agora só faltam dois. Se passar dos nove não morre mais, não*! – rebatia minha mãe, para não desistir de ter esperança.

Havia uma crença calcada na experiência segundo a qual completar nove anos de idade era uma prova de fogo. Quem não morresse de desnutrição ou de doença naquele lugar longe de tudo já nascia vencendo. Só mais tarde compreendi o segredo da maldição. Pois não morri, é fato, não morri e estou aqui contando a história. Não podia morrer com tão pouca idade sem passar pelo que passei, sem ver o que vi, sem viver o que vivi. Devo essa vida à minha mãe Clementina, a filha mais velha de Sofia, que manteve seu verde olhar sobre mim.

Fui uma criança má.

Eu era uma menininha tão má que até preta nasci, diziam. Do segundo casamento de Clementina fui a única a nascer preta – armadilhas da genética –, para infelicidade de minha mãe. Eu era a única "de cor" no meio das demais crianças brancas da família. Meu pai era ciumento e desconfiava da minha paternidade e, ao poucos, fui compreendendo que minha mãe sofria por causa das desconfianças dele. O fato é que minha cor vinha de parentes longínquos de meu pai, descendentes do quarto grau para trás, ao

que parece. Mas os argumentos da genética humana ainda não nos beneficiavam naquele lugar onde o saber que regia vinha de longa data e as novas descobertas da ciência ainda passavam longe.

Fui crescendo devagar, ganhando sustança, e me tornei mocinha e depois moça. Tive a mesma educação que tiveram minhas irmãs e, portanto, o mesmo destino me estava reservado. Contudo, em algum momento, não sei bem como ou porque, intuí que queria fazer diferente. Desde cedo me vi com desejo de mudar e de controverter aquela ordem aparentemente imutável.

> Eu lembro, quando criança,
> Boneca eu não possuía
> Eu pegava era um sabugo
> Num molambo eu envolvia
> Numa casinha do mato
> Passava o resto do dia[5]

Eu brincava de boneca com minhas irmãs e algumas vizinhas. Minhas bonecas de pano que mamãe fazia. Mas, particularmente, gostava mais de brincar de carrinho, os carrinhos que meu irmão inventava com pedaços de cacto verde. Transportava as bonecas de carrinho para lá e para cá. Então eu era a motorista que nunca vim a ser.

Mais e mais fui me percebendo insatisfeita com tudo aquilo que eu tinha. E tinha bastante coisa: uma família, uma mãe valente e cuidadosa, um pai bruto e displicente, irmãos e irmãs de quem eu gostava; um pasto inteiro com muitas árvores, água e animais onde brincávamos; tinha céu, sol e lua; tinha ar puro; e tinha poesia. Havia poesia em tudo.

Mas alguma coisa me faltava enquanto outras sobravam. Talvez faltasse, à maioria das pessoas dali, sentir falta.

Não é comum sentir falta do que não se sabe, mas eu sentia.

E para as coisas que já tínhamos eu queria alternativa. Alternativa: é esse o nome daquilo que eu queria, mas naquele momento não sabia dizer. Eu só soube traduzir esse sentimento íntimo de inconformidade buscando e criando oportunidade de escolha.

É fácil se acostumar com a vida que se tem.

Eu não entendia o significado de alguns "nãos" e de certas restrições e me via tentada a fazer justamente o que não era recomendado para uma menina. Quanto menos podia, mas eu desejava.

Eu era ainda garota e já começaram a me arranjar namoro com um menino chamado Francisco. Os outros é que me arranjavam namoro. Francisco era filho de um vizinho. Até gostava dele, e ele gostava de mim também. Eu sentia seu sentimento sincero. Tinha ternura por ele.

Aos domingos, a garotada do lugar se juntava para tomar banho de rio. Naquela praia de areia grossa e branca estava todo mundo presente, aos domingos, inclusive meu pretendente Francisco.

De tanto que insistiam que eu estava paquerando e que eu me casaria com ele, fui criando aversão à ideia e ao moço também. Ora, eu tinha só dez anos e queria mais era jogar bola com os meninos, brincar de boneca com as meninas; e queria também poder gostar de carrinho sem que isso despertasse comentários *tronchos* que eu nem entendia.

Minha mãe acusava: – *Só quer ser cabra macho!* – Porque eu vivia solta no pasto, brincando, correndo, caçando e pegando passarinho (fui uma criança má, já disse, a ponto de pegar passarinhos). Além de assobiar. Eu gostava também de assobiar, embora não pudesse fazê-lo porque dava azar.

– *Mulher que assobia chama cobra* – lembrava-me, inutilmente, meu pai.

Eu queria que meus irmãos machos ajudassem a mim, a

minha mãe e a minha irmã mais velha a lavar a louça, a limpar a casa e o grande terreiro. Achava justo que eles lavassem a própria roupa. Essas eram tarefas nossas, das mulheres, por excelência. Eles iam à feira, ao baile, andavam de bicicleta, brincavam com quem queriam, jogavam bola, bebiam cachaça. Só não brincavam de boneca nem de casinha. Por decisão induzida se recusavam a brincar com brinquedos de menina.

Então, num dado momento fui viver na cidade a fim de continuar os estudos; essa era uma decisão importante para mim. Saí da casa de minha mãe aos quatorze anos e nunca mais voltei. Não que não quisesse voltar, mas porque cada vez mais a vida me tangia para longe dela. Sofri por deixar a mulher que cuidava de mim com tanta dedicação. Que me dava o que podia para que eu fosse tão somente sua filha, sem pedir nada em troca. E eu saí com uma espécie de missão: a de nunca a decepcionar. Quanta presunção! Mas eu era ainda muito jovem.

Fui morar na cidade onde estudei e me formei datilógrafa e secretária.

Por causa da educação que recebi na família, na comunidade e na escola – educação esta fundada nos princípios da cultura cristã e patriarcal –, como toda menina nascida ali, eu tinha como que uma predestinação. O casamento era uma sentença. Casar-se com um homem trabalhador e honesto era o grande sonho que uma moça pobre deveria ter. E eu não o tinha, nunca o tive.

Minha atenção estava para outras coisas. Gostava de ler, de escrever coisas da minha vida num caderninho que eu tinha e que eu queria que fosse um livro. Gostava de passear, conversar sobre assuntos que não fossem somente namorados e casamento. Eu precisava de outras ideias. Minha cabeça respirava em outro ritmo.

Tive vários namoradinhos. E o mais importante deles, meu príncipe encantado por quem quase fiquei viúva, desencarnou ainda

moço. Era um rapaz de família tradicional e, por causa da posição social de meu avô paterno, um tanto privilegiada para os padrões locais há umas três décadas, namorei o melhor partido da cidade onde eu, matutíssima, era recém-chegada. Isso despertava a curiosidade da concorrência: de onde teria vindo aquela que roubaria o coração do herdeiro?

Eu ficava imaginando como seria gozado ser a senhora não sei o quê (Smith, era esse seu sobrenome), mulher de "fulano de tal". Dizem que, mais tarde, o bom rapaz virou o bom bandido. Dizem também que criou um bando que, de longe, lembrava cangaceiros – sem o requinte estético e a função justiceira dos antigos bandoleiros.

Soube de sua morte por meio de um importante jornal do país quando, na altura, eu já me encontrava em outra cidade. Tinha sido assassinado em frente à instituição pública onde representava uma legião de gente sem noção da pacata cidadela onde nasceu, viveu e morreu.

Voltemos ao assunto original.

Na minha vida as mudanças de rota se deram com sacrifício e algum sofrimento. Mas valeu a pena pagar para ver.

Caída no mundo ainda cedo, de repente me vi frente a frente com outros mundos que se descortinavam de diferentes maneiras. Ao contrário de tudo o que parecia pronto, estático, eu me dava conta de que tinha vida para além da fronteira, do limite do olhar sob a abóbada celeste que cobria minha aldeia. Vi coisas que nem faziam parte dos meus sonhos de menina do interior.

Em momentos críticos da existência tive que responder às questões que me saltavam à frente sem deixar opção. Se antes eu queria alternativa, agora não tinha alternativa entre escolher e escolher, entre ser ou não ser. Um desses momentos diz respeito à minha vida sexual e afetiva, às exigentes surpresas do meu coração.

Falo aqui prioritariamente das mulheres, pois dos homens da minha vida não tem nada de extraordinário. É deles em relação a elas que trata a maioria das histórias de amor escritas no mundo todo. São romances públicos e publicados por fazerem parte da norma que se estabeleceu faz milênios. Pouco se propaga e louva o que foge da regra.

Falo da cultura feita por homens e mulheres sob o princípio masculino que conduz o mundo há pelo menos cinco mil anos, de seus paradigmas cada vez mais desafiados por novos modelos de pensamento – e pela natureza, que também somos nós da espécie humana.

As obras de arte que tratam de amores "fora da lei", como entre pessoas do mesmo sexo, por exemplo, em geral são restritas a horários e espaços mais ou menos "apropriados" e são desencorajadas ao grande público por ameaçar "a moral e os bons costumes". Felizmente isso tem mudado, graças às lutas de muitas pessoas e grupos comprometidos com a causa dos direitos humanos para todos os seres humanos. E, também, com a investida interesseira da propaganda no público LGBTQ+ – se é para usar os rótulos. Trata-se de um contingente de potenciais consumidores e consumidoras em ascensão econômica, cada vez mais cobiçado por causa do seu crescente poder aquisitivo. Não se pode negar as mudanças que isso traz e, por sorte, também para o bem.

Já não se pensa sapatões e veados como antigamente, até porque em toda família tem uma delas ou um deles para cutucar os velhos valores. Falar de *gay* e de lésbica pode significar estar-se falando da mãe, do pai, do irmão, da irmã, da tia, do primo, de alguém chegado que "saiu do armário" ou que ainda vive a angústia da negação de uma realidade tão pessoal e bela que é o universo afetivo e sexual de cada pessoa.

O "diferente" pode ser Eu, e diferença não é o mesmo que desigual ou inferior.

Nas artes, fala-se muito de mulheres como musas inspiradoras, mas timidamente como protagonistas na vida pública, no amor, na experiência sexual madura, autônoma e livre. Muitas das obras clássicas nossa literatura têm mulher à frente, porém repetidamente como damas sensuais, cabrochas dotadas de sem-vergonhezas etc., atributos estes bastante associados a uma feminilidade de vitrine. Quando elas falam por si mesmas nem sempre são interessantes às editoras, que as preterem sob o pretexto de fazerem literatura feminina ou feminista, considerada pequena, de segunda categoria e que, portanto, não interessará ao grande público. Coisa de mulher, coisa de segunda na vida e na literatura.

O que dizer dos filmes pornôs dirigidos ao público masculino? Triste. Mulheres aparecem como o mais raso dos objetos, com função menos digna do que a de uma xícara ou um vaso de planta.

Um dia desses li em um jornal a opinião de uma leitora, mulher, acusando de feminista uma figura pública da política do país. O que antes era motivo de honra e de orgulho passou a ser causa de xingamento. Quem diria! O Movimento Feminista é dos mais pacíficos e libertários do mundo. É grande no propósito e na forma como se apresenta: mudou e segue mudando a história humana na Terra sem disparar um tiro e sem matar ninguém.

Grandes autores tratam é de grandes temas da história oficial, relatam a bravura dos heróis de guerra e das grandes descobertas científicas. Já as mulheres têm a mania de se ater às experiências de vida, ao cotidiano simples, porém caro; às próprias histórias, às histórias das vizinhas e parentas; atêm-se ao mais ordinário da vida, porém grandioso tesouro que possuem: o cotidiano que nos agarra a todas, sem exceção. Mulheres falam da vida com a propriedade de quem conhece a vida que leva, a sua própria.

No dia a dia, mulheres falam mais de sentimentos do que de carros. Importam-se com coisas simples como o voo da borboleta, a dor de barriga da filha, as agruras da vida.

Mulheres fazem festinhas
Fazem votos, fazem chá
Fazem pirão de galinha
Fazem cantos de niná
Mulheres fazem regime
Fazem clube, fazem time
Fazem aqui e acolá.[6]

E falam muito quando estão juntas.

Mulheres fazem escolhas
Fazem desgosto e saudade
Fazem sabão, fazem bolhas
Fazem bem, fazem maldade
Mulheres fazem orquestra
Fazem som, fazem seresta
Fazem sigilo da idade.[7]

Aparentemente, minha vida corria sem sobressaltos. Tudo era familiar, cada coisa em seu lugar, ao menos por fora. Já por dentro eu era pura agitação. Ainda menina e já me precipitava sobre as incertezas do meu coração como as águas do mar nos rochedos. Hoje percebo que a dúvida e a necessidade de saber se tornaram força propulsora do meu caminhar. Minha alma aspirava e respirava mudanças.

Acanhada. Por um lado eu era acanhada, tão tímida que tinha até vergonha dos novos sinais no meu corpo de mulher. As espinhas no rosto, os seios crescendo, a primeira menstruação. Adorava ser menina e queria continuar menina, isso me protegia de coisas que eu não desejava em sendo ainda uma menina. Como medida de proteção, talvez, eu pretendia esconder que já era moça. Assim diziam da menina que menstruava a primeira vez: virava moça. Esse era o sinal de que já estava pronta para o amor, para o casamento com ou sem amor. Para parir e povoar o mundo, conforme a lei do deus.

Fiquei moça e não disse a ninguém, nem mesmo à minha mãe. Costumava-se fazer piadas com as meninas que viravam moças. Davam-lhes namorados – *O Francisco tá apaixonado por Ondina* – falavam para me atormentar. Francisco era doce, mostrava-se interessado mas eu nem aí para as intenções do menino, que já se iniciava na arte de beber umas pingas como os demais homens dali.

Eu não estava a fim de nada disso não. Até aí era menina da roça, uma matutinha, mas já demonstrava sagacidade. Aprendi com a natureza a ser sagaz. Os bichos nos ensinam essas coisas de escapar do perigo. E eu era escolada na natura. Contava as horas pelo sol e pela lua. Quando a lua fazia bulandeira ou as nuvens desenhavam escamas no céu é que ia chover. Entendia quando a coruja tinha ninho e filhote. Conhecia o som do guizo da cascavel. Eu era na integralidade com as demais vidas daquelas paragens. Como era simples a vida que eu tinha!

Não demorou muito e precisei deixar tudo isso para trás. Parti sem me lamentar. Fui levando este mundo dentro, como que encantado. Iria viver na cidade com parentes. Precisava continuar os estudos.

MULHERES DE CORPO E DE ALMA

Ah, o amor...

> Que nasce não sei onde,
> vem não sei como e dói não sei porquê.[8]

Paqueras, namoradas, amantes, companheiras e ficantes.

A primeira a me tirar a calma foi **Ana**, mulher madura e eu ainda mocinha. Morava a umas duas quadras da minha casa na cidade, a casa onde eu vivia ainda com parentes. Ela era atriz e, todo dia, depois que deu fé de mim, quando voltava do trabalho no galpão onde ensaiava com sua Companhia de Teatro Céu da Boca, passava de propósito em frente à nossa residência. E lá eu estava, nas horas vagas, a jogar baralho ou a conversar com as amiguinhas e os amiguinhos sem me dar conta de nada. Sem saber que alguém me espreitava. Como mesa de jogo nos servia uma caixa de papelão com um pano colorido. Levávamos horas a fio na peleja da *sueca,* nosso jogo preferido e que era jogado sempre com duas duplas rivais ferrenhas.

Na frente da casa pintada de azul tinha um banco de madeira roliça, um velho banco de madeira gasto e cansado de tanto servir de assento. Quem passava ali se sentava nele para um dedo de prosa

e um pitaco no jogo. Sempre aparecia alguém, um peru, para peruar o jogo. Falava-se de tudo o que acontecia na cidade, especialmente da vida alheia. Até que um dia foi a atriz Ana Mendonça a mais nova passante a parar sob a sombra aconchegante da mangueira. Além do banco de madeira roliça, tinha um pé de manga bem sombreado a convidar para uma pausa no sol escaldante. Sem falar no fruto doce que dava quando era tempo. Nem fiapo tinha.

Eu já era maior de idade.

Ana me olhava de um jeito que me desconsertava, constrangia-me apesar de eu gostar e de retribuir de algum modo embaraçado. Ela sabia o que queria e eu fingia que não sabia que sentia algo perturbador. Sua presença me agradava e me incomodava ao mesmo tempo. Havia uma comunicação que nós duas entendíamos.

Eu não perguntava nada a ninguém, não ousava tocar em assunto estranho. Não sei do que eu tinha medo exatamente. De julgarem mal meus sentimentos, talvez. Medo da desaprovação. Confusa, não entendida nada e não queria entender. Até porque naquela época eu tinha namoradinhos, e as pessoas me davam outros namoradinhos que eu nem tinha. Era assim para a menina mostrar a que veio e cumprir a sina da maioria das moças do lugar: namorar, casar, constituir uma família naqueles padrões, não fossem as peças que a vida prega na gente.

Eu ainda não concebia a ideia de que, no campo das relações afetivas e sexuais, outra coisa seria possível além do velho modelo desejado e temido, ao mesmo tempo, pelas boas moças de família que sonhavam com o casamento e suspiravam por um príncipe que lhes roubasse a inocência.

Em breves conversas à meia voz, Ana chegou a me falar sobre uma paixão que, de repente, tomava conta do seu coração. E fez tudo cuidadosamente para não me assustar, pois.

– *Gosta de teatro?*

– *De teatro?*

– *Sim.*

– *Não sei se gosto porque não entendo.*

– *Quer assistir ao ensaio?*

– *Posso? Quero, sim* – respondi timidamente.

– *Espero você amanhã* – ela disse.

No dia seguinte, como combinado, fui ao galpão conhecer o trabalho do seu grupo, a Companhia de Teatro Céu da Boca. Assisti ao ensaio inteiro. A peça, uma montagem meio amadora de uma peça clássica. Depois do ensaio os demais atores e atrizes saíram, foram embora e eu fiquei sozinha com Ana. Ela se aproximou de mim sorridente, com galanteios e receios também, suponho. Receios do que eu poderia pensar da sua aproximação. Muito cautelosamente ela tocou em assuntos mais íntimos, de natureza singular. Eu tinha pouco a dizer.

– *Você parece nervosa...*

– *Não, não estou nervosa não* – neguei.

– *Posso lhe perguntar uma coisa?*

– *Acho que sim.* É *o quê?*

– *Já sabe sobre o que vou lhe perguntar?*

– *Acho que sei... Não.*

– *Já namorou uma mulher?*

– *Não.*

– *E namoraria?*

– *Sim. Não sei. Acho que não.*

Ana tinha um sorriso tão lindo! Nem sorrir com a boca eu soube direito. Mas meu olhar sorria e ela leu.

Voltei ao ensaio outras vezes, gostava do ambiente e de Ana, que não se excedia em nada. Seguia calmamente em tudo, como faz uma dama. Como numa valsa. Conduzia a trupe e os próprios sentimentos com maestria, sem perder o tom. Isso era bom ou ruim? Acho que nem um nem outro, era como podia ser e pronto. Provavelmente percebeu que não teria êxito comigo, não naquelas circunstâncias, era ainda cedo demais para mim. Linda, doce e delicada, foi apenas a que me propôs olhar de lado. Somente. Não pude retribuir, fugi, esquivei-me. Eu não estava preparada, entendi mais tarde.

Nunca mais soube dela. Alguns dizem que mudou de cidade, para bem longe, com sua Companhia. Talvez para um grande centro do país para seguir sua carreira de atriz que já era bastante promissora à época.

Não sei o que lhe aconteceu ao certo, mas guardo seu sorriso com carinho.

Cheguei à cidade e descobri novos mundos mesmo dentro daquele mundo ainda relativamente pequeno. Logo tratei de me enturmar.

Das agremiações juvenis, talvez os grupos da igreja fossem os mais atuantes. Não tardou e eu já estava liderando o mais numeroso da paróquia. Era um grupo pastoral. Ali a gente refletia sobre Bíblia, teologia, política, e até sobre a história da igreja católica. Uma das coisas mais surpreendentes foi descobrir, pela leitura crítica da Bíblia, que Jesus de Nazaré, o símbolo máximo da religião dominante, era um revolucionário aos modos comunistas. Lendo e estudando a Bíblia, entendi que o espírito do homem que em tese inspirava as ações da igreja, a rigor, não era compreendido e estava longe de ser seguido. Se existiu o Jesus histórico – conforme

contam os evangelhos, incluindo os "apócrifos" reprovados pela instituição –, esse era um homem de ação mais do que de palavras. Era ousado e polêmico. Era atuante e tinha partido. Ainda conforme os evangelhos, ele estava do lado oposto do que está a maioria dos seus pretensos seguidores e seguidoras nos tempos atuais. Foi ele que mandou um rico vender tudo e distribuir aos pobres.

Insatisfeita ou talvez confusa com tanta contradição entre discurso e prática, uma vez tomei a palavra do padre na hora do sermão. Sim, fiz isso. A moça do meu grupo que tocava violão estava lá, ela viu como tudo aconteceu.

Vou contar.

A diocese mandou à paróquia da minha cidade um padre já velho e bisonho no trato humano. Uma pessoa sem demonstração nenhuma de afeto. Um homem ressequido por ensinamentos dogmáticos. Ele era tão duro, tão humanamente inábil para lidar com pessoas, que espantou o povo fiel mais fiel da paróquia. Seus sermões, sempre pesados e castigadores, desagradavam até mesmo as beatas mais devotas.

O pastor dispersava as ovelhas.

Tão incrível me soava a imagem de pastor e ovelhas...

Um rebanho sem vontades conduzido pela mão de um pastor.

Então aquele pastor espantava as ovelhas do curral.

Na missa dominical, eu estava sentada num banco lateral na sala de deus, logo ali pertinho dele, do altar onde fica o seu representante número um. Sentava-me perto do altar como um membro chegado da família. A menina do violão – uma quase subordinada a mim, visto que eu era, então, presidente do grupo de jovens – cantava os hinos com um coral de moças mais velhas.

Estávamos reunidas para ouvir a palavra do padre ou de deus, não sei. E o padre começou, como sempre, a acusar a plateia dos mais inocentes pecados:

– *Não estão pagando o dízimo fielmente, não cumprem as obrigações para com a paróquia e, pior, estão se desviando do caminho de Deus!* – acusava. – *A igreja está vazia até aos domingos, enquanto os bares estão lotados de pinguços imorais.* – Seguindo com as acusações.

Era fato que os quiosques em redor da matriz inchavam de gente em busca de cura. A cachaça fazia esquecer das agruras da vida. A missa lembrava-as.

Na festa profana da padroeira, que acontecia do ladinho da igreja, armava-se um bar gigante para vender comidas e bebidas, com leilão e tudo. Toda a generosa renda do bar e dos petiscos doados por fiéis, e às vezes por infiéis também, era revertida para os cofres da paróquia. Eu e meu bando trabalhamos muitos anos, de graça, para a santa.

Impaciente com o duro sermão que julguei injusto, sem pensar nas consequências, levantei- me, fiquei de pé em frente ao altar e gritei:

– *Não é verdade! As pessoas não estão se desviando do caminho. É o vigário que expulsa essas pessoas da igreja... E porque isso, e porque aquilo...!* – falei e falei e falei... sem respirar.

O padre se calou, atônito, sem entender o que era aquilo. As poucas beatas que ainda vinham à missa das dezenove horas se olhavam sem acreditar que eu tinha feito aquela loucura, que eu tinha tomado a palavra do homem, o único ali autorizado a falar em nome de deus por unção do espírito santo. Sem palavras. Elas começaram a sair devagarzinho pela porta do lado enquanto eu continuava meu discurso ou homilia, em lugar do padre, em tom desapontado quase desesperado, defendendo a comunidade das acusações de pecadora herege, tão herege que deixava de vir à missa e pagar

o dízimo atrasado... E que também se amaciava sem a bênção do padre, conforme manda o figurino; e, para acabar de completar, tinha até homem amancebado com homem e mulher com mulher. Era a própria Sodoma baixada ali.

Teria o espírito santo baixado em mim?

Ou um demônio?

Pelas leis católicas uma mulher não pode ser sacerdotisa e assumir a função só permitida aos homens. Isso significa assumir publicamente a posição que proclama uma suposta superioridade masculina em detrimento da mulher. Cabe apenas ao padre fazer sermão. Um homem pode escolher ser ou não ser sacerdote apto a desempenhar as funções que lhe são consagradas. Já uma mulher não pode escolher ser sacerdotisa e exercer as mesmas funções. Eles decidem que ela não pode decidir. E pronto. Dogma é dogma e não tem apelação.

Pelo meu ato descontrolado e atrevido, em outra igreja do ramo teria sido exorcizada pelo pastor, seguramente. Na igreja católica essa prática estava temporariamente suspensa só para contrariar a concorrência.

Quando me dei conta, no grande salão só tinha ficado eu, as cantoras, o padre e o beato Zé, o mais devoto que conheci. A maioria dos homens normalmente ficava lá fora, trocando uma ideia, enquanto as esposas rezavam a missa e remiam os pecados da família toda. Mas Zé, não. Ele participava do começo ao fim.

Enquanto eu berrava sem devolver a palavra ao vigário estatelado no altar de deus, fez-se um silêncio tão grande na igreja, mais do que o habitual, que comecei a ouvir minha própria voz em toda altura. Eu dizia, com veemência:

– O senhor, padre, expulsa o povo da igreja com seu mau jeito, com sua rudeza.

Até que parei, quase soluçando de raiva ou de medo. Não sei bem do que mais eu sofria naquele momento. Parei, fiquei dez segundos em silêncio e sem respirar. Fixei o olhar na porta à minha frente e saí pelo corredor do meio, como uma noiva sem noivo, acompanhada dos restantes olhares que me fisgavam por trás. Eu sentia a fisgada daqueles poucos olhares restantes a me talhar as costas como um punhal. Mas saí de cabeça erguida. Tinha a sã irresponsabilidade destemida da juventude.

Não, não vou me justificar. Só sei que eu era jovem. Eu tinha a ousadia da idade.

Quando cruzei a porta da frente da casa de deus sob o mais gritante silêncio, uma solista puxou o bendito do momento, tão alto de doer no ouvido, o mais alto que pôde. E o padre abreviou a missa já chamando para o – *Em nome do pai, do filho e do espírito santo.*

– *Amém!*

Nos dias seguintes eu era o assunto das esquinas, dos cafés, das fofocas. Para me preservar, saía à rua somente o necessário para não ter que responder às muitas interrogações sobre uma possessão maligna que me havia tomado na missa do domingo passado. Um jeito eficiente de desacreditar uma pessoa é dizer que ela está maluca ou possuída por mau espírito. Possuídas e engravidadas pelo espírito santo, somente gente das igrejas, pessoas escolhidas por deus e seus representantes na terra. Para a gente dali, eu teria sido pau mandado de um Tranca Rua, um Zé Pelintra ou outra dessas figuras de má fama que assombram no meio cristão, as quais supostamente se aproveitam de pessoas malcriadas e chegadas a controverter.

Não voltei mais à missa até a chegada de um novo vigário à paróquia.

Nosso grupo de jovem, embora religioso, era um bom espaço de desenvolvimento. Uns aprendiam a tocar violão, outras faziam

artesanato, fazíamos festa e passeios. Era divertido. As nossas transgressões eram tão inocentes! O máximo que acontecia era roubar um pouquinho do vinho do padre para termos do que falar depois. Éramos uma irmandade. Foi um momento importantíssimo para minha formação humana, social e política. A gente participava de atividades pastorais da paróquia e dos movimentos sociais que havia na cidade e na vizinhança.

Certa vez decidimos fazer casas em mutirão, para quem não tinha onde morar. E eu, sozinha, como representante do meu grupo, fui ao gabinete do prefeito:

– Gostaria de falar com o prefeito. Eu me chamo Ondina e sou presidente do grupo de jovens.

O fato de ser da igreja me tornava quase autoridade, então fui recebida. De pé à sua frente, quase engasgando de nervoso, disse-lhe:

– Prefeito fulano de tal, eu me chamo Ondina e sou presidente do grupo de jovens. Quero falar com o senhor (de presidenta para prefeito) sobre um assunto muito importante para a cidade.

– Sim, meu anjo, sente-se aí – respondeu ele, delicadamente. Apontou para a cadeira e eu me sentei. O adjetivo anjo me deixou incomodada, pois me soava infantil demais para a ocasião.

– Eu e meu grupo queremos construir casas populares, em mutirão, para a comunidade de Vista Bela.

Vista Bela era o nome do bairro que de belo só tinha mesmo a vista, que dava para as casas bonitas do bairro chique que o afrontava.

– E queremos que a prefeitura nos dê o material de construção: cimento, tijolo, telha... Porque não temos como comprar. Basta o senhor nos dar o material e nós juntamos o povo e construímos as casas – continuei.

Tinha ido sozinha à audiência, sem hora marcada, porque os

outros membros do grupo não tiveram coragem. Com certa razão achavam que o prefeito nos enxotaria do seu gabinete. Mas, como representante eleita em votação pela maioria, fui falar com a maior autoridade política da cidade. Um prefeito era uma pessoa muito importante ali, mais do que toda a população do lugar reunida.

Ao ouvir minha solicitação, o prefeito deu uma risada grave que me assustou. Me espremi ligeira no encosto da cadeira. Ele puxou um catatau de papel da gaveta, dos muitos projetos engavetados e vociferou:

– *A prefeitura já tem projeto para resolver esse problema dos barraqueiros da Vista Bela. Logo, não precisa vocês se preocuparem com isso.*

E continuou:

– *A ideia de vocês é muito boa, é angelical!* – Ele usou o termo angelical. – *Pensando bem, eu até poderia fazer as casas em mutirão, assim sobraria um para mim, ou melhor, para os cofres da prefeitura! Diga ao seu bando, ou... Ao seu grupo, aliás, que fique descansado que logo as casas de Vista Bela estarão em pé.*

E arrematou a audiência.

Saí do gabinete municipal direto para o salão paroquial, que ficava ao lado da prefeitura. Os poderes moram juntos. Estava tudo ali, concentrado, na Praça dos Poderes. Fui contar ao grupo o resultado da reunião com o poder público. Contei da intenção do senhor prefeito para com o bairro da Vista Bela – que continuou lá, mumificado, com seus barracos. Vista Bela agora se chama Tristeza Nunca Terá Fim, nome mudado por projeto de lei de um vereador analfabeto para homenagear uma música de sucesso de um amigo compositor da região, um autêntico forró de plástico.

Cristina e eu descobrimos, juntas, como é possível se querer dessa maneira. A princípio era só confusão. Nada tinha nome. Tinha abraços, aconchegos,carinhos, carícias, dúvidas, perguntas não formuladas, respostas não requeridas, pura inquietação.

Lembra-te do princípio
quando nada tinha nome
quando tudo era espera
Era tudo, tudo fome[9]

Não tínhamos entendimento do que se passava conosco, mas foi aí que fizemos nossas primeiras descobertas homoafetivas. Eu não suportava a ideia de querer a uma mulher na cama e estava cheia de pudor. Mesmo que o rio soubesse onde queria desaguar eu negava, sem a mínima convicção, negava. O peso da educação baseada numa moral rígida, no medo, na vergonha, na submissão e na obediência aos preceitos cristãos me torturava tão fortemente quanto o anseio de viver o que me incendiava por dentro. Se por um lado me pesava a tradição, a novidade me arrebatava. Havia um jeito único de ser mulher ali. Qualquer coisa fora disso afrontava e suscitava reações diversas.

Enfim, ainda não foi Cristina a me convencer de que aquilo a que não chamávamos de nada, por si só, já era.

Numa ocasião fui chamada para participar da ocupação de um prédio público na cidade vizinha, para pressionar o governo a negociar com trabalhadores e trabalhadoras sem-terra. Sem explicar bem sobre a manifestação, chamei meu grupo e fomos ocupar a sede do órgão do governo que tratava da questão agrária.

Chegamos à cidade e nos juntamos aos outros grupos concentrados em frente à igreja matriz. Já em bom número, ao meio-dia, saímos em caminhada silenciosa até o prédio a ser tomado. Silenciosamente fomos entrando no edifício, em umas duzentas pessoas, aproximadamente. À medida que entrávamos nas salas, os funcionários se apertavam nas paredes esperando o pipoco dos tiros, achavam que seriam tragicamente fuzilados naquele momento,

ou o clarão das lâminas brancas das foices e facões a degolar seus pescoços, como fez Herodes aos inocentes ou como fizeram a Calígula no filme de Tinto Brass.

Os sem-terra tinham má reputação. Dizia-se que matavam assim, de graça. Que andavam armados de garruchas. Os mitos correm soltos por esses interiores.

No meio da gente que ocupava temporariamente o prédio público tomado, havia sanfoneiras (o sistema operacional da máquina não reconhece o feminino de sanfoneiro), zabumbeiros, violeiros e brincantes. A menina do nosso grupo que tocava violão também estava lá. Esse grupo de jovens passava por uma experiência única ao acompanhar uma ação política jamais experimentada. Pacífica, não tínhamos arma nenhuma.

Quando todas as mais ou menos duzentas pessoas entraram no prédio e foram se ambientando, quem tinha zabumba tocava zabumba, quem tinha triângulo tocava triângulo, e quem tinha sanfona tocava sanfona. Acusaram-nos de formação de quadrilha. A gente gostava mesmo de quadrilha, dança típica da região.

A princípio mantivemos conosco o mais alto funcionário na hierarquia presente na instituição naquele dia. Sem violência. A reivindicação era, principalmente, a desapropriação de terras para fins de reforma agrária. Havia conflitos e mortes na região por causa do latifúndio. Para nossa segurança, ficamos com o tal servidor do governo em liberdade vigiada.

Passaram-se um dia, dois dias, três dias... E nada, nenhuma solução. O governo mandou cortar a luz elétrica do prédio, depois a água. E a coisa ficava cada vez mais difícil. Só com muita quadrilha para aguentar. Podíamos ficar sem água, sem luz, mas sem quadrilha, nunca!

Nesse tipo de atividade sempre existia risco iminente de repressão policial.

Até aí as nossas famílias pensavam que estávamos em um retiro espiritual. Quando a imprensa começou a noticiar a ocupação dos sem-terra ao dito órgão público e, principalmente, quando disse que fizemos reféns servidores e servidoras do Estado, pais e mães ficaram sabendo que seus filhos e filhas estavam na guerra. E foi uma confusão só. Acusaram-me de aliciar jovens para a guerrilha. Que exagero!

Mães desesperadas e pais preocupados abalaram-se até a cidade do conflito para buscar minha turma, seus meninos e meninas. Chegando lá, um pai injuriado olhou para mim (eu era presidente do grupo de jovens da nossa paróquia, quase uma autoridade), meteu o dedo na minha cara e berrou:

– Você é uma irresponsável! Trouxe minha filha para cá, para o meio desses baderneiros, para morrer na linha de tiros. São bandidos!

Que exagero de novo! Ouvi calada. Uma mãe desesperada se descabelava:

– Cadê meu filhinho? O que você fez com meu filho? Nunca mais traga meu filho para ocupação nenhuma.

Fiquei inerte, sem dizer nada. De nada adiantaria tentar dizer que aquela era uma experiência de cidadania. Que estávamos ali em solidariedade a quem lutava pela terra, por melhores condições de vida. Enfim, não iria adiantar.

Enquanto isso, num pavilhão maior a quadrilha rodava no centro. Ó tempo bom era o São João! Eu bisbilhotava as discussões políticas e meu grupo se divertia no bando dançando, até que chegaram mães e pais para fazer o resgate.

O grupo voltou para casa. Lá ficamos eu e a menina do violão. Esta já não tinha mesmo jeito, era do tipo que tocava sanfona, zabumba, triângulo e ganzá, e que formava quadrilha. Tanto tempo faz, que já nem me lembro como essa história terminou. Geralmente tudo acabava na mesa de negociações políticas ou na delegacia.

Anita. Essa foi a situação da qual mais me envergonho.

Gostaria de pedir perdão à Anita antes da minha morte, pela minha maldade, pela minha vileza.

Fui mesmo muito ruim com ela.

Eu era imatura e vivia assustada com a novidade que me rondava, com essa possibilidade que se anunciava, essa coisa de me envolver com uma igual a mim. Algo que, num passado próximo eu nem ao menos cogitava. De homem macho e fêmea até que eu ouvia falar, desde criança, lá onde eu morava. Mas de mulher que ama mulher, não.

Será que as mulheres do meu lugar não sabiam disso ou faziam tudo por baixo do pano onde moram os segredos? Quando muito, dizia-se que aquela fulana "só quer ser cabra macho"... Isso quando uma fêmea ousava pisar fora do espaço privado concedido a ela, da cozinha, lugar este que ganhava contornos físicos e simbólicos. Cozinha tanto podia ser o lugar da casa como o banco traseiro do carro, a sacristia da igreja ou o segundo lugar nas funções sociais.

Essa coisa de sapatão era novidade demais para minha cabecinha.

Ela, Anita, atraiu-me e eu me deixei seduzir. Mas amarelei. Fui covarde num grau muito difícil de se ser. Ainda me lembro que eu a induzi a abrir o jogo que me incomodava só para ter certeza, só para que ela confessasse que me queria. E ela, inocentemente, abriu. Daí em diante alarmei para umas colegas da escola e para as professoras mais ferrenhas e os professores mais carrascos – os da religião – que, imediatamente, trataram de propor cura para Anita. Ela agora teria uma fatídica rotina de sessões de psicoterapia e atendimentos espirituais. Quando me dei conta, tinha arruinado a vida dela, sua autoestima, sua vida escolar, e pior: eu tinha estilhaçado seu coração.

O incômodo que eu sentia tinha a ver com meus desejos

represados e negados, claro. Porque se eu já estivesse segura, certa de minhas preferências afetivas, o amor de Anita não me provocaria raiva e desconforto. Ataquei justo quem me desafiava, quem provocava o que eu entendia como minha fraqueza oculta: Anita. Eu sufocava.

Como é duro confessar isso! Não quero, agora, depois de tanto tempo, uma penitência nem absolvição pelo meu mal. Quero que alguém me leia e me ouça e que, assim sendo, não siga meu mau exemplo. Que jamais faça como eu fiz.

Não sei como explicar, mas havia uma vaidade em mim de saber que aquela moça me queria. Mais que isso, parece que o gozo estava em saber que ela me desejava e que eu não iria corresponder ao seu sentimento. Vingança pela coragem dela ante a minha covardia. Seu desejo por mim me inflava o ego suficientemente capaz de causar estragos a mim e a outras pessoas. Sim, porque eu não saí impune dessa história. Uma hora minha consciência se iluminou, me dando a dimensão da ofensa e da humilhação que a fiz passar no grupo, no ambiente que frequentávamos.

Depois de chafurdar derramei a água que bem pretendia. Fiz tudo inutilmente, por pura ignorância e maldade. Desperdicei a oportunidade de me tornar uma pessoa melhor, com um preconceito a menos.

Ainda não foi dessa vez.

Depois de toda a confusão que provoquei só a vi uma única vez, rapidamente, passando na rua. Ela me virou a cara e cruzou para o outro lado como se não me tivesse visto. Senti uma pontada no coração, apesar de saber que ela tinha razão e que eu bem merecia. Senti culpa. Nessa hora eu a compreendi tanto! Que se eu fosse ela teria feito o mesmo.

Largos anos se passaram e eu, de novo, passava pela cidade onde convivemos na juventude. Fui tomada por uma sensação de

aperto na alma, de saudade, de tristeza e de medo. Medo não sei de que, talvez de revê-la, quem sabe. Medo de pedir perdão e não ser perdoada. Da janela do ônibus eu olhava em cada esquina, em cada praça, portas e janelas na esperança de avistar Anita. Nada. É como se eu a procurasse pela vida, é como andar atrás de uma oportunidade de refazer um pedaço malfeito da vida.

Até hoje não sei por onde anda a menina de cabelos pretos e longos e de sorriso doce e puro que eu, por infelicidade, consegui fechar para mim. Ela tinha um coração grandioso e eu era muito mesquinha, infinitamente menor do que ela. Só sei que às vezes sinto o dever de confessar minha infâmia. Que infâmia! Mal sabia eu que mais tarde provaria do meu próprio veneno.

> Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
> Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
> Que contasse não uma violência, mas uma covardia![10]

Quando percebi que tinha cometido um erro terrível, decidi que um dia faria alguma coisa que me redimisse. Talvez lhe pedir perdão. Mas um pedido de perdão, somente, não resolveria meu problema com a minha consciência; e todas aquelas pessoas que comigo a magoaram tão profundamente não saberiam de minha retratação. E era também possível que nunca mais eu a visse. E esse peso e essa culpa me acompanhariam para o resto da minha vida – e não me peça para não sentir culpa, pois as mentes psicopatas é que não a sentem. Então, me veio a ideia de abrir meu jogo publicamente. Agora é a minha vez de jogar limpo. Depois de respirar fundo e contar dez vezes decidi contar para quem quisesse saber da minha malvadeza. Mas como faria isso? Quem se interessaria por minha vida pessoal? A vida simples de uma mera secretária, datilógrafa e assistente social?

Quando criança eu queria ser escritora. Esse era um meu grande desejo. Escrevi minha autobiografia várias vezes, depois a rasguei

e joguei fora. Eu podia não ser uma escritora de futuro, mas uma boa crítica de mim mesma eu era. Já naquela época desconfiava de que não tinha razoável talento literário nem mesmo uma grande história para contar. Quiçá depois de viver mais.

Passados muitos anos e até décadas, com o dever moral de me resolver com minha pesada consciência por causa da maldade que fiz com Anita, e pela própria Anita, reacendeu-me a precoce vocação de literata. Pensei: se eu contar sobre minha vida amorosa num livro, embora não seja uma história assim tão incrível, outras mulheres vão saber que não estão sozinhas. Saberão que têm par em suas angústias, em seus medos e covardias nesse mundo, assim como em suas buscas sinceras por uma verdade interior própria e libertadora. E, quem sabe, dando-se conta disso, mudarão de atitude diante da vida e serão mais felizes.

> Eu que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas. Eu verifico que não tenho par nisto tudo nesse mundo.[11]

Foi assim que nasceu a ideia de escrever este livro. Foi assim que eu, Ondina Maria do Prado, iniciei-me na literatura.

Depois do episódio lamentável que envolveu Anita veio **Selma**. Aí, sim, era inadiável, não tive como fugir desse encontro. E eu já trazia um pequeno aprendizado.

Éramos colegas de trabalho. Tive graves problemas de saúde por causa desse encontro: dores de cabeça, de estômago, gastrite aguda, asma, quase paralisei. Tentei negar o óbvio várias vezes. Eu quis fugir, correr, morrer, mas ela me segurou, imobilizou-me, tinha mais disposição e mais coragem do que eu.

– *Você acha que vai fugir de quem?*

– *De você.*

– *Não.* É *de você mesma que quer fugir. Mas esse tipo de fuga* é *inútil, minha cara Ondina.*

Desse para muitos outros casos, para outras paixões avassaladoras, não demorou muito. A vida me abriu uma nova porta e eu passei por ela. Se antes via o mundo por uma janela, agora o via pela porta. E a janela cabe dentro da porta.

Selma era ciumenta e me sufocava.

Uma vez, depois de uma suspeita dela sobre um suposto malfeito meu e para me chantagear, ela trancou a porta do quarto por dentro e ameaçou se jogar pela janela do sexto andar.

– *Abre essa porta, Selma!* Silêncio total. Eu me desesperava com a possibilidade de ela se atirar.

Eu, desesperada, não sabia o que fazer: se chamava algum amigo, um vizinho ou os bombeiros para quebrar a porta. Como justificar tamanha confusão? O que iriam pensar? Nessa época eu ainda me preocupava com isso, com o que as pessoas iriam pensar. Vão descobrir que temos um caso. E Selma também sofria dessa paranoia. Aliás, ela estava comigo, mas dava corda para todos os homens que a olhavam, talvez uma maneira de se autoafirmar perante ela mesma e o mundo. Um jeito de dizer – *Sou bi, pelo menos.* – Há quem se sinta melhor na condição de bissexual do que na de homossexual. Assim será considerada meio normal ou meio pervertida.

Verdade é que Selma também dava suas escapadas. Eu é que não sentia ciúmes, e isso a desapontava ainda mais. Achava que eu não a amava, por isso. Sentia-me totalmente livre e descomprometida, isso fazia parte de minha estratégia de fuga.

Assim é a vida: chegada e partida
Encontro e despedida, um vai, outro vem...

Tal como o sol que, à noite, deixa a terra
Enquanto a lua vem brilhar também[12]

Não é fácil mudar os modos.

Coerência é o alinhamento entre o que sentimos e o que fazemos do que sentimos. São os sentimentos que nos dizem se estamos coerentes ou não. As categorizações servem para causar sofrimento, apenas isso. Por mais que eu a desejasse e quisesse viver aquela paixão, ainda me sentia mal. Era como se aquilo não se encaixasse direito na minha cabeça, como uma roupa que não ajusta ao corpo.

Selma era mesmo um bocadinho chantagista e temperamental e me fazia sentir culpa de minhas inocentes traições. Torturava-me com acusações quase me fazendo confessar o que nem tinha feito. Eu mantinha, ao mesmo tempo, um namorico escondido com um padre da igreja católica e isso já vinha de algum tempo. Além de flertar com todas as meninas que passavam na minha frente e me davam atenção. Naquele momento eu tinha desvendando um mundo, algo assim como descobrir a pólvora. Estava completamente eufórica.

Ah, o padre. Eu curtia essa história pelo desafio, pela possibilidade de comprovar uma hipocrisia. Qual o passatempo preferido da juventude? Desafiar o estabelecido, na certa. Ele era bonito e interessante também, tinha seus méritos.

Foi nesse momento que percebi o quanto os meus conceitos morais não eram meus, o quanto aqueles ensinamentos não eram lá tão de deus e mais: comecei a duvidar da existência desse deus. Juntando as peças logo fui percebendo que, para mim, nada daquilo fazia sentido. Aos poucos compreendia o quanto era cômodo e fácil me eximir de responsabilidades e atribuir culpas a alguém que nem pode se defender, pobre deus culpado de tudo. Deus danado que me escoltava o tempo inteiro, diziam, por isso eu devia sentir vergonha dos meus pequenos malfeitos, pelos quais seria punida.

Quando das primeiras descobertas eróticas eu sentia medo e vergonha de deus. E me cobria debaixo do lençol. Que loucura! Comecei a me perguntar sobre a noção do sagrado que reparte o ser humano em dois – santo e pecador –, sobre a excessiva preocupação com uma suposta vida eterna que só se saberia depois de morrer. E perguntava aos chefes da religião:

– E meu compromisso com a vida aqui e agora? Com as pessoas? Comigo mesma?

As respostas não me convenciam. O que antes servira, não servia mais.

No fundo eu achava hilário o reverendo rezando missa e dando lição sobre moral religiosa a jovens em formação que fingiam acreditar em tais ensinamentos. Ou acreditavam de fato? Claro que havia alguma verdade naquilo também. Como em tudo na vida, ali havia dois ou mais lados.

Alguns dos ensinamentos tinham a ver com o celibato e a castidade, e com os tais votos de pobreza. O padre morava numa bela casa, tinha os carros que precisasse ter para os trabalhos pastorais e, também, para viajar quando era preciso escapar dos olhos penetras que o vigiavam. Tudo por conta dos fiéis da paróquia, claro. Nada mais justo, ele trabalhava, tinha direito a seu salário, até aí tudo bem. Ou não. Enganos. Existem equívocos. Nem sempre vale pensar muito ou mudar o que não precisa ser mudado... Deixa o barco correr. Ninguém vive sem mentir ao menos um pouquinho, seja para si ou para as demais pessoas. O mundo não vive sem mentiras, e atire a primeira pedra quem nunca mentiu. Estávamos mais ou menos de acordo.

Naquele apostolado todo mundo sabia das incoerências dos donos da fé, inclusive da vida dupla dos sacerdotes, mas não se questionava nada a bem da instituição e da manutenção dos privilégios dos que recebem supostamente de deus o ofício das funções

eclesiásticas numa região onde uma batina vale ouro.

O reverendo virou bispo anos depois. Não me surpreenderei se o fizerem o primeiro papa saído dessa nação. É um homem de carreira. Quanto a mim, a bem de minha consciência e do ambiente que eu frequentava, resolvi dar um basta e seguir meu caminho sem padres nem pastores.

Sexualidade e religião: dois assuntos determinantes.

A verdade liberta! Eis uma afirmação incontestável que põe medo até na gente mais destemida.

Quando eu tinha lá meus anos de estudante fiz o concurso de praxe para concorrer a uma vaga na universidade pública. Fui aprovada. Quando anunciei a novidade a meus professores e professoras da religião, trataram de me desestimular a cursar a faculdade de Serviço Social. Com todas as letras, o professor-mor, o mais sabido de todos, que tinha inclusive estudado em grandes universidades estrangeiras, profetizou:

– *Você vai perder a fé.*

Portanto, eu deveria escolher entre ser "missionária" e estudar na universidade. Ora, justo o mais estudado, o doutor, me desencorajava a tomar minha vaga de estudante em uma universidade pública, oportunidade rara conquistada com bastante esforço. Incomodada com a situação, fui falar com outro professor, um homem negro de ar sereno e calmo.

– *Com licença, professor* – falei antes de entrar na sala.

– *Pois não, Ondina. Posso ajudá-la?* – Fitou-me com o olhar apertado escondido atrás de uns óculos pretos fundo de garrafa.

– *Consegui uma vaga na universidade. Mas o professor Joseph*

me disse que se eu cursar Serviço Social vou perder a fé...

– Não se trata de perder a fé, mas de purificá-la. Vá, estude e se forme porque isso é importante para sua vida.

– Obrigada, professor. – Agradeci-lhe o conselho e saí.

Se alguém me dizia – *Ondina, você não deve fazer isso* –, logo eu era tomada por uma curiosidade que quase me matava. – *Mas, por que não?* – E fazia.

Confesso que eu gostava daquele ambiente de igreja pelo que me oferecia de convívio social e de experiência política, principalmente. Era uma contribuição para a formação daquela minha geração, ali, onde não havia mais nada. Era o que tínhamos. Fiquei abalada com a condição imposta pelo meu superior professor no tom de marido ciumento nos termos de um casamento: ou ela ou eu. Ou o (não) saber da religião, coisa do tipo crer sem ver, ou o sabor de buscar, eu mesma, o que eu queria saber.

Escolhi me profissionalizar, pois sabia o quanto era importante para qualquer cidadão ou cidadã do meu país ter acesso a escola e a uma formação profissional. E mais ainda para as mulheres, a quem se destinavam as obrigações domésticas por toda a vida, sem direito sequer ao benefício de uma aposentadoria pelos serviços realizados sem reconhecimento nem remuneração alguma.

Decidi, pois bem, ocupar minha vaga na universidade, no curso de Serviço Social.

Às vezes temos coragem e recursos para tomar decisões e mudar de rumo. Mas é tentadora a acomodação às situações impostas, assim ninguém nos aponta o dedo.

Outro professor dali me disse, certa vez: – *Você tem um "caráter difícil"*.

Depois de ler a coleção de introdução à Psicologia que havia na

biblioteca do colégio onde eu havia estudado, aprendi que não existe caráter "difícil". Há, sim, bom ou mau caráter. Perguntei, então, àquele senhor: – *Você quer dizer "bom" ou "mau"caráter?*

Ele despistou e não me respondeu. Sabia do que presumia que eu não soubesse.

É preciso e é bom mudar. Muitas mulheres precisam descobrir que podem mudar. Como fazem as cobras. Não mudar apenas a roupa, o figurino, mas renovar a pele. Caminhando por lugares ermos, vemos que elas, as serpentes, largam suas velhas cascas pelo caminho depois de se renovarem. As cobras são familiares de Lilith, a verdadeira primeira mulher de Adão, do mito do Gênesis.

A que, por vontade própria, deixou o paraíso que lhe reservava submissão e negação. Lilith, tendo sido criada também à imagem e semelhança do Criador (ainda segundo o mito), portanto da mesma matéria de que era feito Adão, não aceitou a condição de subordinada. Assim, pela própria liberdade, deixou Adão, Deus e o Paraíso. E, claro, como todo aquele ou aquela que ousa desafiar o poder, foi pintada de demônio pelo [deus] desafiado, que não aceita contestação.

> Aí vão se encontrar o gato do mato e a hiena, o cabrito selvagem chamará seus companheiros; aí Lilith vai descansar, encontrando um lugar de repouso.[13]

Mas Lilith não saiu de cena; ela não abandonaria sua descendência, uma vez que conhecia a verdadeira origem da mulher, criada da mesma matéria do homem e de todas as coisas. Dizem que foi Lilith, na pele de Serpente, que propôs a Eva comer do fruto proibido do conhecimento. Para que Eva, a segunda mulher criada e relatada no livro, não permanecesse para sempre na ignorância. Porque o pecado consistia e consiste, ainda, em conhecer. É do saber das mulheres que o patriarcado tem medo, por isso as instituições que o

sustentam, especialmente as novas religiões, perseguiram e perseguem as mulheres sábias acusando-as de heresia, desconsiderando suas práticas e rituais, desqualificando seus fazeres, demonizando o corpo feminino e atirando-o na fogueira concreta ou simbólica. Já nos atearam fogo ao corpo, literalmente, para nos queimar pecados. Agora nos difamam por causa do nosso corpo demonizado; atiram-nos no lugar da estupidez e nos impõem tipos que nos iludem e escravizam. E, sem saber, muitas de nós seguem sem conhecimento da profunda e complexa composição da subjetividade feminina. É o profundo e poderoso conhecimento instintivo, o qual desafia o poder institucionalizado, que essas estruturas temem.

Disse Lilith adeus a Deus
Deu-lhe as costas, foi-se embora
Ficas Tu com as respostas
Eu quero é a luz do breu.
Adeus ó Deus, eu voo agora.
E caiu na imensidão.
Disse Lilith a Deus: a teus
pés não me rogo.
Eu sou dos ateus
E das ateias, e antes que Tu me ates
ateio eu fogo ao céu.
Ateou, e foi-se embora.
Caiu na imensidão.
Disse Lilith aos céus incréus
ao Deus dos açoites e dos réus
Sem culpa, das noites sem lua...
nem desculpa: adeus ó Deus
vou sem demora.[14]

Lilith rejeitou as benesses do paraíso que lhe reduziriam à condição de subordinação. Todavia, infelizmente e por várias razões, muitas mulheres ainda estão submetidas a situações de

dependência. Às vezes são vantagens oferecidas por seus homens, que tudo podem sobre elas, já que lhes compram objetos e suprem necessidades materiais em troca de seus corpos e de subserviência. Como se fossem indivíduos desprovidos de vontades, de subjetividade. Tem gente que ainda cede às ofertas de aparentes facilidades e perde o mais valioso de si: a própria liberdade de escolha e a possibilidade de gerir a própria vida.

Lilith não desistiu de suas iguais, pois instruiu Eva a desobedecer a ordem estabelecida, mesmo que a drástica leitura judaico-cristã do mito nos tenha custado tanto. Essa interpretação que demoniza a mulher ainda serve para justificar toda sorte de maus-tratos que sofremos até os dias atuais. Então ela, Lilith, caiu no mundo se irmanando às criaturas livres e, por conseguinte, suspeitas.

Eu, Ondina, por certo pertenço à sua linhagem, só pode ser. Para ter visto o que vi e vivido o que vivi, certamente que sim. Como Lilith, também nós temos o dever de comunicar o que vimos para quem quiser saber.

Como as serpentes que largam suas velhas cascas no meio do caminho, também as mulheres caminham por lugares ermos – por vezes envoltas em velhas vestimentas, sim, mas por outras revestidas de novas peles, igual às cobras, que gozam igualmente de má reputação. Essas que provocam medo, essas que andam nas sombras dos ambientes úmidos, essas que compartilham com o humano feminino a responsabilidade pelo infortúnio da humanidade supostamente perdida e marcada pelo "pecado original". São milênios de dominação das religiões sobre as mentes humanas.

Crer no que não se vê, sem questionar.

Fazer o que não se deve humanamente fazer, sem contestar.

Se uma religião me garantisse vida eterna antes da morte eu acreditaria nela? Prometer para depois da morte é fácil, basta contar com a fé. Ou basta dispor da boa vontade de uma pessoa

com dúvidas sobre a existência ou insegura sobre si mesma e sua história, sobre as incertezas do futuro, quando não necessitada até mesmo do básico para se manter viva. Basta ver o triunfo das igrejas pentecostais, que se proliferam nas periferias das grandes cidades prometendo soluções fantásticas, soluções estas que custam muitas vezes a maior fatia do magro salário da família.

Mudar.

Mudar como as cobras.

Mudar com as cobras, nossas irmãs de sorte, nossas parentas.

Tecer uma pele nova para abrigar nossa alma em nossas necessidades vitais.

Tecer a própria vida, fio a fio, e com as próprias mãos.

– *Segue, Ondina!*

∞∞

Conheci **Natali** na faculdade. Era tão insegura e afoita quanto eu, e também vivia a fase das descobertas e da aceitação da livre sexualidade. Nosso romance durou uma semana, aproximadamente, e foi um tanto divertido. De repente nos víamos falando das nossas dores de cotovelo, das paixões impossíveis daquele momento. É que estávamos metidas em histórias complicadas, namoros que não fluíam. Arriscamos para ver no que ia dar e nos tornamos boas amigas. Ainda hoje conservamos a cumplicidade e sempre que nos encontramos sorrimos de tudo o que fizemos de bom e de ruim. Confessamos nossas maldades mutuamente e nos absolvemos, naturalmente. Éramos duas irresponsáveis aprendendo a duras penas. Éramos jovens, acima de tudo. O lugar do encontro era um café, no campus universitário, onde a turma baixava para pôr a conversa em dia. Naqueles tempos, com minhas novas descobertas, eu quis ver o mundo de perto.

Um mundo que está longe das vistas que não querem ou não podem vê-lo. Fui ver como se vive nos guetos, os lugares reservados a pessoas amorais, por assim dizer, as que se tornam invisíveis para viver suas vidas. As prostitutas, por exemplo, têm seu lugar – a zona, o baixo meretrício (que palavrão gigante!), aonde só vão os fregueses, embora todo mundo saiba que elas existem e que prestam serviço à sociedade. Que a dita profissão mais velha do mundo exista longe e não provoque desconforto à tradição e à família nem ameace a propriedade. *Gays*, lésbicas, bissexuais e transgêneros também têm os seus lugares discretos, bares e boates para "esse" público. Somos encorajadas a existir mais ou menos. Discrição é a palavra.

Fui com Natali conhecer a Pink House, na Rua das Flores, S/N.

Eu nunca tinha entrado numa boate *gay* na minha vida. Nunca tinha visto um ajuntamento de gente tão igual e diferente ao mesmo tempo. Fumaça. Tinha muita fumaça naquele lugar. Na sala da frente, um segurança tamanho dois por dois garantia a ordem e o progresso. Na antessala o bar, alguns sofás, poucas cadeiras e gente, muita gente. A primeira pessoa que me saltou à frente foi minha colega de trabalho, Dulce.

– *O que você está fazendo aqui?* – perguntou-me com um riso irônico no rosto.

– *O mesmo que você, meu bem* – respondi sorrindo.

Ali tinha gente de todos os credos e cores. Até meu casal querido estava lá – digo Lucy e Albano, de quem falarei mais tarde. Era um desses lugares apelidados de LGBTQ+. Animação, som alto até as tampas, gente bonita e ousada. Muita vida acontecendo longe dos olhares diurnos. Gente muito diferente e igual.

De repente tudo me pareceu igual demais. E sugerido. Era lugar permitido.

Com perdão pela comparação, mas me lembrou lugar de abate, como são os açougues e os motéis que a gente frequenta. As

pessoas se beijavam e se abraçavam sem repressão nem represálias. Faziam na Pink House o que não podiam fazer na rua: abraçavam-se e beijavam-se. A vizinhança sabia, a cidade sabia que ali homem beijava homem e mulher beijava mulher, mas tudo bem, aquele era lugar apropriado para a clandestinidade afetiva. Escondido, sim, para não perturbar a ordem.

Não vi muita graça.

Pessoas bonitas, sim.

Alguma liberdade, sim, mas não me parecia a liberdade de cidadãos e cidadãs que desfrutam de direitos iguais em todos os espaços. Estávamos ali, pessoas apertadas dentro daquelas paredes, à meia luz. Essa luz quase apagada me incomodou, pois era como se não pudéssemos nos ver. Como se tivéssemos nos acostumado à penumbra. Mas uma boate tem pouca luz, é obvio. Apesar das minhas ressalvas, entendi que a Pink era o lugar seguro onde se ia viver sem o risco das agressões e dos xingamentos da rua. Aquele era um lugar reservado a isso.

Vi que preferia a rua, não gosto de lugar fechado. Desde menina eu tinha claustrofobia.

Ora, ora, mas só ali? Que graça tem pescar num pesque e pague? Bom mesmo é se lançar no rio, em mar aberto, no abismo... Mesmo não pegando nada. Interessava-me pescar peixe que nem tem nome ainda, descobrir existências.

Gostei mais ou menos do ambiente um tanto afetado da Pink House. Fiquei tomando uma cerveja no balcão e vendo a moçada se divertir, soltar a franga, como se costuma dizer de nós. Natali estava solta, batendo papo com os amigos dela. Júnior, assíduo frequentador da casa, passava-me a ficha completa de A a Z: quem era quem, estado civil, grupo sanguíneo e fator RH.

Lá pelas tantas, dei com os olhos noutros olhos na outra ponta do balcão.

– *Quem* é? – perguntei a Junior.

– É *Renata. Só vive aqui. E deu fé de você.*

– *Hummm...*

Era **Renata**. Morena, cabelos pretos lisos. Juro que era a mais bela entre as mais belas mulheres na casa. Adoro beleza em tudo. Eu sabia que eu própria não tinha uma beleza sobrenatural de parar o trânsito, não; no máximo atropelava um automóvel. Mas tenho bom gosto. Ah, isso eu sempre tive! Amo beleza em todas as suas formas.

Renata balançava uma chave de carro como se acenasse para mim. Não gostei da exibição, não. Pareceu-me amostrada demais. Devo lembrar que nunca dirigi um carro, e isso é uma das maneiras de colaborar com a limpeza do planeta. Por aqui tem pessoas que adoram carro e animais de estimação. Para elas, ter carro é como ter um passaporte social. E, para melhor ser visto, ainda se pode equipá-lo com um bom som, abrir as portas e sair à rua chamando a atenção de quem também gosta de carros; e irritando quem não gosta de barulho. Alguns rapazes gostam disso. Não sei se tem procedência científica, mas já soube que há estreita relação entre som alto no carro e impotência sexual. Fato é que não gostei das chaves do carro, não. Mas gostei das mãos que seguravam as chaves do carro. As duas mãos vieram até mim. A dona das mãos falou alguma coisa que não pude ouvir por causa do som alto da boate.

– *Desculpe, mas não entendi...* – respondi aos gritos.

Na confusão, concordei com essa alguma coisa que ela sugeriu, sem entender do que se tratava. E ela me puxou pela mão e me levou para outra sala, mais lá dentro. Sentamos em um pufe vermelho que tinha ali. Conversamos disso e daquilo até que resolvi ir embora.

– *Está na minha hora* – eu disse.

– *Mas já? Posso acompanhá-la?*

– *Não recomendo.*

– *E por que não?*

– *Não sou recomendável.* – Rimos.

Dei-lhe o número do meu telefone.

Natali, que dirigia e gostava de carro com som baixo, deixou-me e foi para sua casa. Eu me preparava para dormir quando, de repente, o telefone berrou. Era Renata.

– *Vou passar aí, posso?*

– *Pode, claro!*

Já eram quatro horas da manhã. Chegou, interfonou, abri a porta... Entrou. Tivemos um lindo começo de dia. Pela manhã, acordamos e fomos tomar café numa lanchonete ao lado da minha casa. Despedimo-nos e ela se foi dali mesmo.

Fiquei pensando no que tinha se passado. Fui a um lugar aonde as pessoas vão para ver, para serem vistas e, se possível, formarem pares. Simples assim. Pareceu-me fácil, até achei alguém de primeira, ou achamo-nos. Uma linda mulher com uma chave de carro na mão a me acenar. Não tenho nada contra veículos automotores.

Sobre a boate *gay*, não sei. Sabe aquela coisa "foi bom, mas não muito"?

E foi só aquela vez. Não voltei mais à Pink House. Se me lembro bem, fui a bares e boates *gays* talvez umas três vezes em toda a minha vida. Não voltei a ver a linda Renata. Ela era garota de programa. Levava uma vida confortável, muito além das posses de uma estudante e estagiária de Serviço Social, na altura. Foi a única vez que me envolvi com uma garota de programa ou prostituta de luxo. Um luxo de fato, pois não precisei pagar nada. Nem tinha cascalho para tanto, pois custava caro passar uma hora com ela. Comigo foi

mesmo de graça. Um momento doce para ser lembrado com carinho. Que sorte!

Renata tinha namorada, mas a maioria de sua clientela era masculina. Dizia que as mulheres ainda não encaravam essa coisa de pagar pela transa, pelo prazer do sexo. A maioria ainda sonha com o amor romântico ou prefere outras trocas. Enfim, mulher é alguma coisa especial, modéstia à parte, pois sou um típico exemplar da espécie rara.

Quanto mais vivia, mais vivia e aprendia. Esforcei-me para não fazer julgamentos. Naquele tempo ainda tinha presunções do tipo que aponta o cisco no olho da outra. Contive-me, procurei ficar quieta a perscrutar meu coração contente, apenas. E foi um bom exercício.

Fiquei contente de ter conhecido Renata.

Ester tinha traços indígenas. Era inteligente e muito interessante. Estava noiva de aliança no dedo. Disse-me que se casaria, sim, de qualquer maneira com aquele rapaz por causa de uma promessa feita ao pai na hora da morte. Não quebraria a promessa. Uma coisa é o santo para quem se promete alguma coisa, e outra coisa é um pai morrendo. Ela me disse que o pai a havia feito jurar que se casaria, depois de vê-la beijando uma amiga em seu quarto.

São muitos os motivos que levam uma mulher a abrir mão dos próprios sonhos e desejos. Promessa é um desses. São muitas as barreiras, e os impedimentos psicológicos e emocionais são os mais difíceis de se romperem. A culpa é um sentimento que corrói por dentro e desestabiliza. Mas é preciso arriscar, livrar-se do medo de se virar sozinha e não temer os dedos apontados nem os xingamentos.

No caso da afirmação da homossexualidade feminina, o elogio mais inteligente à masculinidade é o grosseiro "sapatão". Segundo esse raciocínio, para uma mulher se satisfazer e satisfazer sexualmente a outra mulher é preciso ter pelo menos um pé de macho, pé grande, que pede um grande sapato, um sapatão. Tem de ter um "quê" de homem. E durante muito tempo mulheres vestiram estereótipos do tipo. Isso foi imperativo num dado momento da história, pois há de se quebrar barreiras para mudar comportamentos. Felizmente, tudo muda. Já se pode ser sandalinhas, chinelinhos ou simplesmente mulheres que amam. E mais nada a declarar.

Ainda comigo e Ester aconteceu uma situação tragicômica. Um colega nosso da faculdade era apaixonado por ela e vivia rondando a sua casa. Num desses dias me viu saindo de lá pelas cinco da manhã – o noivo dela chegava do trabalho por volta das seis horas. Ele, o colega rejeitado, ficou louco de ciúmes e começou a nos perseguir, a criar intrigas, dessas coisas que imaginamos haver somente nas novelas de televisão.

Uma noite, na faculdade, ele me apontou o dedo na cara e falou como homem quase traído:

– *Você fique longe dela!*

– *Dela quem?*

– *Você sabe.*

– *Eu sei o quê? Tá maluco?*

– *Você sabe que eu vi. E não se faça de sonsa.*

Aí, me calei. Essas encrencas puseram fim ao nosso romance porque colocava o casamento dela em risco. O noivo poderia descobrir a qualquer momento.

Em pouco tempo ela se casaria e deixaria a cidade. A essa altura eu estava alucinada pela nova visão que tinha do mundo, principalmente no que se refere a sexualidade. Confundi-me

diversas vezes e me confundiram também. Certezas que eu tinha se desfaziam e outras se engendravam até se dissiparem novamente.

Errei, caí, levei, bati, sofri. E fiz sofrer também. Sei que fiz.

Mas vivi. Cada segundo de vida.

∞∞∞

Enquanto eu estava (estava, porque aquilo que éramos não tinha nome, tampouco o que vivíamos) com Selma e tinha desses pequenos casos, conheci **Lúcia**. Essa, sim, me ensinou sobre a vida e o amor. E ainda me ensina pela força, pela fraqueza, pela negação, pela presente ausência, pela ausente presença, pela vingança. Uma pessoa ímpar, mulher acima da média. Virou minha cabeça e meu mundo pelo avesso. Surpreendeu-me de tal forma que foi impossível escapar. Por causa dela deixei Selma, eu a deixei de corações partidos – o meu coração e o dela –, mas tinha que deixar.

Por mais que eu não quisesse me separar de Selma, era impossível resistir à paixão que sentia por Lúcia. Não resistia à força que tinha aquela mulher experiente alguns anos mais velha do que eu. Tinha filhos, três meninos, de quem cuidava sozinha. Com ela, as coisas aconteciam já de maneira diferente. Foi ela quem deu cabo em um casamento de anos.

Essa, sim, foi a pessoa certa num momento delicado de minha vida. Imatura, eu pensava que o mundo era todo paixão, e ela tinha a calma que a maturidade confere. Amava-me, mas não suportou minha desatenção, meu descuido e minha inexperiência.

– *Levará toda a vida assim, quebrada, de coração partido?* – perguntou-me Lúcia, tentando entender minha aflição em tantas buscas.

Eu não soube lhe dizer nada. Embora a amasse, eu não conseguia sossegar e por muitas vezes a magoei. Coisa que a vida me cobraria não muito longe. Esse foi, por assim dizer, um grande e lindo

amor da minha vida.

Lúcia me trocou por uma professora e foi cuidar da própria vida. Fez muito bem. Fiquei para morrer, de cama, durante pelo menos três anos. Ainda hoje, por vezes, vejo-me em desequilíbrio por causa do tombo que essa história me deu.

> Onde o desejo mora é terra que ninguém vai
> Terra que ninguém se arrisca, pois quem pisa nela, cai.
> Cai de jeito, de saudade, cai de febre, cai de dor
> Ou cai de felicidade; cai de cama, daí de amor[15]

Acordei para a vida adulta.

Tem acontecimento na vida da gente que é ritual – rito de passagem.

Conhecer Lúcia foi descobrir o amor em plenitude. Amor que ensina e aprende, que promove e comove, que transforma pelo prazer e pelo sofrimento. Fui ao fundo do poço para entender isso, mas entendi. A clareza está, verdadeiramente, no fundo, no subterrâneo, e só se enxerga mergulhando até o fim. Mergulhei até o chão. Quando me levantei, quando emergi do profundo poço, vi que meu mundo era outro. Vi que brincar era bom, mas não era tudo. Vi que havia crescido e me tornado mulher, e que minha juventude vivida com tanta intensidade já se despedia. Eu começava a perceber as coisas com o peso do meu olhar agora adulto sobre tudo. Foi como se, num piscar de olhos, eu tivesse despertado de um longo sonho bom.

Até aí a existência tinha outro nome, outro significado.

Hoje, com meus passados anos, compreendo o que, então, não compreendia sobre a paixão e o apego. O meu amor por Lúcia (não o dela) se transformara numa espécie de prisão para mim. Quando ela me faltou me senti sozinha, abandonada. Como se não fôssemos andar – ilhas solitárias na vida. E foi desse amor que senti

falta durante toda a vida, um amor que fosse algo a que me agarrar. Buscava alguma coisa que me preenchesse o vazio. Procurei por muito tempo e fora de mim, sem a achar.

Certa vez li, de um importante autor da época para a teoria da inteligência emocional,[16] que o problema da dor que sentimos ao romper um forte laço afetivo tem também uma explicação de ordem neuropsicológica. Os sentimentos estão na parte anterior do cérebro humano, na porção mais arcaica do cérebro. E por ser esse lugar tão antigo depositário de nossa memória ancestral é que temos dificuldade de esquecer, de desapegar. Sentir é uma antiga experiência da humanidade, e nossas células cerebrais trazem gravadas essas lembranças, informações de longa data. Ao passo que o raciocínio lógico – isso que se chama de razão, mais recente em nosso cérebro frontal – é mais facilmente dirigido pela consciência. Basta ver que, racionalmente, sabemos quando uma relação se esgotou. E até aceitamos mais rápido, conscientemente. Já o coração – o outro nome dos afetos – precisa de tempo para processar e entender as mudanças. Compreender isso foi importantíssimo para eu assumir minha responsabilidade nesses processos todos. O meu amor é meu, embora seja para a outra pessoa também. Quem sente sou eu. Foi um passo bastante significativo na minha libertação de mim mesma. Se, de repente, amantes entendessem que seus sentimentos são seus e não da pessoa amada, os crimes passionais acabariam. Ora, se sou eu que sinto, como vou castigar alguém pelo meu sentimento, que não lhe pertence? E que não será, necessariamente, correspondido? Embora seja sempre uma pena não ser...

Pela dor aprendi que tinha muito que saber da vida e, desde então, não fiz outra coisa senão procurar motivos para continuar vivendo. Aprender pela dor é uma possibilidade de saber.

Conheci outras mulheres e alguns homens também. Eles, como sempre, sem impacto. Nunca esperei nada deles nem me apaixonei pra valer, creio. Eu lhes dava o troco na mesma moeda. À presença, presença. À indiferença, indiferença. Percebia que minha experiência com os homens – pai, irmãos, namorados, amantes – era ínfima e logo prescindi deles em muitas coisas. No amor, por exemplo. Mas esta é minha particular experiência.

Com elas era diferente. A probabilidade de haver entendimento e compreensão entre nós era bem maior, o que contradiz o discurso que prega a inimizade entre mulheres e a ideia de que invejamos umas às outras, rivalizamos por causa dos machos – ou seja, de que somos um tanto más por natureza. Vide Eva e o paraíso do Gênesis.

Por outro lado, essa mesma tese afirma que homens são mais cooperadores, que não rivalizam por causa de mulher e não disputam qualquer coisa entre si. Eu disse qualquer coisa. Nas "grandes" coisas, sim, aí mora a rivalidade do princípio masculino.

As guerras, o que são as guerras que os homens inventaram senão uma disputa sangrenta por posses e poder? As intrigas e brigas políticas, o que são elas? E os crimes passionais que, em esmagadora maioria, são cometidos por eles?

Pensando bem, tal visão sobre o comportamento de ambos os sexos sugere que as razões subjetivas que provocam disputas e alimentam invejas entre mulheres e mulheres e entre homens e homens é que são diferentes. E diferença, não raramente, confunde-se com inferioridade, a partir de um juízo de valor sobre conceitos tais como "coisa de homem" e "coisa de mulher".

As lutas históricas entre homens por poder, riqueza e *status* são vistas e apresentadas como heroísmo, bravura, força, desenvoltura. Já as aspirações de uma mulher que quer o amor de seu homem, que quer seu filho vivo... Os motivos pelos quais ela peleja diariamente soam como capricho infantil, encrenca, sentimentalismo

barato, mau humor provocado pela TPM. Impressões essas julgadas pejorativamente como coisas de mulher. Menores.

Mulheres desejam coisas parecidas, falam de sentimentos e aspirações comuns, fazem o dia a dia de eventos simples, amam suas filhas e seus filhos da mesma maneira. Mas não só. Já fazem outras coisas e muito bem. Evidentemente passam por turbulências, pois nem tudo é simples assim. Existe a cultura do pudor sexual, da repressão, da submissão, do altruísmo exagerado, da aceitação da negação.

> De noite aqueles olhos brilhavam na luz como estrelas num céu agreste limpo.
> Meus olhos lhe sorriram afirmativamente e com cumplicidade.
> Mas ela não desabrochou.
> Atemporalidades.

Tem as mortes e os lutos diários. E tem também os renascimentos.

> Não tenho queixa da contínua sorte
> Dos funerais e dos lutos diários.
> Deles renascem meus imaginários
> Seres viventes – os filhos da morte[17]

Não somos totalmente boas nem totalmente más. Humanamente somos feitas de luzes e sombras. Entretanto ouso falar, aqui, de vantagens e desvantagens.

O amor entre homem e mulher é uma construção custosa, sim, mas que conta com muita coisa a seu favor na civilização ocidental e momento atual, pois nem sempre foi assim em todas as épocas e lugares do mundo. Já os relacionamentos entre homem e homem, mulher e mulher têm se erguido na contracorrente da cultura e dos temporais. Frequentemente são arrebentados nas primeiras chuvas.

Todavia, para todos os casos, nem terremotos nem vendavais têm impedido os e as amantes.

∞∞∞

Conheci **Clara** num seminário de Sociologia. Sem marido nem ex-marido, nem filhos, nem filhas. Ficamos juntas por um tempo e não foi fácil. Eu estava muito dividida entre essa e as paixões anteriores. A ideia de que um amor se cura com outro não é totalmente válida. Às vezes se perdem boas relações por causa dessas sequências. E foi assim que aconteceu comigo e Clara; atropelamos tudo, atropelamo-nos. Soube, recentemente, que Clara se casou com outra mulher e que teve dois meninos. Poderiam ser meus filhos. Assumi cedo que não tinha vocação para a maternidade.

Se para mal de um amor o bem de outro, é verdade que nunca deixei de viver. Foi assim que, depois de Clara, conheci outra grande paixão da minha vida: Judith. Aliás, deduzo ser esta uma extensão daquela que eu considerava a única.

∞∞∞

Agora era **Judith** o meu lugar de descanso e de cansaço.

É verdade que, mesmo apaixonada por ela, ainda sentia amor por Lúcia. Lúcia era minha idealização de infinitude, minha ilusão de eternidade.

Judith era uma médica excelente e preocupada com a humanidade, desde que não fosse a minha humanidade. Foi algo assim muito louco, eu diria. Pela primeira vez experimentei o ciúme. Ela conseguia me deixar enlouquecida de ciúmes dos muitos homens que a cercavam. Era muito bonita e exercia uma meia liberdade que balançava a cabeça de homens e de mulheres. Eu tinha a ilusão de que ela pudesse me amar. Pelo que sei jamais foi de uma pessoa só e não seria também só minha, certeza que não. Mas eu sentia ciúme mesmo assim.

Tínhamos uma vida social agitada. Saíamos para restaurantes, bares e festas, juntas, um "casal de amigas" acima de qualquer suspeita. Uma mulher pode ter uma amiga bastante íntima sem despertar desconfiança. E mesmo as desconfianças são disfarçadas. A gente faz de conta que engana e quem está ao redor finge que se deixa enganar.

No caso, o sapatão era Ondina. Aquilo para mim era uma tortura, e já disse que foi nesse momento que conheci o ciúme. Além de aturar as cantadas deselegantes dos homens que cercavam a mesa e a "minha mulher", eu tinha que ouvir as também direcionadas a mim. Eram coisas tão baixas; de verdade, tem homens que não têm a mínima noção de dignidade nem respeito algum às mulheres.

Uma vez viajamos, eu, Judith e sua sobrinha, uma garota de treze anos. Íamos a uma festa na casa de gente chegada à Judith, numa fazenda que ficava a duas horas da cidade. Num certo ponto da estrada, as pessoas deixavam os carros e seguiam a cavalo por estrada de chão sem asfalto. Fazia um sol escaldante e muita poeira. E lá caminhavam aquelas pessoas de classe média e alta, aqueles ricos que podem tudo. Pois eu não sei se cavalos eram os quadrúpedes ou quem os montava.

Um velho que me causava asco encostou-se aos nossos animais, começou disparar palavras de baixo nível e Judith era o alvo. Ele abusou. Dizia que ela era gostosa e faria isso e aquilo se… Enfim. Faria nada. Duvido que aquilo ainda fizesse outra coisa além de latir feito um cachorro lazarento. Um homem educado tende a ficar mais homem, elegante e charmoso na velhice. Já um macho qualquer, feito a facão, vira uma espécie de cão sarnento que ladra e não morde. Mas ofende.

– Gostosa! Ah, se eu te pegasse...

Aquela presença e aquela voz me enojavam e me incomodavam de tal maneira que eu não sabia se cuspia na cara dele ou se

gritava que ele era um velho imbecil com mania de macheza. Judith não dizia nada, permanecia inerte, calada a olhar à frente como se aquilo não fosse com ela. Era sua defesa. E era mesmo muito educada. As famílias que se dizem de boa moral e bons costumes evitam escândalos e nós estávamos num ambiente bem familiar. Quanto a mim, mesmo não tendo a educação dela, de Judith, aparentemente engolia, impassível, tudo aquilo que não precisava ouvir. Por que me meteria na história? Afinal, não era a mim diretamente que aquele homem velho, branco, católico e bem casado agredia verbal e moralmente. Se Judith tivesse um namorado ou um marido ali no meu lugar, ao seu lado, aí sim faria sentido que alguém a defendesse, já que ela não tomava a iniciativa de despachar o verme. Melhor: se tivesse um macho a tiracolo, outro não ousaria grunhir à sua volta.

A adolescente que estava conosco se mantinha imóvel sobre o lombo do animal, perplexa, certamente, com a situação de desrespeito e agressão por que passávamos – todas, por tabela.

Aquele sujeito e seus pares, que nos acompanhavam sorrindo de suas infelizes investidas contra a dignidade de uma mulher, não me dirigiam a palavra. Eu não era nem me fazia, por assim dizer, o tipo suficientemente "gostosona" para despertar naqueles "coisas" desejos e comentários tão abjetos. Judith, sim, era radiante e bem produzida. Ademais, a formiga sabe a folha que corta. O que ninguém sabia nem podia saber é que eu me deitava com Judith, essa era a fantasia daqueles infelizes que não a respeitavam. Infelizmente tem mulheres que ainda se acham no dever de relevar insultos porque "eles são assim mesmo".

Se a panela encontra a tampa nunca mais entra nem sai nada dela. Nem por isso deixamos de buscar o par perfeito no imperfeito modo humano de ser, que nos complete para todo o sempre de dias, semanas, meses e talvez anos. Quiçá para a vida toda.

Enquanto eu morria de amores por Judith (ou por Lúcia, minha grande paixão, não sei), passaram por mim, ligeiramente, pessoas muito queridas. Era o jeito que eu achava de me sentir viva,

de não morrer totalmente, de não me enterrar com o amor defunto que me pesava às costas. Eu tinha a sensação de carregar um fardo pesado que se arrastava por onde eu passasse deixando um rastro de angústia, solidão, desolação na minha jovem alma. Minha dor pesava com um manto grande, de cauda longa, que eu carregava rua acima e rua abaixo. Era a visão que eu fazia daquele meu sofrimento bobo, visto assim de longe, e tão enfadonho para mim. Quanto mais perto de Judith eu estava, mais solitária me sentia. Até que nosso namoro terminou já tarde. Ela o terminou porque eu, mesmo não querendo aquele suplício sem fim, não conseguia pôr ponto final.

Eu não sabia amar.

Sentia-me casada com a vida que levava de modo que quando se findava uma história dessas, por mais breve que fosse, chorava o luto de uma viúva. Viúva de muitos finados amores. Precisava manter a esperança acordada, é preciso apostar para correr o risco de ganhar. No mínimo, minimorum, eu precisava levantar minha autoestima testando outros relacionamentos.

> Podes passar por mim:
> a dor
> coagulou[18]

∞∞

Cássia era estudante de História. Era tão linda como uma flor branquinha, uma flor de aguapé. Desde menina namorava uma sua vizinha da rua onde morava com a família. As crianças amam também, embora certa moral religiosa negue isso. Amam à maneira delas.

Agora as duas faziam o mesmo curso na faculdade e estavam se separando depois de longos anos de um romance iniciado ainda na infância. Alguns sentimentos nascem cedo quando o coração é fértil.

Nós nos dávamos bem até que ela decidiu voltar à cidadezinha de origem. Sabíamos que dificilmente nossa paixão resistiria à

distância, que enfraquece os laços. Amor é coisa forte, mas a separação de dois mundos não considera ninguém, nem mesmo o amor. E outros amores aparecem no caminho para preencher os espaços vazios quando estamos vivas.

Sempre sofri com rupturas. Jamais me conformei com mortes prematuras.

Um senhor de idade, velho conhecido que cultivava sua terra nos fundos da casa da minha avó materna, dizia que "a morte do velho vem pela frente, mas a morte do jovem vem pelas costas". Tem coisas e pessoas que não deveriam morrer nunca.

Da última vez em que nos avistamos houve um desconforto. Por causa da minha fama de careta, Cássia me hostilizou. Deve ter imaginado que eu faria algum julgamento sobre seu hábito recente de fumar maconha. Na ocasião estávamos num bar bem apropriado para as tribos que fumam, bebem e cheiram. Eu ia a todos os lugares, via de tudo e isso em nada me afetava. Se eu não fumava maconha nem cheirava cocaína era porque não desejava. Se o desejasse eu faria sem a menor dúvida. Foi sempre assim.

Quando criança eu ouvia, vagamente, histórias acerca de uns sujeitos que fumavam uma coisa perigosa e soltavam a fumaça pela brecha da porta da casa da gente. E todos da casa caíam num sono profundo, enquanto os marginais roubavam tudo. Era assim que eu ouvia falar de maconha, uma coisa mágica, do outro mundo.

Fiquei sem saber o que fazer ao ver Cássia numa espécie de êxtase ou, mais propriamente, num estado letárgico. Ela rejeitou minha companhia e eu, por dever, respeitei sua decisão. Fingi que não a percebia. Depois disso não nos vimos nunca mais.

Bateu-me agora uma ponta de saudade da minha menina, a que uma vez me disse antes de uma viagem: – *Não sinta saudade. Sinta minha presença.*

∞∞∞

Lucy era *designer* de moda. Eu a conheci numa fresca noite de inverno, num bar da cidade. Casada, tinha um marido bonito e delicado. Acho que o fato de ser uma jovem senhora casada a fazia tão sutil, quase que imperceptível. Para entender as sutilezas, só com minhas antenas treinadas em detectar encantamento. Medo, sempre o medo a fazer suas vítimas silenciosamente.

Marido e mulher se entendiam. Pareciam ter maturidade suficiente para lidar com a vida onde um desavisado veria perversão. Não, não tinha traição, tinha pacto, tinha cumplicidade, combinavam. Ambos procuravam uma terceira pessoa com quem pudessem, eventualmente, se relacionar. Uma parceira e cúmplice também, e não uma presa como o fazem casais desesperados para "esquentar a relação" já degelando. Em casos de desespero essa pessoa convidada é vista como mero objeto. Para esquentar qualquer coisa tem o *sex shop*, ora! Além de profissionais que fazem um bom trabalho nesse campo. Mas isso é outra coisa, definitivamente não era o caso.

Chegamos a conversar, eu e ele, sobre a possibilidade de nos envolvermos a três. Ele muito honestamente me falou da disposição de preservar seu casamento, tanto que fazia concessões dessa natureza. Ela gostava de se relacionar com mulheres, dizia. E disse também de tentativas feitas, sem êxito, onde alguém saiu de asa quebrada. Era tudo tão sincero e transparente que não valia a pena macular essa cumplicidade se eu não estava na mesma sintonia. Eu não tinha disposição para um relacionamento a três.

Resolvi não embarcar, o final era bastante previsível. "Não" também é resposta.

Às vezes é bom dizer "NÃO"! Dizer não inclusive à ideia de que pessoas ditas homossexuais estão sempre à caça de um namorado ou de uma namorada; ou disponíveis para uma relação sexual. Evidentemente o silêncio, o isolamento, a negação de si mesmo podem levar alguém a um profundo estado de carência afetiva e, logo, maior predisposição a relacionamentos fortuitos. Mas isso não é a regra. O medo que algumas pessoas ditas heterossexuais têm de conviver

com esses "outros seres" da sua espécie não tem fundamento. Isso não é coisa que se pega sem querer e por contágio. Ninguém decide "eu vou ou não vou ser *gay* e você também!". As coisas acontecem e pronto! Simples. É "sim", se for sim, e "não", se for não. Sem machucados, por favor! Decidimos se queremos ver um corpo físico, uma consciência, ou ambos. Essa é uma discussão que já poderia ser superada.

O melhor remédio para o preconceito é o conhecimento, posso afiançar.

Ai! Tantas vezes me confundi. Tantas vezes confundi. Não tem receita mesmo. De ter até tem, mas eu não me encaixava. Seria tão mais fácil lançar mão de um modelo que já deu certo. Mas quem disse que eu queria o mais certo?

Eu queria o melhor para mim.

Para apaziguar meu espírito diante de acontecimentos difíceis no face a face, eu me dizia: "Firmeza, Ondina, que se manifestar é um direito! Mesmo que uns e outras pensem o contrário". Dizer a alguém que o deseja e que o ama não é feio nem ilícito. É nobre, desde que respeitosa e delicadamente, claro. E o inverso também é esperado. Pobre é desgostar e demonstrar isso a plenos pulmões ou a patadas em praça pública. E não é isso que se faz? E não é isso que junta multidão na rua para ver quem bate mais?

Exercitar a expressão dos sentimentos e fazê-lo sem constrangimento. Sem fúria, feiura nem penúria. Era esse direito que, de certo modo, eu reivindicava.

Nunca fui abordada de maneira deselegante por uma mulher.

Lucy e seu marido eram gentis. Ele, um homem muitíssimo educado. Ela, uma dama. Que privilégio conhecer o casal. Duas pessoas dispostas a quebrar tabus e a reinventar o amor. É tão comum berrar, bater, brigar, ferir, largar, matar a alegria... Nessas circunstâncias! Mas ele e ela, não. Só queriam descobrir um jeito de

conciliar amor e liberdade.

Ele me disse que iam aos lugares que costumavam frequentar e o medo era absurdo. Em algum momento arriscavam chegar a alguém que lhes interessava e falar de suas intenções. Não raramente o casal era rejeitado, largado sozinho na mesa, censurado e cravado com olhares enviesados. Nem todo mundo está preparado para a sinceridade.

A honestidade desabitou. E meu casal amigo foi, por vezes, tratado como imoral e pervertido. Mas também tiveram êxito, claro. Quem procura acha e, por mais complicado que pareça, tem mais gente arriscando neste mundo e até compartilhando da mesma solidão. Às vezes esses mundos se cruzam, felizmente.

> Olhe, aqui quem fala é seu espelho
> Sou o seu retrato refletido à meia luz
> Veja como eu carrego a nossa cruz... Só![19]

O que machuca não é exatamente o fato de não termos uma coisa ou alguém que queremos.

O mais duro é a incompreensão. Eu já incompreendi.

Em relação a mim, o casal sabia da vida que eu levava nesse aspecto. Foi justamente essa vida que nos juntou. A essa altura, embora eu não levantasse a bandeira da causa, quem se aproximava de mim já podia me ver. Um alívio. Eu me mostrava às pessoas que me queriam ver. Lucy e Albano tinham liberdade para tanto. Numa noite, enquanto ela dormia, eu e ele vimos o dia amanhecer tomando café na mesa da cozinha. Tão bonito era aquele homem e inesquecível a nossa breve convivência! Pude ver um homem sensível e corajoso despido sem tirar a roupa. Sem abordagem brusca, ele me disse tudo o que queria. Eu o escutei e falei também. Sem surtos nem sustos, conversamos sobre o assunto que poderia nos perturbar a calma. Apenas conversamos e achamos por bem seguir em frente sem juntarmos as camas. Fortalecemos nossos laços de amizade

porque jogamos limpo, literalmente, sem vergonha nenhuma.

Hoje posso falar dessa história com afeto. Por que a vivi assim, sem dar tempo de "estragar"?

Às vezes me considero, mesmo, inapta para as formas convencionais de se relacionar, não me ajusto bem nelas. De qualquer forma, ouso arriscar um palpite: se não há expectativa de relacionamento, sexo não estraga nada. Antes, aproxima, abre portas de outras dimensões até. Cria liga e intimidade. Fortalece afetos. As mulheres seriam mais felizes se permitissem. Como eles, que o fazem, de uma forma ou de outra.

Esta foi uma história boa, garanto, nada pela metade. Digo que foi o que podia ser, e foi intenso. E não estava prescrito. Das entrelinhas não vou falar não.

Tocamos as coisas com verdade e honestidade e nos demos bem.

Mudamos de cidade e não nos avistamos mais.

Tânia era pianista. Casada, tinha um marido completamente desequilibrado. Chegou a sofrer violência da parte dele.

Ela sustentava casa e crias, uma delas já era rapaz feito. Nem ela entendia como uma mulher – financeiramente independente e com as crianças crescidas, artista sensível e ainda capaz de desejar sexualmente outra pessoa – mantinha um casamento turbulento por duros e longos anos. De fato, também me custava entender. Deve haver outras formas de prazer que desconhecemos.

Eu gostava de ouvi-la tocar piano a bebericar vinho tinto, como faziam as damas irreverentes que provocaram mudanças na história da aventura humana na Terra. Mesmo em sua casa, apesar das crises do marido enciumado de tudo e de todas, ela criava uma

atmosfera favorável a sua sobrevivência emocional. Reunia pessoas interessantes, com quem conversava, e seu papo era atraente.

A pianista frequentava gente do meio musical. Foi aí que a conheci. E foi aí que nos arriscamos. Arriscar é bom, quem pode negar isso? Parecia-me muito corajosa, sim. Acho que havia entendido que liberdade não está nos pés nem nos passos, e que as algemas estão na cabeça. Tânia tinha um lado arrebatado e arrebatador, como se vivesse eternamente apaixonada. Ela era, de certo modo, apaixonada por um sonho, por um ideal de liberdade pessoal que não conseguia realizar senão nas teclas daquele piano ao encarnar sua personagem.

– *Aqui eu me realizo. Ninguém sabe quem sou. É meu segredo* – comentava.

O clássico instrumento, como nos filmes, era seu lugar seguro, um companheiro fiel a quem podia confidenciar. Ali, sim, ela era liberdade. Ali eu via um espírito livre contido num corpo atado. Uma lagarta que virou borboleta antes de sair do casulo, a se debater, lutando para romper e sair e alçar voo. Tentava quebrar o casulo e voar para longe do lugar físico, mas não conseguia; era impedida pela ideia de ver a frágil construção que era seu casamento em desalinho. E recuava. – *Recuei várias vezes...* – contou-me. Num surto de coragem, disse-me noutra ocasião: – *Agora vou fazer o que me dá prazer e gosto. Vou transgredir!* – De momento, um caso amoroso comigo, uma mulher, estava entre as coisas que lhe dariam gosto e prazer, contou-me. Que bom!

Eu ficava lisonjeada de merecer tal investimento. Porém, como dizem meus amigos e amigas jovens, a fila anda, o tempo das coisas passa. Aconteceu o que deu para acontecer. Foi tudo muito rápido e comovente, mas passou com o vento que agita o palmeiral daquelas inesquecíveis paisagens.

Sandra era escritora, livre e desimpedida. Tínhamos algo assim que mais se aproximava de amizade, ternura, carinho embora em situações especiais despertasse em mim um desejo intenso de mais intimidade. Ela sempre me tirava de tempo fingindo que não entendia ou me dispensando de propósito. Não me levava a sério. Tinha uma compreensão da vida que lhe permitia experimentar momentos extremamente agradáveis com uma amiga. Jamais nos separamos. Eis um amor que deu certo.

Minha amiga tivera muitos homens que morriam de medo de sua independência. Nunca conseguia manter um relacionamento por muito tempo. O ciúme deles em geral a afastava. Era livre e dona de uma alma inquieta. Como eu, certamente não tinha paz de espírito. Estávamos sempre buscando não sabíamos bem o quê. Mas buscávamos. O mundo nos afrontava ou vice versa, mas ali estávamos para o que desse e viesse. Só assim viver fazia sentido.

Nesta minha vida aconteceram passagens meteóricas e nem por isso menos importantes. Cada estrela que risca o céu deixa sua marca impressa no universo, ainda que não haja olho capaz de alcançá-la. E ela vai permanecer noutro lugar e de outra forma. Mania que se tem de dar nome a tudo. São amores de brisa matinal, neblina de fim de tarde. Nenhuma tempestade torrencial, só chuva fininha que deixa suas marcas em alegres lembranças. A sabedoria popular diz que é essa a chuva que mais molha a terra. Dos breves e lindos amores, guardo verdes lembranças e esperanças doces.

São graças dos olhos do meu coração.[20]

∞∞

Ana Paula era de um temperamento insuportável. Deixava-me na rua às seis horas da manhã quando saía para trabalhar e eu que me virasse.

Morávamos em cidades diferentes. Eu não perdia nunca a

oportunidade de estar com a moça que exercia sobre mim grande fascínio e poder de persuasão. Quando ela queria que eu fosse até sua casa, a casa caía se eu não a atendesse. E me dispensava com o mesmo fervor com que me atraía. Eu ficava injuriada comigo, claro, por permitir que ela me destratasse, e jurava que não queria mais aquilo. E ela, nada de considerar minha decisão. Tirava o proveito que tinha.

Eu nunca soube jogar, nunca aprendi dissimular e fazer de conta que não queria quando queria. "Sim" era sim e "não" era não. Nunca gostei de nenhuma espécie de jogo e me canso só de pensar em jogar. Quando pequena ficava olhando as outras crianças brincarem de barra-bandeira, de bicheiro, competições infantis do meu tempo e do lugar onde nasci. Mas eu era mole, tinha medo de cair e de me machucar. Resultou que me tornei uma péssima competidora.

No caso, apesar do despudor e do desprendimento próprios da idade, eu queria a moça, mas rejeitava sua mania de grandeza e de superioridade sobre mim. Mas nunca nutri grandes soberbas, não.

Anos depois dessa coisa sem começo, meio ou fim que virou uma amizade sazonal, aproveitando um de nossos atritos desnecessários, tomei coragem e escrevi-lhe uma carta dizendo tudo o que estava atravessado na garganta fazia anos:

– *Nunca mais quero contato algum para poder preservar a ternura que sempre tive por você. E o mínimo respeito que pode haver ainda entre nós.*

Ela aceitou, não mantivemos mais contato.

Tereza também era casada. Tinha um marido louco, porém gente boa. E meu quase envolvimento com ela me deixava cheia de culpa. Ele era meu amigo e tudo ficava embaralhado em nossas cabeças. Pelo que eu podia entender, onde as coisas nunca são muito claras, ele sabia que podia haver algo entre eu e Tereza, mas nunca

falamos diretamente do assunto. Nas muitas noitadas de cerveja ele fazia comentários descontraídos sobre os sentimentos da mulher. Lembro-me do sorriso sarcástico dele jogando na cara dela: – *Você está viajando na Ondina.* – Aquele sorriso não sei se era de encorajamento, cumplicidade, descaso ou reprovação.

Ele, enfermeiro, trabalhava no ambulatório de uma grande fábrica no polo industrial da cidade e em um hospital psiquiátrico. Ela, uma boa gerente de restaurante. Chegamos perto, mas nos afastamos por força das circunstâncias.

Esse foi um momento em que tive contato com isso que, indiscriminadamente, chama-se de marginalidade. Foi uma fase de muitas descobertas quando entrei de cabeça no suburbano, no sub onde não se vê o dia. A noite era nossa e os botecos, a nossa casa. Eu, menina do interior, olhava tudo com desconfiança; era um pé dentro e outro fora. Quis ir até onde podia, desci até onde foi possível aspirar algum oxigênio. Quando vi que ia sucumbir, emergi depressa. E percebi que aquele espaço não era meu, não estava confortável.

Na época Tereza trocava o dia pela noite, quase nunca via o sol, dormia o dia inteiro para repor as noites em claro, passadas na administração do restaurante que ficava num bairro agitado da cidade. Por muitas vezes eu chegava e a via deprimida. Sem falar nos muitos cigarros de maconha que fumava na madrugada, depois do trabalho. Quanto mais se deprimia mais fumava, e quanto mais fumava mais decaía. Isso a enfraquecia e me punha em conflito com a situação. Cheguei a propor tratamento e, em uma ocasião, levei para ela uma revista que falava de um centro de apoio a pessoas com dependência química e psicológica. Ela se sentiu profundamente ofendida com a minha sugestão.

– *Não preciso de sua ajuda. Fumo faz mais de vinte anos e não sou viciada.*

Depois de algum tempo perdemos o contato.

Com minha intromissão na intimidade de Tereza no que dizia respeito aos seus hábitos, tive certeza de que eu precisava me curar de um problema grave, que é a mania de achar que sei o que é bom para as pessoas. Tal presunção me atrapalhava no trato com as demais e isso me angustiava.

A pretensão de saber bem das coisas vinha da militância no partido político da juventude. Como membros do partido, pensávamos ter a receita para os problemas do mundo. Engano. Se o mundo tinha algum problema certamente seguiria com ele para além de nós do partido, partido para além do partido. É fato. Mas não custa tentar.

Quanto a mim, segui na tentativa de me libertar da descabida presunção de apontar o certo e o errado. Isso me fazia sofrer, pois percebia que nem sempre minha opinião era solicitada e ainda assim eu me metia em assuntos de pessoas com suas individualidades – mas que não me eram tão estranhas assim a ponto de não me importar. Tereza era chegada a mim e eu me preocupava com ela. Às vezes eu sentia que ela se abandonava e as pessoas que estavam por perto, também a ela, por não saberem o que nem como fazer. Havia uma espécie de abandono à própria sorte, entre nós, em nome do respeito à individualidade.

Eu esperava que a maturidade e os tombos me ajudassem a ser uma pessoa menos intrometida. A essa altura, assim como o mundo masculino me parecia distante, eu pouco entendia do universo feminino, que foi se tornando incompreensível para mim; cada vez mais confuso e, por eu ser uma mulher, era meu mundo que ficava estranho também. Comecei a duvidar de minhas escolhas. Será isso, será aquilo? Enfim, comecei a desaprender um bocado de coisas, estava na hora de avançar.

Cheguei a me sentir incompetente em matéria de amar e, se tivesse que me atribuir uma nota de um a dez, eu não arriscaria mais de três ou quatro.

Se houvesse outra possibilidade, outro arranjo, outro sexo, com certeza eu me aventuraria, eu o conheceria. Mas não desanimei, não. Caía aqui, levantava ali...

> Ali onde eu chorei
> Qualquer um chorava
> Dar a volta por cima que eu dei
> Quero ver quem dava[21]

Em termos de acomodação entre os sexos, não havia muito o que fazer. Já de pessoa a pessoa, a ver o que era possível ainda.

∞∞∞

Nem sempre a relação amorosa entre duas mulheres é vista como uma relação verdadeiramente sensual, partindo-se de um pressuposto de que mulheres são sempre amáveis umas com as outras e um tanto ingênuas também; e da inequívoca certeza de que não temos o pênis supervalorizado. Um jovem primo meu disse que prefere um tiro na cabeça a ficar sexualmente impotente. Não deve ser mesmo fácil perder a inteligência.

O pai da Psicanálise, Freud, homem, afirmou que a mulher inveja o pênis.

É bastante comum maridos proporem a esposa a inclusão de uma terceira pessoa na cama, em geral mulher, já que não se sentem traídos. Relação sexual para eles é basicamente penetração, então. Muitos homens alimentam essa fantasia, e algumas esposas topam por várias razões: curiosidade; possibilidade de realizar o próprio desejo sem ter que esconder do companheiro; ou para satisfazer a vontade dele, apenas. Até aí, tudo bem. Cada uma sabe de si e não há mal nenhum nos acordos. Já, quando perguntados se a terceira pessoa pode ser outro homem, normalmente eles rebatem com veemência. Homem tem pau, penetra, come. Até aqui não estou a falar de pornografia.

Homens machistas, preconceituosos e inseguros tendem a infantilizar o amor de duas mulheres, subestimando-o como se não pudesse haver nele sensualidade, prazer, satisfação sexual. Homens inteligentes, sensíveis e mais seguros reconhecem que ninguém é infalível. Que eles podem brochar sem que isso seja uma tragédia. E que mulheres não são crianças. E que até mesmo as crianças têm suas compensações.

Certa vez, numa discussão acalorada com um amigo, joguei as cartas na mesa. Ele, um ativista dos direitos humanos, não concebia que era direito de toda pessoa escolher com quem dormir e como amar sem sofrer constrangimentos por isso. Seus lindos olhos de jabuticaba quase pulavam fora das caixas ao me garantir: – *Se você trepar comigo nunca mais vai querer uma mulher!* – Aquele homem nunca pôde conceber um mundo não binário, múltiplo, diverso como é a natureza na qual se insere também a espécie humana.

Às pessoas ditas heterossexuais, sim, fica estabelecido o direito inalienável de escolher casar ou não casar, separar ou não, expor-se publicamente ou manter segredo, parir ou não. Tais escolhas não são permitidas, sem prejuízo, a quem foge à regra da heteronormatividade, segundo o entendimento do meu amigo. Não são assim tão direitas. De modo que quem quiser pode fazer piadinha, julgá-las certas ou erradas, chegando às agressões físicas e morais, e até à morte.

Eu disse a Roberto que gosto de dormir com mulheres, uma vez que essa era uma maneira de levá-lo a refletir seriamente sobre o conceito de normalidade na sexualidade humana, fortemente arraigado em seu pensamento. Eu sabia do seu carinho por mim em sendo, eu, uma pessoa "normal", ali, em sua casa, na sua frente. E se eu estava perto dele, um espada acima de qualquer suspeita, como não haveria de ser alguém também previsível nesse aspecto? Normal?

Preparei-me para receber seu julgamento e previa hostilidade.

Com minha revelação, ele tossiu, engasgou, resmungou, rebateu, relutou em aceitar que eu gostava mesmo de mulher. Insinuou que, lá no fundo do meu inconsciente, eu gostava de homem. Eu tive de dizer para ele, sem jamais o convencer, que não tinha nada, nada contra os homens, mas que, desperta, à luz da minha sobriedade e naquela altura da minha vida, eu gostava de me relacionar com mulheres.

Na manhã seguinte Roberto acordou febril e desajeitado. E eu, sem febre, mas ligeiramente sem graça. Que coisa curiosa! Fiquei sem jeito também, sem saber por onde começar o dia com ele. Fomos conversando aos poucos sobre café, sobre os problemas do país, que continuariam para além da minha cama e depois de minha revelação bombástica para meu amigo. Tranquilamente, ele foi assimilando as informações e recobrando a saúde. Certamente foi entendendo que *gays*, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis pertencem à espécie e estão bem ao nosso lado, quando não somos nós mesmas. E tudo voltou ao habitual estado de paz e de harmonia. Nunca mais voltamos ao tema e ele continuou com suas leves investidas sem sucesso.

Falar faz bem a nós e às pessoas à nossa volta. Devemos crer na capacidade das pessoas que nos cercam. Elas também podem aprender.

Os meus insucessos em vários relacionamentos, essa minha conversa com Roberto e a insistência dele em me convencer de que lá no fundo do meu ser eu queria um homem fizeram-me pensar profundamente sobre o assunto. De fato não havia um motivo aparente, uma causa para minha preferência por mulheres. Não era de se achar um diagnóstico para tanto, mas refleti bastante sobre o assunto. E fui percebendo que a gente se acostuma às coisas, as novidades viram hábitos. Assim é que na cultura ocidental um sujeito "normal" é, quase que por decreto, branco, heterossexual, se casa e tem crianças, professa uma religião e vai à igreja, e assim por diante. E isso passa a ser a tônica. Isso vira norma.

De repente me vi bastante adaptada ao modo de vida das mulheres. Desde a família eu conhecia algo que se nota mais especialmente no universo feminino e de que eu gosto. Mulheres cuidam, zelam, cedem, mudam mais. Na minha profissão tive uma experiência incrível e que ilustra bem o que digo.

Numa comunidade rural próxima da cidade onde eu morava, as mulheres resolveram solucionar um problema que afligia as famílias dali há séculos: a falta de terra para trabalhar. Começaram a se reunir e a chamar mulheres de outras comunidades e, assim, marcaram a data da ocupação das terras pertencentes a uma usina de cana-de-açúcar, onde milhares de pessoas, inclusive elas e seus homens, trabalhavam em regime análogo à escravidão. E se organizaram para entrar na terra. E foram sozinhas. Os maridos não foram. Descrentes do sucesso da ação, eles não as acompanharam e ficaram na vila, onde tinham seus casebres. As mulheres foram para debaixo da lona. Quando passada a fase inicial do conflito e de enfrentamentos com polícia e jagunços – a mais difícil, portanto –, os maridos foram se achegando aos barracos de plástico preto onde estavam suas esposas e crianças. Tempos depois as terras foram desapropriadas e toda aquela gente tem lugar para plantar e viver dignamente.

Atitude é coisa boa de se admirar.

Outra que me tirou a calma foi **Júlia**, na altura dos seus cinquenta e uns e eu com meus trinta e poucos anos. Eu a admirava já de muito tempo e por vários motivos, mas, sobretudo, pela liberdade de viver que ela me inspirava com sua autonomia financeira e emancipação afetiva. Achava o máximo saber dos bochichos sobre os muitos relacionamentos com homens solteiros ou casados da cidade onde vivia e de quem ela roubava o juízo. Então éramos vizinhas de cidade. Voltaríamos a nos ver tempos depois em outros cenários.

Tinha uma beleza só sua. Era um terror para as mulheres que tinham maridos soltos. Eu nunca imaginava que um dia também eu pudesse realizar a fantasia de muitos que a conheceram. Até que por um capricho do destino chegou minha vez, totalmente inesperada. Um cupido tratou de mandar o recado de que ela elegeria não mais que duas mulheres do fechado círculo de amizades caso resolvesse "experimentar". Para deixar meu queixo no chão, eu era uma das duas possibilidades que ela elencara.

Combinamos um jantar regado a vinho na casa do cupido, numa noite chuvosa, na cidade onde vivíamos agora. Tudo de caso pensado. E comemos e bebemos e nos embriagamos e conversamos e nos aproximamos e fizemos sexo. Foi uma única vez, o suficiente para quebrar o encanto. As mulheres se parecem entre si em qualquer parte do mundo. Acho que ela também me descobriu. Júlia me ignorou no dia seguinte ao nosso encontro, fez de conta que nem me conhecia quando passou por mim na calçada. Não entendi nem aceitei. Como é possível? Será que foi por causa do porre de vinho que eu tomei para criar coragem? Ela, gentilmente e bêbada também, cuidou pacientemente da minha bebedeira. Eu que devia estar sem graça pela deselegância da cachaça. Lembrava-me de tudo e queria lhe pedir desculpas pelo descontrole. Sem chances.

Ora, será que tinha de ser assim tudo tão fugaz? Fui me percebendo conservadora. Agora procurava caso sério?

No fundo o que doía era a indiferença. Fiquei inconformada com a indiferença dela. Tudo o que me acontecia, então, fazia-me crer que amar não pode dar certo. Tanto que já começava uma história me preparando para o baque final. E não dava outra. Havia uma espécie de atração por coisas complicadas que não podiam "dar certo". Impressionante como a ideia de amor romântico se mantém grudada na gente. A mais liberal das mulheres pode ter recaídas e clamar por um amor que "dê certo". Até quando? Até se inventar outro paradigma.

Passado um tempo do nosso tumultuado encontro, Júlia me telefonou dizendo que me visitaria um mês depois. Até hoje não espero a visita prometida.

Quando Júlia me telefonou, eu, à época magoada e sem modos, perguntei a ela com todas as letras:

– Você bebeu?

– Não. Precisa beber para lhe telefonar, Ondina?

– E não?

Ela se ofendeu com minha pequena grosseria, muito embora um pilequinho não fosse assim algo tão imoral para nós. De fato pensei que poderia ter bebido, para tomar coragem, e que quando passasse a bebedeira esqueceria que me havia dito ao telefone: *– Nesse momento estou apaixonada por você. E estou lúcida.*

Sentia-me frustrada, preguiçosa para investir um tantinho só de energia numa relação afetiva. Não me julgava irresistível, não, mas me permitia. Nunca me fiz sedutora nem qualquer esforço para adquirir beleza. Entretanto eu sabia da minha força, da minha capacidade de atrair esentir e amar uma pessoa à minha maneira, evidentemente. Mesmo não sabendo como, eu queria amar alguém. E queria com toda a força do meu desejo. Essa era uma crença muito forte em mim.

Quando amava, não escapava da pergunta "Para quê?".

Viver é mesmo engraçado. Dizem-nos coisas e as tornamos verdades absolutas.

Na altura já tinha aprendido uns lances e não era sem tempo. Minha autoestima se foi minando. Eu pensava que amor era para dar certo do meu jeito ou do jeito que aprendi. Algo assim para hoje, amanhã, semana que vem. Quiçá para toda a vida. No fundo eu queria isso, ao menos enquanto não tinha um amor assim.

Diante de tantos encontros e desencontros fui amadurecendo na pancada e, aos poucos, perdendo a fé no aprendido. Tudo foi ficando frio, um frio que me gelava por dentro e me deixava indiferente. Tanto fazia se durava uma hora, um dia, um ano. Eu ia dando, literalmente, e levando. Tudo foi ficando como é de fato, real. Parece que um *iceberg* gigante vai abatendo a gente. Mas o caminho passa por aí, passa por viver e até degelar, derreter.

Ficava pensando sobre essa necessidade antropofágica, por assim dizer, de me confundir ou de me fundir com a pessoa a quem admiro e quero e amo... A minha alma irmã. A configuração do ato sexual como troca de afeto, de prazer e experiência não se distancia muito da representação implícita no ato de devorar a outra para adquirir suas características, sua energia, sua força, sua alma. Será isso? De certo modo, quero me parecer com meu "objeto" de desejo, quero me amar nele, no ser amado. Assim, quem sabe, ele se identifica comigo; quem sabe ele se vê em mim e se ama em mim também. Nunca havia imaginado que um dia tocaria aquela mulher, Júlia. Quando a conheci anos antes, eu ainda jovem e ela já mulher feita, nem sabia que um dia amaria qualquer mulher, quem dirá Júlia Sarmento, que eu admirava. E, quando pude realizar a fantasia geral de uma cidade inteira, senti-me lisonjeada e com medo ao mesmo tempo. Agora eu receberia um pouco da força que movia a mulher incrível que era ela. Ligando-me a ela pelo desejo, corpo no corpo, receberia da sua energia, do seu acendimento. Viagem. Sem bússola, sem direção. Perdemo-nos?

Querida Júlia, não posso ser ingrata com o acaso que nos reuniu, dizendo que não valeu. É claro que valeu. Amar a você pelo menos uma vez foi presente da vida. Um deleite para meu ego também um bocadinho vaidoso, sim. Como não? Pena não poder gritar aos quatro cantos do mundo, do meu contentamento. Era mais um segredo. Para não deixar por menos, espalhei o acontecido por toda a pequena ilha que éramos o cupido, ela e eu.

∞∞∞

Não demorou muito e lá estava eu de namoro com **Sônia**, uma dentista desencantada com a profissão. Ela queria ser bióloga. Solteira e sem filhos, porém numa situação complicada: não sabia o que fazer de si mesma. Quase me apaixonei de novo. Não com aquela paixão juvenil e avassaladora que tive por Lúcia, não. Como aquela acho que nunca mais, porque não sou mais a mesma.

Eu achava que era tempo de viver uma história de amor que valesse a pena e que me arrebatasse de novo. O que poderia ser uma relação que valesse a pena e que me arrebatasse de novo eu não fazia a mínima ideia. Desejava uma presença cúmplice para poder falar das coisas da vida, compartilhar os projetos e dividir as despesas da casa, talvez. Isso valeria a pena? Ai, as penas!

Soninha e eu estávamos em distintas sintonias. Nela havia um tipo de sofisticação que eu não tinha. Eu era uma mulher simples, porém educada, sem falsa modéstia. Por outro lado, eu trazia uma coisa que lhe faltava, uma força tal que até hoje não sei de onde vinha nem de onde vem; mas que me punha e põe de pé todos os dias. De modo que quando algo dava mais errado do que o previsto e me atingia em cheio, eu reagia igual gato que já cai de pé e sai correndo. Para ser sincera, assim como os gatos, devo ter sete vidas. Só pode.

Sônia, que era mais sofisticada do que eu, para se levantar de manhã travava uma luta consigo mesma. Levantar-se para a vida a entediava. Uma das coisas que a animava, além de ver esporte na televisão, era o *shopping center*. Lamentava-se das poucas posses que, segundo ela, eram insuficientes para manter seus desejos consumistas. Ela assumia isso sem constrangimento. Era generosa, uma pessoa muito especial.

Sônia me contava segredos. Como muitas mulheres, carregava culpas dentro de si por motivos que não ouso mencionar, em respeito à confiança depositada em mim. Mas carregava culpas. De que as mulheres se culpam? Não é difícil imaginar. Então, o jeito era fugir de si mesma, era se entorpecer, era negar a natureza em si. Era se enfiar

dentro da concha, pérola que era. O jeito era comprar, já que não achava sentido na própria vida. – *Gosto de comprar e meu dinheiro não dá para comprar tudo o que quero ter.*

O jeito era buscar fora o que faltava dentro. Eu, de poucas posses, nada podia oferecer nesse sentido. Sempre vai aparecer alguém disposto a bancar. Não deu outra.

Esse era mais um namoro escondido. Não sei por causa de quê, se ambas éramos livres. O fato é que tínhamos de esconder de todo mundo à nossa volta. Somente algumas marginais como nós sabiam de nosso romance. No mundo das sombras é que nosso amor existia. A luz do dia, no convívio social com pessoas "normais", éramos amigas e só. Isso enfraquecia os laços, que não resistiriam a tanta negação. Cansativo.

Cada vez que conhecia uma mulher eu me certificava de que somos mesmo seres um tanto especiais. Quanto aos homens, um ou outro que me interessava era comprometido, marido de uma amiga ou gostava de outro homem. É como se as pessoas interessantes para mim estivessem todas ocupadas. Não, homem não! Com exceções, em geral são frágeis, dependentes, querem a mãe de qualquer jeito, procuram a figura materna em toda mulher que encontram pelo caminho. Outros ainda exibem mulher como troféu. Não. Não dava mesmo. Apesar das excentricidades, ainda assim, as mulheres. E, devo dizer, elas me atraíam de uma forma peculiar, tudo muito mais cultural e naturalmente lapidado.

Durante anos e anos encontrei pessoas lindíssimas por todos os lugares por onde passei. Mas no dia seguinte tinha que ir embora ou, mesmo, o mundo rachava sobre nossas cabeças.

Apesar da tristeza que senti quando Sônia disse que não me queria mais, devo dizer que vivemos bons e alegres momentos juntas. Só foi mais uma tristezazinha ou a continuidade de uma só [tristeza] que me acompanhava havia tempo. Foi bom conhecer

Soninha. Finalmente ela arranjou um bom casamento, que lhe daria provavelmente algum suporte e segurança. Do resto, não sei.

Não é de uma simples coisa que falo. É de algo bem complexo que nem sei se sei dizer, se exprimo, mas sinto. É de vidas represadas, impedidas, achatadas por modos impostos de cima para baixo, modelos inventados e naturalizados por quem não vive nossas vidas, mas decide sobre vidas alheias como se tivesse o direito de fazê-lo.

> as coisas miúdas dão de ser persistentes
> de tão aparentemente desimportantes
> estão ali com a gente
> inalteradas, despercebidas, miudamente disfarçadas
> amiudadas no canto da casa
> no tijolo aparente
> Coisas miúdas dão de doer docemente
> dão de arder como brasa
> e lentamente
> dão de ser quem são
> humildemente[22]

Regina era jornalista. Seu namorado era um moço simpático e de pouca iniciativa. Durante todo o espetáculo que assistíamos numa sala de música era comigo que ela falava, que comentava sobre o som e compartilhava o momento. Se ele a tocava, ela o repreendia. Tem coisas que não dá para entender, repito. Na volta deixou o rapaz em casa e seguimos para seu apartamento numa quadra qualquer duma rua igualmente numerada da capital, onde morava com uma gata que tinha status de princesa. E não deu outra. Só por aquela noite, claro, tudo empurrado por alguns copos de cerveja que levariam a culpa no outro dia. Dia esse em que não houve um "oi". Nenhuma só palavra.

A noite mexe com nossos sentidos e coisas inusitadas acontecem no sossego e na escuridão noturna. Eu já me havia habituado. Sem queixas. Na noite seguinte, ao chegar do trabalho já tarde, passou direto para o quarto. Eu, na sala, não sabia o que fazer. Fui até o quarto onde estava já deitada, em silêncio absoluto. Tentei falar com Regina, mas ela não conseguia tocar no assunto de tão sofrido que era para si. Repreendeu-me veementemente. Depois de uma noite difícil, pela manhã resolvi antecipar a viagem e ela me levou à estação. Foi terrível e interminável o percurso entre aquela tal quadra e o trem. E minha viagem, um inferno. Um suplício o último "até logo" com lágrimas nos olhos e muita dor, depois de dois dias de total silêncio. Foi a última vez que vi Regina. Mas ela ainda vive.

É triste quando duas pessoas se apartam por afeto. Ou medo ou raiva ou mágoa? Mas mágoa de quê? Medo de quê? Não sei até hoje. Ela nunca disse nada a respeito daquele silêncio exasperante. Eu não tinha disposição para mais nada. Essas eram histórias cansativas, desgastantes, e fui me percebendo inábil para lidar com elas. Comecei a fugir também de quem por acaso enroscava em meu caminho. No entanto, sempre me deixei vencer.

∞∞

Numa dessas encruzilhadas do caminho conheci **Leila,** uma italiana. Foi numa festa de aniversário na casa de um amigo. Uma mulher fina e gentil, educadora e militante do movimento feminista em seu país. Estava de passagem por aqui. Fiquei encantada com sua inteligência, com sua educação arriba da média. Ela também viu graça em mim. Já disse que também tenho meus gracejos, não os nego. E no primeiro encontro o que mostramos? O nosso melhor, com certeza.

Lembrei-me de um pensamento da nossa rezadeira de infância. A velha Inocência dizia:

O gado do Pioí
cresce o chife e míngua o rim
Todos começo são flore
e a choradêra no fim.

Quanta sabedoria tinha minha madrinha, saracura, macumbeira!

Caímos na noite com mais alguns amigos e amigas que a recepcionavam. Foi num fim de semana que terminaria na terça-feira de Carnaval com um ato de bravura ou de loucura meu, depois de muitos sinais e indícios que seriam prontamente esquecidos. Fomos a uma danceteria famosa da cidade. Mostramos sempre o mais bonito de nós e da cidade também.

No grupo havia um sujeito considerado um tanto amoral.

– *Meus defeitos é gostar de cachaça e de mulher* – dizia.

No mais, era um homem honestíssimo. Um amigo que eu muito prezava, um cúmplice, de certo modo, porque eu também tinha defeitos parecidos com os dele. Era comum disputarmos espaço em algumas situações, homem é mesmo um bocadinho competidor. No campo das conquistas amorosas, para ele tudo parecia mais fácil (será?) já que, como homem, lhe era permitido escancarar. Eu, que nada podia revelar, posava de desentendida. Meu amigo e eu não tínhamos muitos segredos e ele quase me tratava como um de seus pares.

Ficava injuriada quando Inácio se esquecia de que sou uma mulher. Odiava quando fazia comentários grosseiros principalmente sobre mulheres:

– *Tou comendo essa rapariguinha aí.*

Eu queria matá-lo por isso. Brigávamos muito. E, se brigávamos sempre, é que fazíamos as pazes regularmente. Tem amizades que são para a vida toda.

Naquele Carnaval meu amigo andava com uma namorada, a tal rapariguinha; era assim que a tratava em falas infames segredadas comigo – eu, quase um machinho no seu entendimento, com quem ele podia confidenciar em segurança.

Eu me divertia. Numa daquelas noites de Carnaval me diverti muito. Dancei com todos e todas da mesa, incluindo a mocinha do meu amigo Inácio, para lhe provocar ciúmes. Ela me usava para esse fim e eu não me importava. Todo mundo usava todo mundo e tudo bem. Dancei com a Convidada também.

Que incrível dançar com Leila! Eu era pé de valsa. Dançava bem, modéstia à parte. Em terra de cego quem tem um olho é rei. Tirei proveito de dançar qualquer coisa, porque o restante da mesa não dançava. Inácio, embora não reconhecesse, dançava terrivelmente mal. Saímos dali de manhãzinha. Tempo bom.

Em retribuição pela noite na danceteria, Leila nos ofereceu um jantar para marcar sua despedida. Queria "marcar", eu sabia disso. Meu amigo metido a Don Juan também sabia. Tudo finérrimo como ela. Foi uma noite inesquecível. Do restaurante onde nos ofereceu o jantar fomos até o apartamento onde estava hospedada. Era a última noite de sua estada na cidade. Com o adiantado da hora, somente as pessoas mais interessadas ficaram até o final. Entre as mais interessadas estava eu. Tanto eu como meu amigo Don Juan tínhamos expectativas. Inácio era um irremediável conquistador barato, de péssima reputação.

No grupo tinha um sujeito que gostava de cantar. Ele se esforçou bastante para impressionar a moça. Sem sucesso. Naquele tempo, artista do chamado terceiro mundo sonhava em ser convidado para se apresentar no estrangeiro. E o cantor, que não tinha lá grande talento, esforçou-se bastante; e ela também para ouvi-lo até o fim da lenga-lenga. Foi muito educada. E nós não sabíamos o que fazer. Como desligar o cantor? A anfitriã da noite não era de se espantar com pouca coisa não, ademais já estava acostumada

aos assédios desses tipos. Com tanta cantoria, bateu o cansaço e resolvemos ir embora. Eu não queria ir embora justo naquela hora... Ah, não! Mas também não tinha como me convidar para ficar. Meu amigo foi levado pela namorada que tentava lhe chamar a atenção provocando ciúmes. Fomos embora.

Eram três horas da manhã. Não tendo como ficar, saí sabendo que voltaria meia hora depois. Voltei com um vinho na bolsa e minha admirável cara de pau. Saí sabendo que voltaria. Não fiquei direto para não nos expor diante da turma. Voltei e voltaria outra vez, naquela idade. Se lamento alguma coisa na velhice é ter perdido o ímpeto da juventude. Se era para me arrepender, que fosse do que havia feito.

Um pouco depois, deixei Leila e voltei para casa perplexa, surpresa com a minha ousadia. Uma doce lembrança da minha juventude – na altura já um tanto avançada – para ser bem guardada.

Na dúvida, perguntei-lhe: – *Já teve uma mulher?*

Ela me respondeu afirmativamente.

– *Então faz sentido, não estou totalmente doida?* – confirmei.

– *Não, não está.*

Isso me acalmou.

Um jeito de não me enforcar no dia seguinte a uma atitude impensada como essa era sorrir de mim, mas sorrir muito e não me levar a sério. Um grave problema é se levar muito a sério. Sempre tive responsabilidade e agi com seriedade noutros aspectos da vida. Mas com relação à minha conturbada vida amorosa precisei aprender a me desculpar e a dar boas gargalhadas de mim mesma. Era um jeito de enganar a dor no joelho depois da queda.

Um problema de mulher é admitir que também quer. Que deseja a outra mulher. Foi assim com Leila. Perdemos o contato. Até

hoje me lembro com afeto daquela pessoa encantadora. Uma grande mulher.

∞∞

Tive uma paixonite transitória por **Fátima**, uma francesa. Conhecemo-nos quando ela passava férias no meu país. Até hoje guardo algumas de suas cartas, que não me deixam esquecê-la. Foi mesmo um encontro bonito que tivemos e que teria sido bastante promissor – ou não – se não fosse sua indisposição para o amor, depois de tanto tempo ligada a um homem que a deixou ao fim de um longo casamento que deu certo. Foram anos de um exitoso relacionamento. O que enfeia as coisas, ao final, é a crença de que tem de ser "para sempre". Frustrante.

Uma nova relação amorosa não estava nos seus planos. E com uma mulher certamente que não. Dá trabalho se relacionar. E com um mundo caindo sobre o teto, é trabalho dobrado. Ter que esconder, fingir, negar. Dispendioso por demais. Além disso, havia uma enorme distância geográfica entre nós, entre outras distâncias. Um oceano inteiro nos separava. Foi melhor parar antes da hora. O medo nos parou. Há que se ter um pouco de medo para sobreviver. O medo em certa medida é bom, pois nos preserva de riscos desnecessários.

Fátima tinha uma filha e levava uma vida regrada. Era advogada. Ela me estimulou a publicar essas histórias:

– *As mulheres precisam falar de si, contar sobre suas vivências; isso vai nos encorajando a assumir um projeto de vida próprio, sem culpa, sem constrangimento, a dar o rumo que convier à nossa vida, a achar sentido em nós mesmas sejamos mães, esposas, amantes* – disse.

Tivemos vários outros encontros lá e cá. Conversávamos horas a fio. No começo, com minha abertura sobre minha vida pessoal, ela ficou surpresa. E, geralmente, a surpresa se dava em torno da

ausência de um perfil estereotipado de lésbica. Disse ela que eu passava "despercebida".

Tem preconceito para tudo. Fui acusada de tentar parecer ser quem não era e de negar ser quem sou, por causa do meu perfil, da minha aparência e do meu comportamento. Em algum momento falavam-me para ser "mais feminina", ou seja, acusavam-me de ter atitudes masculinas. Quando jovenzinha, em começo de "carreira" sentimental, e quando frequentava o grupo de jovens da igreja, assumi um aspecto comportamental aproximado do modo de vida religioso que encoraja ao recato, quando não ao sacrifício do corpo tentador. As minhas roupas eram parecidas com as roupas das beatas e das missionárias. Compostas, folgadas e de cores neutras. Isso fazia parte, também, de uma onda meio *hippie* fora de lugar, deslocada. Naturalmente, num país tropical e de muito calor, a população poderia andar nua, como os primeiros habitantes da terra. Não fosse a falsa moral recém-chegada, que pretende esconder "as vergonhas" debaixo dos panos. Fato é que, na altura, eu andava bastante embrulhada.

Com o tempo mudei de figurino, resolvi andar à paisana. Já passava da idade de querer me destacar. Isso é próprio de adolescentes e jovens ainda bem jovens. Pois isso também foi motivo de acusação. Inversamente, tive que engolir insultos da turma do gueto me acusando:

– Só quer ser mulherzinha. Não quer assumir, mas você é sapatão!

Acusavam-me de vestir vestidinho e usar sandalinha de dedo. E de, por isso, negar minha pertença à irmandade. Ora, ora! Teria que pertencer a isso ou aquilo? O jeito era não dar ouvidos a tantas acusações. Sempre fiz do jeitinho que eu quis fazer.

Voltando à Fátima. Ela me recebeu com elegância, embora surpresa. No instante da descoberta de que há uma pessoa que dorme com outra do mesmo sexo tão perto de si, geralmente rola um

impacto, um susto. O sinal mais nítido é a agitação das mãos, que não acham lugar para pousar. Onde colocar as mãos? O que fazer para não as enfiar pelos pés?

Senti alguma tranquilidade nela. E preguiça, em mim, de ficar sisuda sobre meu coração.

Preguiça para o jogo de esconde-esconde que já me havia cansado.

Simone de Beauvoir, em uma de suas últimas entrevistas,[23] perguntada sobre o que ela falaria se tivesse ainda oportunidade e tempo, disse que falaria mais sincera e abertamente de sua sexualidade. Exatamente sobre os casos amorosos camuflados que teve com mulheres durante toda a vida. Ela sabia da importância de se falar francamente dessas coisas. A corajosa e irreverente pensadora francesa também calou, em certa medida, em relação a seus "brinquedos imorais".

Até quando se vai viver na sombra?

A quem interessa isso?

Não me importa a vida privada da vizinha, não quero saber se ela dorme deitada ou de pé. E espero a mesma atitude para comigo. – *Se não me respeitar não serve para ser meu pai, meu irmão, meu filho, meu amigo*. São palavras de uma mulher genial que conheci e que se chamava Benta. A Terra parou nesse degrau.

Liberdade para escolher. Escolher não ser livre é também uma escolha.

Beleza era mesmo uma coisa que me arrebatava. Arrebata e arrebatará enquanto olhos eu tiver. A mulher deste país sempre esteve entre os itens mais apreciados da cesta básica de luxo. O

estimulante *sex appeal*, essa coisa aparentemente inata, um tipo de impulso que serve bem ao prazer e à perpetuação da espécie em larga escala, faz de nós um dos principais produtos de exportação. Nossa imagem é vendida lá fora da mesma maneira como fazem às sandálias, ao esporte mais popular ou à cachaça, que serve tão bem para fazer "caipiuruinha". Tudo no mesmo pacote. Pois temos isso de gostosura em tempo integral, fato. Nas outras espécies animais, o equivalente cio. Nunca cheguei a medir meu nível de *sex appeal*, daí não saber ao certo como isso atuava em mim, nas minhas conquistas amorosas, especialmente com mulheres.

Contudo, outros atributos, em particular, me atraíam nelas. Como eu disse, Fátima era do país conhecido no mundo todo por ter uma suposta finesse como marca. Fineza é um traço importante numa pessoa, considero. Elegância, eis outra coisa que encanta. Inteligência me era irresistível e agia sobre mim a ponto de me tirar o juizo. Posso falar de tesão intelectual e sempre padeci desse bem. Nada me fascinou tanto como uma pessoa dotada de inteligência em seu sentido amplo que contempla intelecto e emoção.

Entre um homem e uma mulher tem o lance da atração visceral pelo outro sexo, isto é, pelo sexo oposto com vistas ao prazer (dele, necessariamente), mas principalmente com o objetivo intrínseco de fecundar. Ao menos assim se espera, numa perspectiva conservadora, patriarcal. Sexo para perpetuação da espécie. Macho e fêmea atraem-se pelo odor, pela cor, pelo olhar etc. Biologia à parte, crenças e mais crenças.

E eu ficava pensando: e na mulher o que me atrai, uma vez que não há o intento de reproduzir? O prazer, só podia ser o prazer. O jogo sensual, o gozo sexual, sim. E outras coisas que se somavam a isso. Os sentidos todos se abriam a uma nova possibilidade. O som da voz associado à fala. Isso me tirava do prumo. Eu me deleitava ao ver uma mulher brilhante se pronunciar sobre assuntos caros a si. Atitude. Eis outra coisa que sempre me ganhou. Meu corpo todo

entrava em alerta ao ver uma mulher inteira que me atraísse – não todas, ora. Portanto, não importava a cor da pele, se branca, preta, amarela ou parda, nem se usava perfume nacional, importado ou nenhum, nem a embalagem, nem as marcas; a roupa enfeia o corpo, por isso gostava e ainda gosto mais do corpo nu. Tinha minhas preferências por certos traços físicos, mas namorei todos os biotipos, inclusive as magrinhas; nunca tive preconceito contra mulher magra. O país de origem e a religião também não me importavam, embora preferisse as que não punham deus na relação. Os embates travados nesse tipo de triângulo amoroso eram desleais. Enfim, muitas coisas me atraíam numa mulher inteira, num corpo completo, indivisível.

Entre duas mulheres muita coisa pode seduzir e apaixonar. O corpo inteiro é sexuado, dotado de libido. E, por conseguinte, toda manifestação desse corpo que percebe, deseja, escolhe, rejeita. Um organismo inteiro que tem vontades próprias e que não se submete nem impõe, apenas se deixa levar e/ou conduz, como numa dança espontânea. A vida vai nos juntando.

∞∞∞

Lembro-me de **Odete**. Confusa, não sabia o que fazer dos próprios sentimentos e menos ainda dos meus. A esperança de Odete era que eu concordasse em "trair" o marido dela dentro da própria casa, da casa dele. Ou que eu topasse um jogo a três, porque ela pensava que ele não se importaria de ter mais uma mulher na cama. E provavelmente não, oras! Isso é prova de bom desempenho para um homem.

Por fim, instalou-se um penoso conflito, que levaria ao fim do nosso precoce relacionamento – digo, entre eu e Odete. Vez por outra ela me mandava um sinal de fumaça, um grito, uma batida de tambor. Eu tratava de varrer qualquer indício de presença, qualquer possibilidade de reaproximação. Ela contava histórias para mim e para o marido também, suponho. Uma vez, quando se viu apertada, escreveu-me em carta: "Meu marido leu nossa correspondência e por

isso preciso que você fique longe de mim". Não sei se ele viu mesmo a minha carta. Criativa, ela bem poderia ter inventado a história do marido que encontra a carta da amante da sua mulher sobre a escrivaninha. Assim como inventava os milhares de pretextos para estar comigo, podia muito bem criar mais uma de suas fábulas fantásticas para sair dos apertos. É o jeito! Quando ela queria, me mandava sinais. Mas quando se via descoberta, era eu quem deveria ficar longe. Questão de perspectiva.

Não me apaixonei por Odete. Eu sofria era de uma fixação na ideia de ter uma pessoa a quem me agarrar na vida. Carência afetiva.

Apego. Ego. Vivemos uma cultura que trabalha contra a liberdade e a independência. E isso é péssimo.

Conheço pessoas que também sofrem dessa espécie de desespero. Na verdade eu vivia a procura de alguém para não ficar sozinha. Estar sozinha, não. A solidão mete medo e aprendemos desde cedo que todo mundo precisa de alguém que lhe faça feliz. Depositamos tamanha responsabilidade noutra pessoa que, se essa criatura for prática, vai correr para longe. Seguimos, então, vida afora em busca dessa metade perdida, até acharmos algo que possa tampar nosso vazio. Ou até descobrirmos que o buraco é mais embaixo. Dificilmente haverá uma pessoa que nos possa curar a ferida. Uma boa pessoa ao nosso lado ajuda, sim, estimula, sim, por isso precisamos de boa companhia. Já a felicidade, ou estado de contentamento (assim prefiro), normalmente está onde não procuramos e em coisas insuspeitas.

O que eu poderia tentar descrever sobre o que entendo sobre esse Estado de Contentamento, com base nas minhas impressões, é que ele se aproxima da tranquilidade de termos feito o melhor que pudemos para realizarmos o que, verdadeiramente, acreditamos e queremos para nossa vida e a de outras pessoas também. Em outras palavras, coerência. Consonância entre sentir e agir.

Um dia Odete e eu combinamos um encontro que seria O Encontro. Horário combinado, tudo preparado. E eu, inconscientemente e como estratégia de fuga, suponho, arrumei um compromisso pouco antes do nosso encontro que eu desejava ardentemente. E tratei de fazer dar errado. Fui a um almoço que esticou para casa de amigas. Resultado: passei da hora. Quando cheguei ao local combinado rebocada por um amigo, ela nem acreditou que eu estava daquele jeito, completamente bêbada. Eu tinha posto tudo a perder. O gelo do isopor derreteu e esquentou a bebida que ela preparara no capricho para aquela noite, em um motel qualquer da cidade.

Pois Odete me largou na rua da amargura. Liguei para meu amigo, que voltou para me buscar aos prantos, eu chorava feito uma criança que jogou a boneca pela janela. Acabou aí. Suicidei o brinquedo. Não posso deixar de rir quando me lembro da cena.

Por causa da minha bebedeira ela disse que eu não servia para ela, que ela não queria uma pessoa assim, tão embriagada, embora no outro dia eu já estivesse boa. Depois de passada a turbulência, entendi que foi melhor. No fundo também queria assim. Aquilo não podia mesmo dar em nada. Embora dissesse que o casamento estava em vias de arrebentação, a dama não largaria seu homem, seu porto seguro, a troco de nada. Nada era eu. E reconheço que teve razão ao dispensar uma pessoa naquele estado lastimável de alcoolismo, sem serventia nenhuma.

Na dura caçada ao tesouro que me preenchesse o buraco e me aliviasse o tédio, achei Odete. Era linda e sensual. Era dessas que seduzem com corpo e tudo. O corpo feminino é delicado, fino, lapidado pela natureza em milênios como os diamantes; é sempre bonito, seja alto, baixo, gordo, magro, acho eu. Existem muitas belezas no corpo da mulher para serem descobertas. Que bom era tudo aquilo!

É preciso ser muito mulher para amar outra mulher.

∞∞∞

Depois de muitas subidas e descidas me dei quarentena de três luas novas. Passado o período de descanso encontrei, numa cidadezinha do interior, uma mulher chamada **Vera**.

Parecia mais decidida do que eu. Tinha um casamento no último suspiro, pelo que contava.

– *Só preciso de um motivo para me separar.* – E esse motivo de novo era eu, se eu quisesse, disse ela.

O que me dava autoconfiança.

Precisava de um apoio? Uma muleta, algo a que responsabilizar mais tarde por um possível tombo? Que fosse.

Interessou-se por mim e eu também por ela, não posso negar. Mas a ideia de marido, de criança pequena – ou seja, de comprar o pacote todo – me deixou desanimada. Decidi interceptar o que viria mais tarde.

Uma amiga me advertiu para os riscos de um triângulo amoroso nesses interiores onde ainda se lava honra com sangue:

– *Você ainda vai morrer nas mãos de um marido enciumado!*

E ria-se de mim. Lástima.

Sem o motivo que queria para dar um xeque-mate no sonolento casamento, Vera continuou vivendo sua vida de casada e teve mais um menino.

Maria do Carmo era contadora. Foi-me apresentada por uma amiga que não aguentava mais a minha solidão. A solidão da gente pesa nas pessoas próximas que querem resolver nossos problemas em cinco minutos. Então essa amiga resolveu arrumar uma namorada para mim e Do Carmo foi a sua primeira aposta. Encontramo-nos

numa festa de aniversário em meio a comes e bebes, e nesses mais bebes do que comes infelicidades são águas passadas. Todo mundo quer ser feliz e está tudo certo. Viemos aqui para que, se não para a felicidade?

Mas quando a coisa é ajeitada dificilmente dá pé, apesar das boas intenções de todas as partes, desde o cupido. Assim foi que esse namorico também não teve vida longa. Eu já não sabia se estava apaixonada por alguém especial, se gostava de tal pessoa nem quanto gostava. Só vivia. Vivia uma espécie de estado letárgico afetivo resultado de um contínuo de atropelamentos emocionais. Havia me convertido numa espécie de *serial love*. O que me aparecia acabava por me apavorar. Ficava com medo de, ao virar a esquina e olhar para trás, não achar mais o que havia deixado. Mas vivia.

Se alguém me olhava eu virava o rosto para outro lado. Vivia. Nada vingava. Vivia. Fui me habituando a isso. E vivia mais. Sentia um leve sofrimento desde a chegada de alguém em minha vida por imaginar que logo estaria só novamente. E seguia vivendo. Ainda não sabia ser só, mas vivia.

Nisso apareceu **Irene** e dessa vez foi diferente. Era pastora evangélica de família tradicional. Por causa da pastoral de sua igreja, tornou-se militante política. Eu a admirava pelo seu empenho em prol da dignidade das culturas e dos povos nativos. Para amar uma pessoa é preciso admirá-la, e ela tinha minha profunda admiração.

Irene tinha namorada, com quem se relacionava fazia muitos anos. Largou a função de pastora na igreja e foi morar na floresta.

Sua fé não lhe tirava coisas importantes, já tinha resolvido para si que liberdade e fé são coisas que necessariamente não se apartam. Essa foi uma história que começou, aconteceu e terminou sem sofrimento para ninguém, sem qualquer lembrança dolorosa e sem nenhuma saudade, sequer. Leve, apenas leve. Nunca mais nos vimos nem nos falamos. Não sei se ainda nos veremos nessa vida

que, segundo o deus dela, continua em algum lugar depois da morte. Torço para que essa sua crença tenha razão.

Conheci **Auxiliadora**. Gostei muito dela e me apaixonei de verdade. E ela também por mim. Foi uma convivência incrível. Havia tempos eu não me envolvia com tanta vontade. Estava tudo quase perfeito. Tínhamos nossas diferenças, que ficaram bastante evidentes durante os meses de um convívio conturbado. Mas íamos nos ajeitando. Era um caso escondido porque Auxiliadora tinha impedimentos. E eu, outra vez, na clandestinidade. Nunca passava dali. Tudo bem, alguma coisa é melhor do que nada.

Ela, uma mulher elegante e de alta classe. Eu, nessa altura, nada mais era do que uma imigrante, assistente social e amante de uma mulher elegante de alta classe. A amante e só, ela me disse. – *Você é uma amante maravilhosa. Não posso mais do que isso.* E não podia. Amante é suprimento. A amante supria a parte que lhe faltava em casa. Eu me beneficiava disso também. Porque, confesso, eu adorava amar aquela mulher. Não tinha como bancar os caros restaurantes, não. Se tivesse, bancaria, evidentemente. Se eu pudesse, pagaria a minha conta e a dela, e não seria da conta de ninguém. Paixão é para isso, para nos levar à perdição, à perda dos sentidos. Para nos tirar do eixo. Era certo que meus lençóis vagabundos de fibra noventa por cento sintéticas não combinavam nada com uma pele tão fina e macia, acostumada ao cetim e ao cem por cento algodão. Ai, que pele!

Quando tudo parecia em paz, Auxiliadora conheceu outra mulher e foi-se embora. Livrou-se de todos os impedimentos anteriores, incluindo a amante, de uma tacada só. Jogada de mestra. Lá se foram meus sentimentos, de novo, vazados pelo ralo. Mais uma vez curti minha dor em silêncio. Amar em segredo até que é bom. Amar é bom de qualquer jeito. Sofrer calada é castigo, deveria ser

proibido. Chorava, eu chorava copiosamente minha falta de sorte no amor. Pena não ter vocação para o jogo.

Depois que Auxiliadora me deixou, chorei de desgosto uns quinze dias, até perceber que chorar enfeia, deixa a cara inchada. Quebrei o espelho.

Às vezes me surpreendia chorando sem saber por que nem por quem. Quem ou o que me arrancava lágrimas quentes? Havia motivo para pranto? Sem achar resposta, já me distraía com tais interrogações e parava de chorar, ria de mim. Até que a vida me sorria novamente.

Comecei a desconfiar de que havia algo errado com minhas atitudes perante as pessoas com quem me relacionava. De tanto medo de perder o que eu não tinha, ajoelhava-me, era demasiadamente disponível, desnecessariamente prestativa e dócil, quase um *pet* de estimação. Para compensar outras carências, vai ver. Por outro lado eu pensava: por que vou embarreirar? Por que faria de conta? Por que faria mais difícil o que já não era fácil? Sempre fui dada e me dei de graça. Assim fácil mesmo. Após seis meses de análise com uma psicanalista lacaniana, minha *griotte* urbana, entendi que eu sobrava nas boas intenções.

Compreendi que, nesse caso, o que eu tinha para investir na relação e no divã era insuficiente.

Logo, tratei de sarar.

É. Nem tudo é tão ruim,
nem todo vinho é porre
nem todo sangue suga,
nem toda veia esguicha
nem tudo é só trabalho,
nem tudo é só preguiça.
Nem tudo o que se vê

é mesmo o que parece
se está embaixo, sobe
se está em cima, desce
é estranho que termine
é bom que recomece.
Na vida é assim: a gente anda, anda...
A gente corre
e quando fica bom, meu bem,
a gente morre.[24]

De vez em quando eu recebia notícias de **Monalisa** trazidas pelo vento. Sua rejeição me irritava. Alguma coisa revirava minhas lembranças e aquela criatura esbelta, de olhar gateado me saltava à memória, parece que a via à minha frente. Miragem. Eu sabia que ela me ignorava completamente. Por que o fazia, isso era outra coisa.

Não sei se o que eu queria com ela era sexo, amor ou amizade. Só não queria distância, disso eu sei. Aprendi a distinguir amor de sexo. Amor a gente sente, sexo a gente faz com desejo.

Sou das pessoas que precisam fechar *gestalts.* Não sabia viver com lacunas, com fendas no espírito. Ao primeiro sinal de estrago tratava de resolver logo, de restaurar tudo ao menor tempo. Mas nem sempre tinha como. Nem sempre achava o ouvido e a voz de que precisava para fechar os ciclos. Seguia calada, a cuidar dos meus arranhões do jeito que podia. Fui desenvolvendo técnicas para ajustar internamente.

Não sei ao certo porque se deitou comigo. Para experimentar? Já não era mais uma adolescente descobrindo a vida, era mulher feita. Quem sabe assim como eu quando tinha menos idade, ela tinha medos.

Cansei de ouvir de meus casos fortuitos que havia sido bom, mas que não queriam se envolver.

– *Não quero virar sapatão!* – Eu ouvia. – *Não quero pensar no sentimento envolvido.*

Se não pensar, vive. Se pensar, não vive. Os estereótipos são tão pesados que as pessoas fogem deles. Outra marca evitada é a velha expressão "lésbica", apesar de sonora. Soa bonito lés-bi-ca. Homossexual também afugenta.

E se não precisasse dar nomes?

Figuras célebres também fugiam dos rótulos. Virginia Woolf não se achava homossexual. Sua amante Vita, sim, era a lésbica com todas as letras. Ambas tinham maridos e, claro, só uma era lésbica, a que tinha coragem de dizer que o era. A outra era eunuco. Virginia:

> É ótimo ser eunuco, que é aquilo que sou. Ou seja, não saber qual é o lado certo de uma saia. As mulheres confiam em tipos assim. É um modo de estender um véu sobre a ferocidade do sexo, de fazer aparecer as veias e marmorizações, que entre mulheres são tão fascinantes. Aqui, na minha gruta, vejo muitas coisas que vocês, belezas ofuscantes com a luz do seu esplendor, tornam invisíveis.

E a esse respeito finaliza sua biógrafa, Nadia Fusini:

> Na realidade é uma declaração de distância: Virginia ama a sádica Vita, mas não é lésbica. Prefere apresentar-se na figura do eunuco.[25]

Quase uma cientista a experimentar a vida. Mas Vita era *vita* e Virginia, que racionalizava, não podia resistir a si mesma diante de uma realidade tão sua, o seu amor por aquela mulher volúvel e deslumbrante que a amava também.

Minha Monalisa era eunuco? Talvez.

Ainda de joelhos ralados do tombo passado, reencontrei **Beatriz**. Fazia muito tempo que eu a tinha visto num espetáculo de um amigo músico que temos em comum. Na primeira vez em que fomos apresentadas nos falamos rapidamente. Só anos depois voltaríamos a nos ver. Encantamo-nos reciprocamente.

Como descrever Beatriz?

Como contar nossa história sem ferir novamente?

Era bonita, tão bonita e tão fina! Como não pude amar com paixão essa mulher?

De humor estável, uma dama. Firme ante as enrascadas do caminho.

Era jovem, ainda bem jovem.

Não vou contar detalhes porque a ouvi em confissão. Ela tinha segredos guardados na alma. Sua alma plácida guardava marcas profundas da maldade humana. Mulheres guardam todo tipo de segredo, dos que provocam suspiros aos que precipitam cascatas abissais. Beatriz tinha desses dois. Como conseguem? Não sou mulher para isso. Não posso guardar tanta coisa doída.

O que fazer quando um segredo é questão de justiça?

O que faz uma *griotte*, uma mestra, uma analista quando escuta algo cujo silêncio contraria sua natureza e seus princípios? Torna-se cúmplice na dor e só? Perguntava-me.

Guardei comigo o segredo de Beatriz e o guardarei para sempre, depois que ela me disse que não dou jeito às injustiças do mundo:

– *Você não se meta. Não é você, por ser assistente social, que vai acabar com a miséria humana.* Ouvir isso me doeu duplamente, pela sua dor e por minha desesperança diante do mundo e de suas injustiças. É muita crueza.

Acredito que é possível mudar o mundo mudando-nos. Na pior hipótese, posso até não mudar o mundo todo, mas o meu mundo... Ah, esse sim eu posso mudar!

Já disse que tem crimes, a meu ver, imperdoáveis.

O silêncio das inocentes beneficia os culpados que continuam a fazer mais vítimas. Fato. A relação de profunda confiança estabelecida entre eu e Beatriz foi abalada quando a consultei sobre a possibilidade de denunciar um certo criminoso acima de qualquer suspeita que continua a machucar pessoas e, que eu saiba, mulheres. Ela me proibiu com força e nunca mais falou comigo. –*Você não tem o direito de invadir a minha vida, Ondina.* Calamos. Silêncio total. Prometi que nunca, jamais, revelaria nada a ninguém sem sua permissão. Prometido e feito. Senti seu desaparecimento. Sumiu do meu caminho e apagou os rastros para que eu não a encontrasse mais.

Essa foi uma das inexitosas tentativas de mudar o mundo que não quer ser mudado. Mudar faz doer. Não mudar, também. Mas a gente se acostuma às dores crônicas que não acabam nunca. Durante anos convivi com uma dor no pescoço por causa da postura rígida atrás de uma mesa de escritório – fui auxiliar de escritório por muito tempo. Acostumei-me à minha posição e à minha dor, tratei-a como a uma companheira de todos os dias. Quando não sentia minha dor por um momento, retorcia o pescoço para ver se ela ainda estava aqui. Não sei se gostava mais da presença ou da ausência dela. Felizmente minha dor passou quando amoleci.

Existem feridas difíceis e, não havendo outro jeito, saber que as temos e cuidarmos com o unguento que produzimos é uma maneira virtuosa de tocar a vida em frente. Ativar as defesas do espírito para lidar com as adversidades é uma boa receita. Beatriz tinha amor por si e o bastante para amar a mim, ao seu velho amor e a outros mais que vida lhe desse. Amar e se deixar amar é um bom remédio.

Naquela altura minha cabeça estava na lua. Eu era um corpo

flutuante como que de passagem pela órbita da Terra. Tentei aterrissar sem êxito. Ainda viajava por muito longe do meu centro por causa de Auxiliadora. Beatriz e eu não nos entendíamos. Sendo assim decidimos parar antes que ela jogasse seu velho amor-porto-seguro pela janela. Ou a mim, literalmente.

∞∞∞

E entra em cena novamente o cupido empenhado em resolver meu problema. Arranjou-me mais uma oportunidade e foi assim que conheci **Maria Rosa**, um misto de rudeza, doçura e beleza. De feia não tinha nada, mas era de um pragmatismo assustador. E eu, na total informalidade, me atrapalhava toda diante da moça, que ditava a forma, a hora e o lugar. Minha hora, meu lugar e meu jeito nunca contavam. Por outro lado, para que tornar impossível o que já não é tão simples? Perguntava-me. E relaxava. Cedia e pronto.

Mal me levantava de um baque e outro já vinha a caminho. Fui consultar os búzios, precisava arrumar uma ajudazinha do além, mesmo sem ter convicção. Naquelas circunstâncias, convinha acreditar em algo para ter a quem responsabilizar em caso de infortúnio.

Perguntei aos búzios:

– *Terei, eu, encontrado o amor da minha vida?*

E os búzios me responderam meio rudemente:

– *Sim e não. Depende! "Sim" porque não se deve desdenhar um amor assim de graça, cavalo dado não se abre a boca. E "não" porque não se pode esperar muito de amor de Carnaval.*

Esse era do tipo que termina na quarta feira de cinzas.

– *Acha-se um encosto no comecinho da folia e tudo vira cinza na quarta-feira da paixão, porque sempre tem um lado que acaba apaixonado* – cravou o oráculo.

Assim é o carnaval. Fênix que trate de se levantar.

Resolvi viajar, depois dessa quase paixão e das cinzas de Maria Rosa.

Quando não se sabe o que fazer, melhor não fazer nada. Peguei um trem e rumei para algum lugar tranquilo onde eu pudesse me recompor e sorver novas energias. Fui até a última estação. Só as energias das cachoeiras, dos rios, do sol, da lua. Nada de fogo. Socorro! Socorro! Alguém me proteja de mim.

Como dizia minha amiga Natali, ainda bem que os ossos são numerados.

∞∞∞

– Socorro! Socorro!

Gritar para quê? Melhor era ter ficado calada, quietinha, inaudível, invisível.

Quando menos esperava lá vinha se anunciando uma nova empreitada. Era **Cleide** que aportava. A julgar pelo trote da besta, a coisa era para ser. Eu tinha jurado de pés juntos que jamais me envolveria com uma pessoa comprometida. Fiz uma cruz nas costas da última mulher casada que entrou e saiu da minha vida, jurei que nunca mais me meteria nesse tipo confuso de relação. Cadê as barricadas de proteção? Eu não as tinha.

Por questão de fé, não sou mesmo monogâmica, logo não espero que as pessoas sejam. Que tal arriscar alguma coisa? Tentar os acordos de convivência? Afinal, o combinado não sai caro. E não fui eu que inventei os modelos que estão aí, aos quais não me ajusto.

Curiosamente eu nunca traía, não conseguia me dividir entre duas pessoas ao mesmo tempo. Muitas mulheres com quem me relacionei, sim, achavam que traíam seus respectivos companheiros ou companheiras por não poderem dizer a verdade, não havia margem para clareza dentro das relações que mantinham, muitas das vezes, por alguma razão externa ao coração.

Das mulheres comprometidas com as quais me envolvi, mais de noventa por cento eram casadas ou namoravam homens. Essa situação de iniciadora já me chateava, visto que eu sempre sobrava no "Mamãe disse que eu tirasse essa". Normalmente eu sabia quando alguém queria experimentar. Claro que cheguei a me enganar e elas, igualmente, se equivocavam. Achavam que queriam e não queriam, ou vice-versa.

Jamais julguei alguém por monogamia ou poligamia. Cabe a cada um, a cada uma, encontrar seu caminho, ou não. Fui cúmplice de quem tinha coragem de correr risco. Para ser uma prostituta de grande sucesso profissional, bastaria eu cobrar pelo bom serviço prestado na iniciação de mulheres dispostas a experimentar a homoafetividade. As putas valem muito também pelos muitos casamentos que salvam. Para o bem ou para o mal das partes envolvidas, sei que salvei relacionamentos. A iminência do fim criava uma espécie de pavor, e as pessoas se agarram como musgo ao carvalho (apego). E eu seguia. Desgarrada. Tirava proveito de cada nova situação e aprendia.

Sempre admirei quem desafia a ordem estabelecida e procura sua singularidade custe o que custar.

> Torna-se quem tu és.[26]

Sentia-me bem por essa cumplicidade. Tudo o que um dia foi criado pode ser reinventado.

Cleide tinha um encosto que vivia colado nela, de quem não conseguia se libertar. Já havia rezado missa, ido a terreiro de macumba, rezadeira, médico paranormal e nada resolvia o problema. Cada vez que ela se aproximava de mim aquele espírito onipresente chegava junto. Decidimos acabar nosso namoro e nos tornamos boas amigas.

Conheci **Anete** numa excursão de trabalho. A princípio eu não percebia nada. Queria não perceber, meus bons anos de estrada bastavam para prever. Acontece que quanto mais se sabe, mais se tem por saber. Os tantos romances vividos, tudo o que eu tinha visto até então, de nada serviu para me afastar dos enlaces amorosos. O sofrimento afugenta, mas a possibilidade de viver atrai e põe em posição de luta.

Então, a felicidade vem em pedacinhos. Eis uma boa imagem de felicidade! Há intermitências entre um pedaço e outro, um tempo e outro de vida. Quem me ensinou isso foi uma mulher jovem que passou por mim feito um tornado, deixando estragos e vontade de reconstrução.

Com os dois pés atrás, fui ao encontro de Anete. Ela me dizia coisas incríveis e eu chegava a me admirar de tanta coragem daquela moça que me parecia tão disposta em relação à vida e à morte. Impôs-se tanto que fiquei com vergonha de ter medo e me atirei, sem defesa, no que seria mais um voo inútil. Confiar nas próprias asas é o que torna possível o voo do pássaro.

Quando a dor é muito grande e alguém diz "eu não aguento", me vem à cabeça "você não tem escolha". Não digo por educação e compaixão, mas penso isso.

Pois bem, eu queria dizer da dor da minha solidão "chega, não quero mais!". Mas adiantaria?

Sentir ou não sentir não é questão de decisão.

Anete, que tinha pena de si, gostava de ter a quem responsabilizar por sua infelicidade em pedacinhos. Ela queria que eu pactuasse com sua cômoda situação de quem não sabe que rumo tomar. Errava o itinerário por pura distração e dizia que nunca sabia que caminho fazer. Quando não se quer saber por donde ir, tem sempre alguém disposto a indicar uma direção. E assim Anete tinha uma boa desculpa para a falta de atitude diante da vida, que gritava por escolhas.

Não digo que sinto tanto gosto na vida, mas conheço bem dos seus sabores doce, amargo, azedo, agridoce. E outros que nem sei dizer o nome, mas que me tocam a língua.

Anete, como os demais casos, também passou. Não sei que tipo de lembrança tenho dessa história. Só sinto alguma coisa assim meio sem sabor.

Sentimos muito, prezada, aí morou nosso erro. Sentimos demais, nós nos apaixonamos e não deu outra. Na hora do tiro à queima roupa não há heroísmo, eu sei. Morre-se apenas. Quando muito, tira-se a própria cabeça e deixa o outro alvo na mira. Estou dizendo que entendo que tenha agido tão irresponsavelmente, mas não desculpo. Naquele momento eu estava ainda cheia de amor por nós, e Anete, pelas tampas de tanta vontade de "avoar". Eram mais que dois dedos no fundo do copo naquele momento. Também passou. Tudo passa, o tempo é um grande aliado e o silêncio, curativo. Agora, quebrado o sigilo, digo que não aceitei suas desculpas considerando o risco que corri sozinha.

Se prometer, cumpra! Ou não se comprometa.

Sim, não é privilégio meu sofrer por amor. Minha é somente a disposição de falar do insensato que nos tira do vácuo, ao mesmo tempo que preenche e nos devolve a ele.

∞∞∞

Essa é uma história ainda por fazer, literalmente nova. Que nome doce: Ci-di-nha, no diminutivo, mas nossa história nunca será pequena.

"Os olhos pretos de **Cidinha** me enchem de verde. Estou plena dessa verdura bela. Vivendo de esperança do olhar dela." – Escrevi isso em um guardanapo, quando a conheci. A melodia pôs Cidinha no meu caminho e ela nem sabia que era assim. As canções rondam histórias. Eu acreditava nessa história como sendo bela e assim a

fizemos, no claro e no escuro, no tempo e no contra, do começo ao sem fim.

Desembarquei nesse ponto com uma sensação inédita. Eu já me percebia de outro jeito. O amor teria se arrumado dentro de mim como as muitas cenas de um filme que se vai montando durante a vida?

"Lembre-se das coisas boas ou não se lembre de nada". Guardei esse verso de Lord Byron, poeta inglês, por toda a minha vida. Eu o ouvi de uma professora que se despedia da sua turma, ao final do curso. As lembranças que nos acompanham são parte de nós. Sou minhas lembranças. São tantas. Sinto o gosto das minhas lembranças. Trago tantos sabores dentro de mim! Tantas pessoas me marcaram a vida, tantas histórias me cravaram as unhas.

Tenho lembranças doloridas e aprendi a tê-las como minhas, não as dou a ninguém, não as atribuo à pessoa alguma. Trato delas, as dores com zelo e as reconheço pelos nomes, embora não as prefira. Tenho-as, mas não as elejo.

As lembranças doces são como grãos guardados num silo. Guardo-as para quando precisar. Eu as tenho também, eu as prefiro.

Cidinha é dessas coisas boas de reviver.

∞∞∞

Habituei-me a engolir o choro. E a ouvir que "bom seria se o mundo pensasse o contrário", que estava sempre do lado errado e, por isso, devia me esconder por trás de aparências. Podia até não ser, mas devia parecer.

Nalva nem percebia que me magoava com seus comentários distraídos. Não punha fé na qualidade do nosso amor. Para ela, fazer parecer que não era a mim que amava era cômodo. Esforçava-se, de certa forma, para que todos soubessem que ela se relacionava com

uma pessoa que tem pênis e a prerrogativa de amar, nem sempre bem, as mulheres.

Que podia, eu, nesse mundo normativo, junto de uma mulher que atraía tantos olhares autorizados? Eu precisava de bastante autoestima.

Certa vez, sem perceber que nos desqualificava e que diminuía o amor que também era seu, externou:

– É até bom que pensem que eu namoro o fulano, isso disfarça...

E eu a interrompi:

– Não gosto nem um pouco que pareça ser namorada de não sei quem, se é comigo que você namora.

Emudeceu.

Até aquele momento eu não havia dito, em viva voz, que era sua namorada. Eu tinha receio de assustá-la ao verbalizar a verdade que ela vivia, mas temia. Namorava-me, mas tinha vergonha ou medo de verbalizar e de ouvir de voz humana que era comigo que adormecia na maioria das noites. Roguei que não cuspisse na cama em que deitava. A partir daí, Nalva foi se habituando com a ideia de que era comigo que compartilhava coisas da vida naquele momento. E que não era tão complicado assim. E se desafiou a um grau surpreendente.

Quando mais jovem, eu tinha a expectativa de ver o meu país e o mundo melhorados com relação ao respeito entre as pessoas e aos direitos de todos os seres humanos. Hoje, com a idade que tenho, já caminhando para o final desse meu recreio existencial, vejo que ainda há muito por fazer. Há muito li, numa folhinha de calendário, o seguinte aforismo de Albert Einstein: "É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito". O átomo foi desintegrado, mas os preconceitos

que machucam ainda perduram.

Fui vítima de preconceito passiva e ativamente.

– *Talvez eu tenha medo de sofrer mais um preconceito* – dizia numa linha só.

Quem alimenta preconceito em si, sofre; mas quem o sofre, aguenta mais e sem merecer. Quando compreendi que era possível mudar, agarrei-me a essa possibilidade numa luta cotidiana e infinda para combatê-los em mim, principalmente, mas também no mundo. Desde então me apliquei na busca de uma compreensão mais justa da (minha) humanidade, pela contramão da cultura oficial, fálica, heteronormativa, branca e religiosa. E não foi fácil.

Tomei caminhos sinuosos, mas cheguei aqui. E posso dizer que valeu a pena.

São compreensíveis, na cultura ocidental e em muitas outras onde há opressão sobre as mulheres, os motivos que levam a maioria delas a não se permitir viver experiências amorosas fora dos padrões admitidos e encorajados pelas instituições mantenedoras dos velhos modelos, como igrejas e família em seus modelos tradicionais. É preciso boa dose de coragem para proclamar para si e publicamente um relacionamento amoroso ainda tão incompreendido dentro e fora dos espaços sociais conservadores desse tempo. É preciso romper para tornar isso possível.

Por conveniência, acomodação ou por absoluta falta de condições materiais, psicológicas e/ou emocionais, muita gente silencia e se anula, com medo da ridicularização, da violência e do desrespeito disparados contra quem vive como quer e sem se submeter às estruturas. Tudo o que foge ao padrão é combatido. Entretanto, esse mesmo sistema de crenças faz vista grossa para os abusos cometidos em todos os espaços da vida.

E se perguntássemos: é capaz? Há consentimento?

No filme *O Silêncio,*[27] o genial cineasta sueco Ingmar Bergman expõe um complexo emaranhado de afetos entre duas irmãs que estão em viagem e, num quarto de hotel, se veem às voltas com suas próprias naturezas. Ódio, amor, desejo, rejeição e tudo o mais que é fruto de uma cultura apegada e ao mesmo tempo castradora. E, se a arte imita a vida...

Não há problema se digo que sou heterossexual ou casta, pois esses modelos estão prescritos nas bulas e nas bíblias. No filme de Bergman as duas irmãs se consomem de amor e ódio, de ciúmes e de ofensas, de fúria e de ressentimentos.

O Silêncio de Bergman. O meu, o nosso silêncio.

É comum chamar um homem *gay* de "veado" para ofender, como se não ser *gay* fosse melhor, mais louvável do que o ser. Pelos mesmos motivos, as piadas com "caminhoneiras" e "sapatões" também são frequentes. A máquina que uso agora para transcrever rabiscos do passado não reconhece o feminino de caminhoneiro, logo essa profissão não seria apropriada nem recomendada para uma mulher. Não fica bem para uma dama. Chamar a uma mulher que dorme com outra mulher de caminhoneira é pôr em questão sua feminilidade. De novo a ideia de que é preciso ter um "quê" de macho para validar a relação entre duas mulheres.

> Olhe, veja bem, e diga quem é
> Melhor do que o outro e diga por quê
> Acha que, na vida, certo é você

Muitas dessas pecadoras, para não serem apontadas como sapatão, vivem escondidas em seus armários ou por detrás de seus homens, que nem sempre as percebem nem se dão conta dos constantes incômodos. Essas mulheres são muitas, vivendo à sua maneira, o aspecto da liberdade na sexualidade feminina. E nada mal se assim o fazem. Não há uma maneira única e correta de fazer as coisas. Não é possível viver sem mentir. Há mentiras e mentiras. Em

situação limite de perigo, omitir é questão de sobrevivência. Grande parte dos assassinatos de mulheres acontecem no momento ou depois da ruptura dos relacionamentos ditos heterossexuais. Quando elas resolvem libertá-los, ao se libertarem eles não toleram a perda do terreno, o corpo e a alma que antes eram propriedades suas.

O trabalho e a vida social por vezes tornam-se também empecilhos à livre expressão no tocante às vivências homoafetivas de mulheres e de homens. Mas, o mais importante nisso tudo é que as pessoas vivem e amam. Que elas amem e vivam! Principalmente as mulheres, que elas tirem proveito dos estigmas que carregam: vadias, vacas, quengas, putas, vagabundas. São assim tratadas e muitas vezes, sem se darem conta, reforçam o sistema que as difama e agride, atacando suas iguais com a mesma munição com que são fuziladas: a grosseria, o desrespeito e a incompreensão. É fato que tendemos a reproduzir modelos.

A eles, vadios, putos, vagabundos, nenhuma sanção. Para homens esses adjetivos não têm o mesmo peso que têm os seus equivalentes femininos para as mulheres. Pelo contrário, quanto mais malandro e raparigueiro, mais legal é o cara.

Por essas e outras razões é que dedico a atenção, aqui, especialmente a nós. Por estarmos ainda mais desfavorecidas no trágico jogo que põe homens e mulheres na arena. São tantas vidas desperdiçadas!

Satisfaz-me a possibilidade de viver à luz do dia.

Aquela moça a quem dedurei por maldade e preconceito talvez nem saiba que hoje sou uma pessoa melhorada graças a ela. As relações servem para isso e só. Servem para nos fazer aprender muito ou pouco, mas aprender. E nos curar, aos poucos, das crenças ruins.

O susto é normal, é esperado. Não raramente mulheres apaixonadas negam o óbvio, fogem, machucam e se machucam. Sofrem

e fazem sofrer por não saberem como corresponder, como retribuir um carinho em geral nunca experimentado. Uma coisa é certa: não se entra na vida de alguém sem permissão, sem que haja um espaço mínimo que seja, uma brecha qualquer ali do lado. Amar e se deixar amar é também questão de consentimento. Na cultura ocidental cristã, machista e homofóbica, o amor entre duas mulheres não surge por acaso, e geralmente tem razão de ser. E que razão teria?

Será que as descendentes de Madalena e das centenas de milhares abatidas pelo martelo das bruxas[28] resolveram dar um basta nos horrores suportados há séculos de submissão e opressão? Mais vale uma aliada que um adversário na vida já tão atribulada em qualquer tempo. E isso é via de mão dupla.

Na minha família era assim: a filha se submetia ao pai, a irmã ao irmão, a mulher ao marido. A mãe servia ao marido e ao filho, a filha servia ao pai e ao irmão. Era o costume e, sendo assim tão cultural, ninguém ousava questioná-lo nem subvertê-lo. Era tudo naturalizado como se assim fosse desde o começo da vida nessa parte conhecida do mundo.

Passadas algumas décadas, vejo que algo melhorou para as mulheres lá de casa. Sobre nossos homens e seus privilégios, não sei dizer.

Quando um homem casado procura um caso fora de casa, comumente se queixa de que seu casamento está por um fio, de que a esposa não o compreende mais e de que não tardará a separação porque – *A relação está insuportável. Não sinto mais nada por ela* – o que nem sempre é verdade. Eles não fazem cerimônia. Não. Sempre lhes foi permitido pular a cerca sem peso na consciência nem prejuízos para a vida social e profissional. Já as mulheres, se mentem, o fazem pelo avesso. Juram de mãos postas que o casamento é uma beleza, que têm uma família bonita, crianças lindas e um marido mais bonito ainda, cães e gatos vacinados. Que a cama de marido e mulher é uma maravilha! – *Meu marido é muito criativo*

na cama. Ele é um bom pai, um bom esposo. A gente só está passando por uma fase ruim. – E diz que não entende como isso aconteceu com a gente, porque ela gosta mesmo é de homem. Vaia!

Isso pode ser verdade também.

Não é mesmo fácil se livrarem do peso da culpa, do medo de serem descobertas e apedrejadas de todas as maneiras. Não raramente buscam alívio em algum atendimento psicológico ou guia espiritual, acham ajuda em um conselheiro sentimental ou numa amiga de confiança. É ainda mais dramático quando procuram se aproximar de deus a fim de se libertarem do pecado da transgressão de uma paixão não recomendada. Tem casos também em que tentam envolver o marido na relação. É como se isso minimizasse a culpa e os conflitos. Firmam os famosos acordos para esquentar a relação. Recebi muitas propostas nesse sentido. A gente tem mesmo que fazer o impossível para viver o melhor possível.

EU SANGUE CORPO ALMA

Epifanias de absoluta dor:
olhar a luz maior e não cegar...[29]

Decidi me mudar novamente. Queria um lugar onde eu pudesse descansar meu corpo exausto. Já não tinha o mesmo vigor e meu peito estava longe daquele jovem coração dos tempos de rock and roll pesado. Agora no máximo uma baladazinha, um improviso de jazz, um blues. Ou uma moda de viola. Coisa mais amena para uma ex-combatente.

Sobrevivi às correntes, às marés cheias e às camas vazias.

Tive que me vencer e me ganhar tantas vezes para fazer a vida valer!

E valeu!

Contra mim apenas eu, me denuncias!
Que guardo medos e tristezas,
os mais estranhos sentimentos.
Os mais medonhos, não confesso,
minha tarefa é me vencer todos os dias.
E me acusas dos tesouros bem guardados,
de esconder minha riqueza,
as certezas e incertezas
e outras mais que carrego,
os meus demônios domados.

Atualmente moro nesse lugar, com algumas casas a boa distância.

Os jovens vêm me visitar. Trazem seus violões e canções e as histórias das idades que carregam. É um exercício extraordinário perceber como a vida se renova. Sinto-me rejuvenescida nesses meninos e nessas meninas a quem levo muito em conta.

Toda vez que o mundo é transformado para melhor, sempre o é pela força da juventude. Só ela tem coragem de romper, de arriscar, de cair e de se levantar tantas vezes quantas forem necessárias. Porque não teme a morte.

É pelo espírito indomado que a cultura é reinterpretada e o mundo, reinventado. É desse cerne, desse fulgor que alguns chamam de esperança que quero guardar para todo o meu sempre dentro de mim

A semente mágica que me leva para frente em galhos, folhas, flores e novos frutos – na fotossíntese.

Sim, mulheres a quem me dei tanto e de quem recebi ainda mais: é por nossos filhos e filhas que fizemos desse nosso mundo um campo de luta, onde a paz se conquista a cada batalha silenciosa ou explosiva, a cada dia de sol ou de chuva, de frio ou de calor; e sem trégua. Mulheres com quem me dei bem e mal na loucura de minha pouca idade, na frieza de minha irresponsabilidade, na presteza desengonçada da minha dedicação adulta e no caminho empreendido no sentido de aprender a amar melhor. Companheiras de quem muito recebi na mesma moeda desprezo, indiferença, cuidado e carinho: eu as amei, amo e amarei para sempre em minhas lembranças agora acalmadas.

É a tudo isso que, posto junto, chamo de amor. Amor que entorta e endireita, que ajeita e estilhaça. E, por tudo isso, amor.

Quando criança eu fazia um exercício estranho comigo. Botava-me a olhar de fora para dentro de mim. Era um exercício

complicado porque a primeira pergunta é: o que é isso que se movimenta? Que se autopercebe? É como se coexistissem duas coisas que se olham mutuamente de dentro para fora e de fora para dentro. Eu sou ou não sou o que sou? Uma coisa dentro de outra?

O que é essa vida que se move? Nesse exato momento estou repetindo o exercício... Sou tão parecida com o que fizeram de mim!

Faço parecer o que esperam que eu pareça. Não sei. Mas eu me vejo.

Todo mundo se vê.

Francamente, qual era mesmo a finalidade de tudo aquilo? Qual é mesmo o sentido disso tudo?

Foram as perguntas que me moveram nos anos todos até chegar aqui. O marco zero, o que me pôs de pé a cada manhã, todo esse tempo. Porque quanto mais eu precisava saber, mais ela [a pergunta] me zunia dentro da alma como se me dissesse que, nela mesma [na pergunta] estava o sentido, a razão de ser, o segredo. E nunca resposta alguma.

Como é possível ir até o fim da própria vida sem perguntar ao menos: *"Por que estou viva?"*[30]

Nunca achei nada que justificasse o esforço de viver. Nenhuma justificativa plausível para a agonia da dor de existir. O prazer, sim, este nem é preciso explicar. Passamos a existência correndo atrás do prazer. É por ele que lutamos, matamos e morremos cotidianamente. E é pelo meu prazer que amo.

Ouso falar da finalidade que não encontro para a existência humana, essa espécie animal quebrada, arrancada, extirpada de todo o resto que há de natureza. E eu, parte dessa raça humana desalojada, vaguei galáxias à procura de algo a que me agarrar, com

quem me ajuntar; alguém para me inteirar, com quem me completar. Que ilusão! Somos sós, desgraçadamente sós em nosso pequeno mundo. No máximo, achamos outras viajantes na estrada e nos solidarizamos nas mesmas procuras. E seguimos por curtas ou longas jornadas enquanto aprendemos o que nos pode ajudar a aprender uma pessoa que caminha junto.

∞∞∞

Havia um costume bizarro.

– É *um macho e duas fême...* – gritava o rapaz.

– *N'um tem praquê mais cachorra fême, não* – resmungava o velho.

Atenta, eu assistia aquela barbaridade sem entender que, de alguma maneira, aquilo tinha muito a ver comigo e com minha mãe e com minha irmã e com minha avó. Era o ritual macabro que se repetia a cada pós-cio de Baleia, de Faísca e de outras cadelas da casa.

Punição ao gozo!

Parece que vejo, nesse instante, aquela pequena vida arremessada com toda a força de um braço, com toda a força de um macho humano, com toda a força do arremesso de um homem moço sobre a pedra. Tanta força que, quando muito dava um gemido, um soluço e... morria.

Visivelmente os machos não dão cria e não empestam o mundo com seus filhotes. O filho é da mãe porque a mãe o carrega desde a gestação, e não o pai.

– *No homem não pega nada* – defendia minha mãe. Assim é na cultura. Não na natureza.

Na minha visão de criança talvez aquilo me soasse normal, afinal eu confiava nas pessoas adultas da família, que sempre sabiam o

que fazer com tudo. E, de fato, pesava-lhes a responsabilidade pelo que dava e também pelo que não dava certo ao nosso redor. Uma boca, ainda que canina, era sempre mais uma boca para comer. Então mata, elimina quem se reproduz.

No próximo cio de Baleia, de Faísca e das outras cadelas que apareciam em casa – faziam parte da matilha de caça –, de novo aquela cachorrada correndo atrás delas, que sempre elegiam um afortunado. Fêmea que se preza dá para quem quer e não para qualquer um.

Tempos depois eu compreenderia antigos signos. Em países como Índia e China, por exemplo, fêmeas humanas não são bem-vindas. Gozam da mesma má reputação e falta de prestígio das filhotas de Baleia, de Faísca e de suas iguais.

As pequenas eram arremessadas ao lajedo sob o olhar desconsolado de suas mães, que, sozinhas, cheiravam os cadáveres e choravam suas filhas mortas. Juro que choravam! Gemiam até, de dor, da dor de ter em comum com minha avó, com minha mãe, com minha irmã e comigo, também, a mesma sorte e risco de poder parir uma filha e vê-la sem vida. Inacreditável.

∞∞∞

Quando ouço certas canções, sou tomada por uma ideia, a meu ver, inconteste: o amor é para a canção. Quando ouço poetas, quando as leio, tenho ainda mais certeza disso. Uma pequena certeza minha, claro. E não é que isso me desalenta com relação ao amor, não. Aí é que ele é mais real. Quando é flagrado, no momento do descuido, por um verso, por um acorde musical. Só por isso o amor já seria bom. Por inspirar beleza.

Para além do desassossego que traz aos corações apaixonados, traz também vida ao mundo no instante da reencarnação. No momento em que o coração bate mais forte, que o corpo sinaliza e

que a mente transcende totalmente distraída, pode ser o amor encarnado, ali, naquele ser, naquela hora e lugar.

> Diga-me quem o vê ou quem o tem
> Quem sabe a quem convém e a que serve o amor?
> Seja lá como for, se provoca a dor ou rebenta o prazer,
> só queria dizer: tenho a leve impressão que à canção é
> que serve o amor.

Até os vinte e sete anos eu não enxergava a morte. Não pensava no dia em que me prepararia para morrer. Quando se é jovem, tem-se a sensação de eternidade. Hoje percebo que há um limite, uma linha corta meu horizonte. E só sei até ali. Há uma verdade inconteste que vai achatando meu rosto na vidraça e me põe na perspectiva de ataque: quero comer a vida com a pressa de quem carrega um coração nas mãos para transplantá-lo em outro peito.

Com a idade que tenho, não existe mais a displicência de quem vê a morte passar e não se espanta. Isso é dos moços e moças.

Na idade que tenho, sinto medo de não dar mais tempo para muita coisa e uma certeza me impacienta: vou morrer num dia cada vez mais próximo. E essa Dona de cara feia que me foi pintada durante todos esses anos agora se avizinha, mora aqui do lado. Perante ela, faço dela uma espécie de nova amiga que mais cedo ou mais tarde me visitará e dará o golpe final. A uma jovem a morte é indiferente, porque ela não morre. Juventude é tempo de florescer e de perfumar e de frutificar em todos os ambientes possíveis.

No tempo em que nada me punha medo, eu soltava com uma das mãos a pomba branca da minha liberdade. Agora, com a idade que tenho, agarro com as duas mãos a pena branca que ficou entre os dedos. Não sei se a pena vale a força que ponho para contê-la junto a mim. Percebo que estou sempre mais longe daquela minha

eternidade em vida. Inevitável. Com o coração nas mãos, meu medo é de comê-lo de tanta fome que sinto de viver. Tenho pressa, sim, a pressa de quem carrega um coração nas mãos para transplantá-lo ao próprio peito.

∞∞∞

Muitas mulheres já enxergam as relações ditas homoafetivas como algo possível, bom, prazeroso, e admitem não ter preconceitos em relação à homossexualidade. Desde que isso não chegue diretamente nelas. São capazes de se apaixonar profundamente, mas preferem manter as coisas no nível da amizade. Ou algo assim meio ingênuo, "puro", infantil, "sem maldade", transcendental, divinizado. Enquanto as coisas se colocam dessa forma não há problema. Os problemas aparecem na medida em que as coisas são ditas e aclaradas, quando se quebra a camuflagem. No momento em que são confrontadas com a possibilidade desse amor imprevisto e imprevisível, nem sempre conseguem vivê-lo sem culpa. Angustiam-se profundamente e tendem a negar o próprio desejo. E se afastam. E correm de quem as desafia em sua condição de portadora de uma heterossexualidade compulsória. Repito: ainda estamos nesse ponto do caminho.

Também tive preconceitos e por causa deles tive comportamentos dos quais até me envergonho. E não achei outro jeito senão pensar sobre o assunto; dispus-me a entender o que a vida me trazia de modo mais honesto para comigo e sincero para com quem me rodeava. Resolvi falar. Contar algumas histórias que ouvi, que vivi e outras que imaginei que pudessem haver. Histórias essas que dão conta da presença feminina em minha vida desde a minha avó, minha mãe, irmãs e, por último, as amantes, namoradas, companheiras, pretendentes que tive ao longo da vida. Falo também das que não tive por limitação minha, por conflitos gerados no princípio ou no decorrer do processo de autoconhecimento, de descobertas e de minha liberação sexual.

– *Mas, agora, aos cinquenta anos, vou me relacionar com uma mulher?* – Olhar maravilhado. Ouvi, olhei-a nos olhos e sorri meu riso descrente, embora cúmplice. Somente.

Ai, a vida! A vida e seus caminhos sinuosos.

A revolução será da consciência ou não será. Ou percebemos com clareza miraculosa as armadilhas que nos mantêm imóveis, no mesmo lugar, ou seguiremos perpetuando os modelos que aprisionam. Se não muda o paradigma, no primeiro aperto voltamos à zona de conforto, àquela cadeira com um prego de ponta de fora: se está sangrando, mas se está sentada.

Em rebelião toda a vida, era inevitável sentir "uma dor de dente na alma".[31]

Quem criou o ser humano lhe deu visão, voz, olfato, ouvido e pele; deu-lhe sentidos e disse: terá também raciocínio, discernimento; capacidade de admirar, de se encantar, de se afetar. E por maldade, só pode ser, deu-lhe mais alguma coisa que se mexe entre esses mundos agitando-os, desorganizando-os e confundindo. Deu-me desejo.

A paixão é o estado de espírito mais ambíguo que já pude experimentar. Nele sucumbi à vontade incontrolável de possuir, de realizar, de morrer e de viver. Suportei os mais variados estágios de tensão emocional: medo, tristeza, angústia, desatino, alegria, gozo e prazer intensos. Mais que isso eu não aguentaria. Mais que isso só a morte.

Que morte?

Silêncio. Não por decreto. Por ser secreto.

Eu queria dizer, eu queria poder dizer, eu queria saber dizer "como amei" aquele ser naquele instante! Mas não podia. Sem que houvesse qualquer fala, eu sentia que era segredo. Ria-se, ria-se muito. Ela riu de nós quando cochichei no seu ouvido, no mais absoluto sigilo: – *Eu quis*. – Ela sorriu não sei se por descuido, se por convenção. Se por descaso. O fato é que sorriu e eu, inerte, sorri também um riso sem graça. – *Ah, Ondina!*

Eu queria ter perguntando a motivo do riso. Quisera ter gritado: – *Respeito, por favor!* – Sou eu que falo, eu, aquele corpo a quem abraçou e beijou como criança a um novo brinquedo. O seu brinquedo, aquilo que seu mundo não pode ver, pois cegaria de tanta luz. Cegaria de ver uma verdade nossa que, ainda que negue sob o meu olhar impotente, existirá como desejo nosso concretizado sob este céu, sobre este mar ainda que imediatamente dissolvido no ar gelado da manhã.

Nem sempre a dor é a dor do momento presente, ela vem de longe numa sucessão de acontecimentos que vão se juntando como capítulos de um seriado. A diferença é que isso aqui é a vida, não é um filme de Bergman. Ou o filme de Bergman é a vida?

A polidez que adquiri com uma educação de boa moça me fazia ocultar sentimentos. Não me sentia bem dizendo a alguém que meu coração estava em pedaços por motivo de afeto. Também não conseguia gritar. Jamais consegui gritar para alguém e lhe dizer que me magoou. Em parte por não saber como, em parte por não achar justo responsabilizar outra pessoa que pouco ou nada podia fazer pela minha mágoa. – *Em amar e não amar não há culpa, só a dor de quem ama* – sempre me repetia isso para dar razão ao sofrimento. Chorava baixinho, no meu canto, como deve fazer uma dama recatada.

Só se dá o que se tem. Muitas vezes dissipei a mágoa olhando racionalmente para esses meus processos. Sabia que estava naquela

metade das amantes que ficam e aprendi a carregar meus mortos, sozinha, até vê-los sepultados finalmente. Com a felicidade também acontece coisa semelhante, mas esse ideal é a regra. Não fico me perguntando quantas vezes me sinto confortável durante o dia. Nem me lembro a todo momento que estou confortavelmente sentada nesta cadeira, a escrever. Só quando me dói as costas é que percebo a dor. Não me ocupo de dor quando não sinto doer.

Um momento desejado, quase um sonho.

Um sonho quase impossível. Tanto que sequer eu acreditava.

A paisagem era arrebatadora, a mais bonita para o acontecimento que guardo na forma de uma gota d'água suspensa na folha e que, ao sabor do vento, pode cair. Senti e gravei na alma o amor breve que tive. Digo amor na ausência de uma palavra que melhor descreva esses breves e inesperados acontecimentos.

Na manhã seguinte o vento soprava forte e batia no meu rosto e no dela, petrificando nosso olhar agora frio e desconsertado. Eu queria novamente a vida em meu colo, queria tocá-la com as minhas mãos. Eu queria mais. A sorte dos breves e doces acontecimentos é que serão eternos e docemente lembrados.

Tudo o que lhe diz respeito me interessa.
Num ato desesperado, digo-me: respeito!
Respeito a esse silêncio
– à sua majestade
A esse vento quieto que nos sopra
Esse meu sussurrar de fala trôpega
e o titubear diante do abismo.
Tudo que lhe diz respeito, sim, é riso
Irrisório é meu sentimento oculto
Ocultado e servil, é só um vulto
frente a sua imagem paraíso.
Tudo o que lhe diz respeito me importa

inda que em segredo eu siga em frente
no teu rastro, pelas ruas, becos, mente...
Sou eu mesma a bater à sua porta.

∞∞

– *Você* é *demasiadamente apegada e carente* – diz um.

– *Você* é *excessivamente superficial* – acusa outra.

As teorias. Há uma que se baseia em velhos modelos e outras que são bastante novas, fundadas na ideia *fast love,* uma vez só, antes que se estrague tudo. Não sabíamos em qual estávamos exatamente. Talvez em todas, talvez em nenhuma. Só sei que me batia uma vontade grande de reviver. Quando nos conhecemos já foi como se fosse, aquele, o último minuto de vida do nosso amor líquido. Só eu não sabia. No dia seguinte eu sentia a mesma vontade, um pouco ainda mais forte. Ela, não sei. Não houve tempo de perguntar nem de sentir, tive que ir embora. Escrevi cartas. Queria saber como estava. Tentei sondar seu pensamento, queria saber se eu passava por ele, mas ela pouco disse. Tentei de novo, mas nada soube até que silenciou totalmente. Sem saber se me calava ou se falava, eu esperava confiante no tempo que sara tudo. E sofria de novo de amor crônico.

Tive medo de incomodar. E com raríssimas exceções, medo não faz bem.

Não sei se queria um velho ou um novo modelo de amor; o mais moderno ou o mais antigo modo de viver um romance. Nem sei se queria romance, eu queria gostar. E ela queria amar outros amores, talvez.

Tratei de aceitar novamente que a vida é feita de breves sonhos e voei para outros lugares. Fui ver outras paisagens, admirar a natureza, adentrar o espaço da naturalidade me aliviava a tristeza.

Treinei meu coração na arte de esquecer. Com a idade, a alma assume o comando deixando o ego no canto. Aos poucos a gente vai compreendendo que nada dura para sempre, nem mesmo a dor que sentimos, e que a dolorosa pena é aceitar a efemeridade das coisas, esse fato irremediável. E fui me ajeitando com a minha dor miúda, mas sempre dor. Fui conhecendo-a de perto e lhe tratando pelo nome: dor.

Por muito tempo, imatura, pensei que eu tinha problemas, defeitos que afastavam as pessoas de mim, e que um desses defeitos era me manifestar, tomar iniciativa, dizer que desejava a outra pessoa, no caso uma mulher. Era uma espécie de culpa ou de vergonha por ser eu mesma, por reconhecer meus sentimentos. Não queria importunar as pessoas com minhas questões sentimentais nem as aborrecer com minhas confissões. E assim o meu amor me tornava vulnerável à solidão. Sofria sozinha e calada até que passasse outra vez.

∞∞∞

Era uma mesa de bar. O clima da discussão elevava a temperatura.

Certamente a única pessoa assumidamente homossexual ali era eu, visto que ninguém mais se manifestou. Reagi aos comentários com os quais, por coerência, eu não podia concordar apesar de estar vulnerável entre pessoas que pouco conhecia. Mas eu já me conhecia o suficiente para não levar desaforos para casa. Não precisava mais.

Nasci mulher, na região mais esquecida do país e numa família empobrecida entre as mais pobres; negra numa família branca; pertenci ao partido político de esquerda mais odiado de então; formei-me em Serviço Social, uma das profissões mais mal pagas e desvalorizadas do mundo; tornei-me imigrante em minha terra e, como se não bastasse, achei de gostar de mulher. Uma pessoa com esses

predicados só haveria de ouvir muito esculacho na vida.

Eu disse para todos e todas na mesa: – *Pois eu durmo com mulheres*. – Não queria afrontar, não, porque certos enfrentamentos doíam mais em mim. Também não era questão de exibição, não. Ser franca foi a única maneira de fazer o rapaz que estava à minha frente parar e refletir um pouco. Possivelmente ele não mudou de ideia. Nem eu. Mas debatemos sobre nossas opiniões divergentes. A pior coisa é engolir a seco aquilo que me atinge e fingir que não estão falando comigo. Na altura eu já podia falar.

Tudo começou quando o moço que estava à minha frente fez comentários críticos, ou cítricos, sobre uma cantora famosa na época:

– *Noventa e nove por cento das artistas de sucesso são lésbicas porque o mercado quer assim.*

– *Já pensou se elas são lésbicas por que elas querem ser quem são?* – retruquei.

Nenhum problema com a crítica necessária nem com a acidez. A questão era o foco da crítica, que ultrapassava o limite do artístico, do profissional, no caso, e adentrava o campo pessoal; e no aspecto mais pessoal que se possa imaginar: a cama de alguém. A discussão rendeu sobre vários temas. Mas fico com o que interessa à nossa proposta aqui, que é cavoucar nesse emaranhado de ideias em torno de assuntos largamente discutidos e, meu ver, mal experimentados. Não gosto de gelatina. Aquilo transparente que se mexe no prato parecendo uma coisa viva me dá asco. Detesto gelatina, acho seu aspecto visual insuportável. De modo que nada sei dizer do gosto da gelatina. Nunca provei. Voltando ao moço que estava à minha frente. Ele disse em tom de reprovação que a tal cantora famosa fazia música para suas meninas. Pelo visto, isso lhe parecia estranho, quem sabe uma impropriedade uma mulher fazer canção de amor para sua

namorada. Fiquei surpresa com a colocação de um homem jovem, aparentemente inteligente e sensível, e rebati:

– *Particularmente discordo de suas ideias quanto a esse tema.*

Argumentei para lá e para cá, sem o convencer. O jeito foi dizer que naquela mesa, justo naquele lugar e momento tão cisgêneros, havia um tipo desses, um desses exemplares fora do padrão: eu, embora não soubesse fazer verso nem canção para meus amores. E foi aquela saia justa, claro.

O que fazer com as mãos? Onde botar as mãos nessas horas? No bolso ou na consciência? A ver.

Ele se refez do espanto e foi gentil comigo dizendo que eu não parecia ser:

– *Mas você não parece.*

Enfim, sabe como é...

Acredito que enquanto estivermos na sombra não daremos a outra pessoa a oportunidade de nos conhecer e de se confrontar. E, consequentemente, o dever de nos respeitar sejamos bissexuais, homossexuais, heterossexuais, pansexuais, transgêneros ou assexuais. Em qualquer circunstância, ganhamos com a luz.

A quem aquela mulher que sabia compor dedicaria suas canções de amor, senão a quem amava de fato? E por acaso o amor não é igualmente ridículo para todos os sexos? Perguntei-lhe por que homens podem cantar às suas musas e as mulheres não, se elas também amam com paixão e com tesão e sentimento outras mulheres. E, se querem falar disso com poemas românticos para suas amadas, não podem e não devem?

Ele não soube responder. Titubeante, quase sugeriu que essa coisa de "minha menina" era desses sapatões que agora fazem muito sucesso na mídia manipulada pelo mercado que estimula

a sapatonice. Mídia essa que fazia mesmo era explorar a imagem de mulher masculinizada para vender produtos. Ou seja, de novo, o sucesso da mulher estaria condicionado ao corpo. A diferença é que, em vez de dormir com o diretor da gravadora ou com o empresário, agora teria que se deitar com outra fêmea para vender. Já que ser sapatão estava na moda e fazia muitas fãs.

Eu compartilhava da fantasia coletiva que era a tal cantora da época.

Rabiscar sensações em papéis, fazer poemas e publicar livros desde sempre foram tarefas arriscadas para mulheres. Muitas o fizeram sob o abrigo de nomes masculinos. Como foi difícil para mim, Ondina, decidir-me por entrar no seleto grupo das escritoras!

Fui trabalhando meus complexos no divã, na leitura, na conversa com amigos e amigas. Aos poucos fui compreendendo que cada pessoa tem suas lutas. E se não me compreendiam, se não correspondiam, se não me recebiam, se não me amavam como eu gostaria… Se elas preferiam o silêncio ou se elas me ignoravam, era por razões suas. Entendi que não havia um problema comigo. Que cada uma lida com suas complexidades, com seus corações doloridos, quem sabe. E que podem até sofrer com isso, como eu que, então, sofria por não saber como não sofrer.

Colocar-me na perspectiva da outra me fez mais compreensiva. Compreender minhas angústias me fez mais paciente.

Prefiro estar contente sempre que houver motivo para isso. Contentamento é coisa de dentro. Está aquém e além do que vem de fora e adentra, por mais lindo que seja. Olhar minha vida com lucidez fazia bem. Ser feliz não era a questão. Eu queria viver, sim. Custasse o que custasse, não abri mão de viver.

Entendi que apesar de contar com pessoas amigas ou familiares, tem uma hora que é somente minha. Tem um ponto num lugar que se enerva e somente eu posso alcançar e massagear para afugentar a dor. Na alma, essas dores costumam ficar crônicas à medida que o tempo vai passando. Mas isso não é o fim, pois também vamos aprendendo a cuidar dela. Aprendemos a fabricar o unguento que tira a dor sempre que precisar. Quanto mais fundo o lugar da dor, mais profundamente é preciso ir. Eu quis mergulhar até o fim.

E, se conseguirmos salvar nossas vidas do ódio, do ressentimento, do desespero da solidão...

E se conseguirmos nos salvar de nós... E, se dermos à nossa existência algum sentido digno de um ser humano que não se rendeu às contingências, terá valido a pena.

Na velhice, poder dizer sincera e honestamente que valeu pagar a pena de estar aqui... Ou, na morte, deixar dito em um rabisco que foi bom ter vivido já é razão suficiente para se experimentar um bom estado de contentamento e de graça.

Escolher caminhos – vários.
Arriscar em novas direções.
Se não perdê-los, ao menos domar os próprios medos.
Reconhecer a angústia se por desventura ela vier.
Fazê-la sentar na sala e nunca tangê-la como inimiga.
Exercícios preciosos.
Coragem.
Eu presa à minha liberdade.

Naquele ano passávamos férias entre amigos e amigas numa praia afastada.

Foi ali que a conheci. No começo era admiração mútua e

conversas reveladoras de afinidades. Tínhamos dias naquele lugar luminoso e aprazível, tempo suficiente para um lindo e único encontro. Eu ainda não compreendia bem isso de amor líquido. Não sei se o grupo percebia nossa cumplicidade. Não sei. Será que não perceberam nadinha em um convívio de um mês inteiro de verão?

Mulheres podem deitar na mesma rede, dormir na mesma cama, abraçar, beijar no rosto, dar selinhos, andar de mãos dadas na rua, sem sofrer recriminação por isso que representa, sem dúvida, um ganho enorme para nós. As crianças também não o fazem sem qualquer conotação sexual? Não raro os comportamentos das mulheres são infantilizados. Que tiremos algum proveito disso.

Por outro lado, manifestação de afeto nem sempre é sinal de uma relação amorosa. De jeito nenhum. Apesar de muita coisa viver à paisana dentro dos limites permitidos. De verdade, lamento que alguns contatos não tenham parado aí, certamente não me veria privada de convivências que eu tanto prezava.

Naquela ocasião eu gostaria que soubessem de uma vez que estávamos envolvidas, já não aguentava mais a penumbra. Tanta diligência para esconder uma coisa tão bonita! Mas não podia.

Ora, se tenho vergonha de mim, o que dirão as demais pessoas a meu respeito? Se nego ser quem sou, que fará o mundo comigo?

> I just want to live my own life
> Let me live my life
> And drive my fears away
> Choose a different way
> Build a better day
> Let me make my own way[32]

– *Estou apaixonada por esta linda pessoa!* – Só queria afirmar.

Não podia porque apenas metade da história era minha. A outra metade era segredo.

Quando dissimulamos, as pessoas a nossa volta, seja por respeito ou por não saberem o que fazer com nosso temor, fingem que não nos percebem. Estabelece-se um acordo tácito: você finge que me engana e eu finjo que acredito.

Claro que os amigos e amigas ao meu redor sabiam da minha intimidade, nada secreta nessa altura. Na ocasião ninguém ousava me perguntar nem comentar nada, pelo menos comigo e com minha mais que querida amiga. A ideia era não criar constrangimento, mesmo em se tratando de um grupo que passava férias junto. Os casais ditos héteros se expressavam abertamente e até podiam brigar. Eram relações moralmente celebradas.

Já contei que no princípio eu também me escondia. Por isso não condeno. Não tenho moral para julgar e condenar. Mas, quero refletir. Quem me conheceu no passado, na certa se perguntava sobre mim:

– Uma mulher jovem e saudável não tem vida afetiva? Mostra todo o livro, mas não mostra a capa? O que lhe acontece?

Sou um rio inteiro, da nascente à foz. E muita coisa acontece às águas desse rio na medida em que descem os anos. Mudei bastante desde ocomeço. O faz de conta já me aborrecia demasiadamente. Eu queria conversar sem pudor sobre meus sentimentos e sobre minhas pertenças quando valesse a pena. Nesse sentido eu queria ser comum como todo mundo. Quando fui perdendo o medo, largando o autoflagelo e me despindo do preconceito, o outro lado era oculto. Quando me livrei da vergonha de gostar de outra pessoa que atende por nome de mulher, a outra parte permanecia ainda lá. Era assim que era.

No grupo, naquelas memoráveis férias de verão, estavam pessoas de diferentes credos e ideologias políticas. No campo das

relações pessoais se passava o mesmo. Tinha gente que escondia amantes, outra fazia segredo da idade, outra devia dinheiro e confessava. Outros já tinham resolvido suas vidas e davam pinta. Tinha de tudo em nosso microcosmo.

∞∞∞

O eterno.

Havia um terno trio ou triângulo formado de duas amigas queridas e um amigo maravilhoso: Annie era mulher de Heitor e de Lena e mãe de Flor. Heitor era pai de Flor e esposo de Annie. Lena era mulher de Annie.

Entendeu?

Annie e Heitor tiveram uma filha linda, Flor, e as duas mulheres da casa cuidavam da menina como mães dedicadíssimas, junto com o pai, parceiro de uma delas. O pai se desdobrava em atenção às três mulheres da família. Nós, os amigos e amigas e suas famílias, sabíamos que ali havia um vínculo amoroso que transcendia a simples amizade. Aquelas duas com aquele um compartilhavam tudo o que dava, inclusive a casa. Mas ninguém ousava comentar nada que desconsertasse.

Nos dias de festa e de reunião de família, todo mundo reunido e aquela saia justa. Era mesmo um tormento viver em meio a tanta hipocrisia e medo, pois não poderia haver uma história de amor e parceria mais completa e digna de ser mostrada e contada – e, quem sabe, aprendida e imitada.

Eu e mais umas duas pessoas próximas gozávamos do privilégio da confiança dele e delas com relação ao assunto. Ainda assim falávamos pouco sobre isso. Annie e Heitor se apresentavam como marido e mulher e a união estava autenticada pelo nascimento de uma criança. Lena, não tendo o que dizer, ou melhor, não podendo nada dizer, ficava calada na roda.

Heitor morreu ainda cedo por causa de uma fatalidade.

Depois da sua morte, Annie se apresentava como a viúva do saudoso Heitor. Lena lhe dava toda a força do mundo na intimidade. Eram parceiras de vida, mas publicamente não passavam de grandes amigas. Aparentemente, Lena levava uma vida casta. Não aparecia com ninguém. Esse aspecto da sua vida inexistia para além das paredes da casa que tinha as digitais de três amantes. Eram artistas.

O que dizer disso tudo? Nada.

Não é preciso dizer nada. Basta ver. Basta viver. Basta viver e amar.

As pessoas descobrem seus jeitos. Dão seus pulos.

Nesse caso o jeito certo é o de cada uma. Ainda Virginia Woolf, que confessava:

> As relações sexuais me entediam. Porque sou pudica? Ou feminina demais? Fui espectadora de uma dezena de histórias de amor intensas, cruciais. E cheguei a conclusão de que o amor é uma loucura.[33]

Vai ver ela tinha razão.

Virginia também se ocupou dessas bobagens que tanto me perturbaram.

Aprendi a cuidar da minha dor sozinha. E, se alguma coisa haveria de cair, que fosse o mundo. Não eu. Essa espécie de pacto interno me valia. E quase sempre eu escolhia estar em acordo comigo. Entre eu e o mundo, escolhia minha saúde. Fui desenvolvendo uma incurável preguiça de sofrer. Não era (só) por vaidade que não pedia para o ser amado ficar, não era. Desde cedo minha noção de liberdade me

impedia de prender. Punha-me no lugar da outra e bastava. Perguntava-me: – *E se fosse eu a querer ir embora?* – Iria gostar de poder partir. Li certa vez: "Amar é ter um pássaro pousado no dedo. Quem tem um pássaro pousado no dedo sabe que, a qualquer momento, ele pode voar."[34]

Pois que voe, se quiser voar. E volte, se quiser voltar. Contudo, não terá a mesma mão nem o mesmo dedo onde pousar. Terá outra mão, quem sabe envelhecida, e outro dedo, talvez enrugado pelo tempo – o hiato entre ida e volta. Que me conte histórias de outras paisagens, terei também as minhas novas para contar. Nunca passarinho que se foi em liberdade, se voltou, voltou da mesma forma. Veio renovado e transformado numa coisa tão bonita que nem tem nome. Outros se foram para sempre e não quiseram ou não puderam retornar. Acharam outros dedos para pousar por aí. Melhor assim. Que se renovem noutro lugar.

Confesso que cheguei a um ponto em que já não sabia se estava plena de amor em mim ou completamente esvaziada. A impressão de prescindir desse amor pelo qual procurei a vida toda, ou pelo menos das sensações que as paixões me causavam me deixava em quase paz. Afinal, não foi por isso que procurei? Eu queria a calma que esperava encontrar na maturidade. Mas, tinha dúvida quanto a viver sem amor dirigido a uma pessoa só, esse com contornos sensuais também. Será possível prescindir disso? Eu e meu punhado de perguntas.

Apaixonei-me por causas. Na medida em que meu tempo avançava ia me dando a outras paixões que, não necessariamente, me arrebatavam como antes. Tudo o que eu queria era poder amar sem lamentações fosse quem fosse, fosse como fosse. Posso dizer que até tive sucesso na empreitada. Da paixão exasperada por um ser a um estado perene de paixão por tudo, pela vida inteira.

De alguma maneira consegui estancar a sangria que me exauria. Cheia pelas tampas ou varrida dos sonhos inocentes da juventude que

se arrastam vida afora. O fato é que já sentia um estado de bem, aquisição de décadas de labor, tijolo por tijolo postos numa construção difícil e cara. Eu já podia me sentir. Era isso.

Ao menos na esfera dos ardores eu já gozava de sossego na alma.

Tenho sessenta e cinco anos. Cheguei aqui com meus apetrechos. São muitos que trago nas mãos e na alma, recortes de toda a vida. Agora é hora de descansar. Cada coisa em seu lugar, disposta na linha do meu tempo me dá a dimensão do quanto andei. Andei bastante para quem nasceu sem saber andar, para quem teve de descobrir as próprias pernas e caminhar... E caminhar.

Sobre amores futuros?

Que dizer do que ainda não vi? Dizer que a porta está entreaberta? Nem totalmente aberta, nem totalmente cerrada.

Quem chegar com boa intenção bata pianinho que ouvirei. Não faça barulho, aqui não tem barulho. Isto aqui só pode ser o céu. Estou vivendo no céu que fiz para mim. Bata devagar, toque gentilmente neste coração que tanto bateu e agora só apanha frutos frescos no quintal. Tenho um vasto quintal verde. A terra do meu quintal é fértil ainda, basta regar com sentimento que saltarão rosas aos olhos.

Darei uma festa. Uma grande festa para meus amigos e minhas amigas jovens que me visitarão.

Convidarei meus amores, que ganharam corpo e sopro e nome.

Haveremos de recuperar em tudo a força ancestral geradora do bem. Existe em nós a energia que nem sempre tocamos, mas ela nos toca e nos acompanha. É um alento que vem das histórias vividas e contadas. Lembro-me de muitas que ouvi de minha mãe, histórias da sua mãe, da sua avó e bisavó. Mulheres contam histórias e isso

lhes faz bem. Na fila do hospital, na fila para pegar água, na fila do banco, na porta de casa, em toda parte elas falam de si. Há quem ache que falam demais. Deve ser isso que as desanuvia. Falam de muitos assuntos. Descobriram a medida terapêutica para seus males: falar.

Poucos temas escapam das confissões que fazemos às nossas iguais. Normalmente só não falamos daqueles que nos põem vergonha, daqueles dos quais supostamente não devemos falar sob pena de censura e incompreensão. Mas, até desses agora ousamos tricotar.

Amei em sussurros.

Agora meu desejo só deseja comunicar, falar para quem me der ouvidos, do meu amor também. Não quero mais diário, quero interlocução. Nada de gaveta, quero a luz da minha janela. Nada de armário, quero saída para o mundo. Durante um tempo me debati detrás da porta, saí pelo telhado ou pulei o muro. Por bastante tempo vesti outra pele para esconder a minha, a verdadeira. Pintei-me de outra cor para me disfarçar na multidão. Era preciso, eu sei. Porque eu ainda não podia carregar, sozinha, meu Ser à mostra. Agora, sim, posso carregar minha estrutura inteira. Com o tempo os ossos numerados ganham consistência.

O assunto que me ocupa é a humanidade. A luta por conhecer esse meu ser [humano], isso que não entendo bem, é o que me diverte na vida. Resignadamente, ir até onde não puder mais na aventura de saber de mim é a tarefa mais angustiante que posso ter e, paradoxalmente, a única que me restitui a paz como recompensa.

Quero dar uma festa.

Quero celebrar com todas as que me deram a conhecer uma vida de sentido. A umas, conheci mais profundamente. A outras, de maneira superficial. As mulheres que conheci bem ou mal me deram luz. Mulheres trazem a dádiva de dar a luz e dão vida a novas

criaturas, a projetos, a poemas, a canções; têm a prerrogativa de dar sentido à existência. Batalhemos por uma vida de sentido.

A morte tem nome de mulher. Por que será? Pensei nisso agora...

O tabu da morte. Talvez seja esse o nosso próximo grande desafio, depois da sexualidade. Revelar a morte, essa passagem. Encontrarei coragem para contemplar a minha morte. A cada dia finalizo a tarefa que não gostaria de deixar incompleta. Finalizo de alguma maneira o que não gostaria de deixar pela metade ao ser surpreendida. Sou ligada às *gestalts*. Necessito fechá-las. Não sei o que seria de mim se, de repente, descobrisse que não teria um fim para meu corpo gasto. E, em vez de pensar uma vida sem morte, pergunto-me: como seria não morrer? Um renomado autor da literatura universal já o imaginou e não deu muito certo. Pequenas intermitências na tarefa de ceifar e o mundo virou um caos pela ausência dela, a morte. É claro que não tenho mais a potência de uma jovem. E sei que tardará cada vez menos meu grande sono. Pois que venha. Que venha quando quiser a grande dama da justiça, a Morte, que não faltará a ninguém. Depois de tanto bater por aí, todo mundo precisa descansar.

Antes que chegue minha hora, darei uma festa.

∞∞∞

Num treze de fevereiro, termino de reler este esboço mais do que nunca convencida de que a vida é e será sempre, enquanto houver vida, uma experiência inacabada como um livro.

Surpreendentemente, hoje recebi a mensagem que segue de uma transeunte dessas páginas.

Seis anos depois ela pôde falar e, investida de poesia, disse:

"Tento, desesperadamente, esquecer
o cheiro, o tato, a cintura
De repente, você esteve presente e senti medo...
Medo de mim.
Do meu encantamento,
Dos meus medos interiores
De tudo que não soube dizer.
Parecia música,
Vida,
Tudo o que se pode ter."

Repito:

Falei demais? Desculpem. É que eu tinha gana de falar. Perdoem-me se só pude falar agora.

Só tive vontade de falar agora. Importante é que falei.

Aprendi a falar inclusive do menos sensato, do menos direito, do menos bonito. Falei ao papel e ele seguirá falando de mim e de nós.

Falar cura.

NOTAS

1 Rainer Maria Rilke. *Cartas a um jovem poeta.*

2 Frase atribuída a Jesus de Nazaré.

3 Excerto de *A Hora da Estrela,* Clarice Lispector.

4 Socorro Lira. Poema "Perdi um filho".

5 Poema de Rafaelzinha, declamado por Zeto no CD *Curvas.*

6 Trecho do cordel *Mulheres Fazem*, de Salete Maria da Silva.

7 Idem.

8 Versos de Luís de Camões.

9 Socorro Lira.

10 Versos do "Poema em Linha Reta", de Fernando Pessoa.

11 Idem.

12 Trecho da canção "Até mais vê", de Socorro Lira.

13 Lilith é uma figura do folclore hebraico, assírio e babilônico, também citada no livro de Isaías 34:14, na Bíblia Sagrada – Edição Pastoral.

14 A Canção de Lilith", poema de José Eduardo Agualusa, musicado por Socorro Lira.

15 Trecho da canção "O desejo", de Socorro Lira.

16 Daniel Goleman, no livro *Inteligência Emocional.*

17 Versos do poema "Assombramentos", de Socorro Lira, no livro *Aquarelar.*

18 Poema "Aviso", do livro É *tempo de noite*, de Eunice Arruda.

19 Trecho da canção "O Espelho", de Socorro Lira.

20 Referência ao poema "Verdes são os campos", de Luis Vaz de Camões.

21 Trecho da canção "Volta por cima", de Paulo Vanzolini.

22 Poema "Amiúde", de Socorro Lira.

23 No livro *Tête-à-Tête*: Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre, de Hazel Rowley.

24 Poema "É", do livro *Da perspectiva das orquídias*, de Socorro Lira.

25 FUSINI, Nadia. *Sou dona da minha alma*: o segredo de Virginia Woolf. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 183.

26 Friedrich Nietzsche em *Assim Falou Zaratustra. p.* 158

27 *Trilogia do Silêncio*, de Ingmar Bergman.

28 Alusão ao livro *Martelo das Feiticeiras*, de Heinrich Kraemer e James Sprenger, cuja primeira edição é de 1846 ou 1847. Era considerado um "manual de diagnóstico de bruxaria" durante a Inquisição.

29 Versos do poema "As mais epifanias", de Ana Luísa Amaral.

30 Frase de Hilda Hilst.

31 Fala da protagonista de *Juventude*, filme de Ingmar Bergman.

32 Trecho da canção "My own way", letra de Cristina Saraiva e melodia de Socorro Lira.

33 FUSINI, Nadia. *Sou dona da minha alma*: o segredo de Virginia Woolf. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 183.

34 Frase de Rubem Alves.

AUTOR

Socorro Lira nasceu no Estado da Paraíba, Brasil, e vive em São Paulo desde 2004. Formada em Psicologia Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), dedica-se à música desde 2001. Compositora, cantora, escritora e produtora cultural, sua discografia inclui quinze álbuns, DVD e singles. Foi premiada em 2012 e indicada em 2016 e 2017 ao Prêmio da Música Brasileira como melhor cantora na categoria regional. Suas canções têm sido gravadas por vozes consagradas da MPB. Como produtora, cria e participa de projetos como o Espaço Mata Branca em sua cidade natal, Brejo do Cruz, eo Prêmio Grão de Música. Seu interesse pelo cinema a levou a fazer formação livre na área, como cursos de roteiro cinematográfico e produção audiovisual; Cinema e Direção na Academia Internacional de Cinema (AIC), em São Paulo, e 'La puesta en escena' na Escuela Internacional de Cine y TV (EICTV), em Cuba. Produziu e dirigiu os curtas Aqui Tem Coco - Um dia em Caiana dos Crioulos e Zefa. Na literatura, publicou poesia, infantil e agora relança seu primeiro romance, Falar dos Meus Amores Invisíveis nos formatos físico e E-book.

Mais em https://www.socorrolira.com.br/

ISBN 978-659998540-9

9 786599 985409